RIMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS

RIMAS
DE
JOÃO XAVIER DE MATOS

ENTRE OS PASTORES
DA ARCADIA PORTUENSE

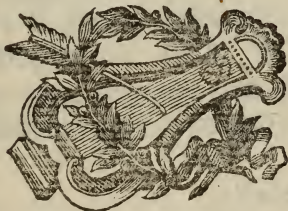
ALBANO ERITHREO

DEDICADAS Á MEMORIA
DO GRANDE

LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS PORTUGUEZES

DADAS Á LUZ
POR
CAETANO DE LIMA E MELLO.

TOMO SEGUNDO.

Quarta Impressão.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. 1801.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na loja da Impressão Regia á Real Praça do Commercio.

Mettido tenho a mão na conſciencia,

E não fallo ſenão verdades puras,

Que me enſinou a viva experiencia.

Camões. *Son. LXXXVII.*

PROLOGO.

JUDICIOSO Leitor, juſtamente perſuadido de que te foi grato o trabalho, que tomei de juntar, e offerecer á tua curioſidade o Primeiro Tomo das Poeſias de JOÃO XAVIER DE MATOS, me animei a continuallo, para agora te dar a ler o Segundo. As contínuas moleſtias, que o A. tem padecido, e padece, não permittião que elle ainda ſe déſſe á luz, e muito menos as Tragedias; porém a impaciencia d' alguns curioſos não conſente ſe eſpere, que elle o poſſa rever com o ſocego, que pede a materia, nem que deixe de ſe juntar a mecellania, que com repugnancia do A. vai no fim. Se fores pio, rogo-te que diſſimules; ſe o não fores, peço-te que o não lêas.

Vale.

SO-

SONETO

EU chorarei de Amor tão triſtemente
Por hum modo tão novo, e deſuſado;
Que quem nunca o tiver exprimentado,
Só de ouvir ſeus effeitos o exprimente:

Direi n'um breve eſcrito a toda a gente
Quantos caſos por mim já tem paſſado;
Porque ſaiba qualquer deſeſperado,
Que inda ha outro mais triſte, e deſcontente.

O' vós, que Amor, com moſtras de innocencia,
De novo as ſans vontades contamina,
Sem lhe valer a antiga experiencia,

Quando lerdes em mim quanto ella enſina,
Fareis dos voſſos erros penitencia,
Que os meus erros ſerão voſſa doutrina.

SO-

SONETO

TEmão embora a morte os que afferrados
Aos groſſos cabedaes, que poſſuião,
Nunca tão brevemente preſumião,
Que lhes foſſem das mãos arrebatados:

Temão deixar co' a vida os começados
Muros das altas caſas, que erigião;
A cara eſpoſa, os filhos, que creſcião,
Os brandos leitos, os tremós dourados:

Que eu ſem bens, e ſem caſa, vagabundo,
Mal cuberto c' o manto da indigencia,
Já não temo da morte o horror profundo:

No que me tira não me faz violencia;
Que o melhor modo de ſahir do Mundo,
He cheio ou de miſeria, ou de innocencia.

SONETO

JA' lá vão ſete Luſtros, que eſte monte
Berço me foi : já da vital jornada
Mais de meia carreira eſtá paſſada;
E cedo iremos ver outro Horizonte:

A mão já treme, já ſe enruga a fronte,
Já branqueja a cabeça, e co' a pezada
Conſidração da vida mal gaſtada,
Vai-ſe apagando a luz, ſeccando a fonte.

Pouco nos reſta, que paſſar já agora:
E para as derradeiras agonias
De tantos annos, aproveite hum' hora.

Eſperanças, temores, vans porfias,
Paixões, deſejos, ide-vos embora;
Favor, que me fareis por poucos dias.

SONETO

JA' me não enganais, roſtos fingidos,
Inda em mais fórmas que Proteo mudados,
A contrafeitos riſos coſtumados,
Quaes em fonte Sardonica bebidos.

Algum fruto dos males padecidos
Hão de tirar os bem exprimentados,
Que he vir a conhecer diſſimulados,
Raras vezes no Mundo conhecidos:

Já ſou outro; mudei de qualidade;
Fechou-ſe o coração: ficai de fóra,
Subtis imitadores da verdade:

Ide-vos delle, para ſempre, embora;
Que já não tem as portas da amizade
Tão faceis de ſe abrir, como até agora.

SONETO

AQuelles dous, que oppoſtos ſempre andárão
O Amor; e a Fortuna, as mãos ſe derão:
Ambos meus inimigos ſe fizerão;
Que a não ſer iſſo, nunca ſe ajuntárão.

Ambos a mim á falſa fé chegárão,
Deſtruindo, aſſolando, em fim vencêrão;
E depois que os deſpójos recolhêrão,
Entre ſi repartidos os levárão.

Não me levárão mandos, nem grandezas,
Eſtimações, theſouros, nem privança,
Couſas, que para mim não são riquezas:

Levárão-me a alegria, e a eſperança:
Joias de mais valor, que vejo prezas
Nas mãos de huma Mulher, e huma Criança.

SONETO

CHegou, Paſtora, o termo derradeiro
Deſſa paixão, que cego me trazia;
Tão fria eſtá, que não eſtá tão fria
A' meſma agua na força de Janeiro:

Já poſſo eſtar ſem ver-te hum dia inteiro;
Hum mez, hum anno, hum ſeculo eſtaria;
E c'o meſmo ſocego te veria
Nos braços do mais ruſtico vaqueiro.

Ouço o teu nome, e já não ſinto aquella
Suave commoção, que exprimentava:
Cuſtou-me, mas triunfei da cauſa della;

E as cores, com que Amor te retratava,
Já te não pintão tão formoſa, e bella:
Olha como a paixão me allucinava.

SONETO

JA' me não venço, Amor, de hum géſto lindo,
Nem de huma voz de Circe encantadora;
Já venci, já triunfei da mão traidora,
Da mão daquella, que me andou ferindo.

Dize-lhe, que, o ſeu jugo ſacudindo,
Os ferros quebro, que arrojei té agora;
E, que ſe rir coſtuma de quem chóra,
Que eu já não chóro, e que me fico rindo.

Que neſte dia, da razão armado,
Quebrei o encanto, deſatei o enredo:
Dia por certo bemaventurado!

Mas que não cuide, que o fugir-lhe he medo;
He odio; e que ſó vou acompanhado
Da viva dor, de lho não ter mais cedo.

SONETO

EM batalha campal me desafia
Copido, só por só. Não sei que faça;
Se houvera só valor, e não desgraça,
Nenhum receio de o vencer teria:

Mas quem sempre da sorte desconfia,
Porque lhe fora em toda a vida escaça,
Que triunfos espera de quem traça,
Para matar, enganos cada dia?

Eu bem sei que a matallo só me atrevo;
Mas para me vingar, sem desvarios,
Bastão as sem-razões, que delle escrevo.

Se elle quer, venha cá; verá meus brios:
Que eu amo a Deos, e ao Rei; e obrar não devo
Contra a Lei, que prohibe os desafios.

SONETO

COntra o poder de voſſas mãos, Senhora,
Quem ha de reſiſtir? Se baſta vellas,
Para morrer de amor por goſto nellas,
Para vos declarar por vencedora.

A meſma Natureza ſe namora
De tão formoſas mãos, de mãos tão bellas;
E ſe eu ſou digno de jurar por ellas,
Juro, que outras iguaes não faz já agora.

Por ellas deixa Amor da Mãi os braços;
E, beijando-as, os ferros paſſadores
Nellas vos põe, já feitos em pedaços:

Pois acha neſſas mãos, mais ſupriores,
Mais ſuaves farpões, mais doces laços,
Para prender, para matar de amores.

SONETO

VAi, ó caro Limano, que a ventura
Náo ſe fez para mim, vai ver aquella,
Como a qual nunca viſte outra táo bella
Em graça, em diſcrição, e em formoſura.

Pinta-lhe a melancolica figura,
Em que aqui fico a ſuſpirar por ella:
Pinta-lhe a dor de náo poder ir vella,
Se he que podes fazer-lhe eſta pintura.

Dize-lhe, que te invejo a liberdade
De ir ver ſeus olhos, unico conforto,
Que eu teria na minha enfermidade:

Dize-lhe, em fim, que fico tal de abſorto,
Que mais te quiz dizer; mas que a ſaudade
Náo deixou dizer mais, pois me tem morto.

SO-

SONETO

Se quem te vê, bellissima tyrana,
Morrer por ti de amores se não sente,
Leite mamou de Libica Serpente,
Ou parto foi de alguma Tigre Ircana:

Quem haverá, que, vendo a soberana
Graça gentil de teu olhar sómente,
Não se abraze na luz resplandecente,
Na viva luz, que dos teus olhos mana!

Como pertendes, pois, que eu te resista?
Se a tua, nunca vista, formosura,
Para vencer as mais, basta ser vista!

Mas se he porque em mim vês tanta brandura,
Que tens em pouco a gloria da conquista,
Culpa quem me não deo alma mais dura.

SONETO

EM ti mil Graças ſempre eſtão chovendo:
Se fallas, Graças mil ſe eſtão ouvindo;
Mil Graças neſſa boca ſe eſtão rindo;
Graças mil neſſes olhos ſe eſtão vendo:

Beijão-te humas as mãos; outras, correndo
A teus mimoſos pés, te vão ſeguindo;
Humas por tuas faces vem ſubindo;
Outras por teus cabellos vão deſcendo.

Não são ſó tres as Graças, milhões dellas,
Que te acompanhão tão gentil figura,
Ficão, poſtas em ti, ſendo mais bellas.

Já quiz contallas, mas achei loucura;
Que he reduzir a numero as Eſtrellas,
Contar as Graças neſſa formoſura.

SONETO

AQuelle roſto, aquelle affavel roſto,
Cheio d' um não ſei que, mais do que agrado,
Sempre innocente, ſempre delicado,
Tanto ao naſcer do Sol, como ao Sol poſto;

Aquelle ſitio, que ſervio de encoſto
(Ditoſo ſitio!) A tanto bem amado;
Aquelle chão, por elle já pizado,
Cujas pégadas beijarei por goſto;

Tudo me manda Amor, que n' alma traga:
Nem, por mais que nos fuja o tempo leve,
Eſta viva lembrança em mim ſe apaga.

Ninguem riſcar memorias taes ſe atreve;
Pois ſó a mão da morte he que as eſtraga,
Quando a pena de Amor he que as eſcreve.

SONETO

PAra que em mim os olhos teus puzeste,
Tão cheia de piedade, e de brandura?
Para que lhe augmentaste a formosura
No lindo movimento, que lhe déste?

Se foi, para ferir-me, que os moveste,
Deixa-me agradecer-te esta ventura;
Torna a ferir-me, que eu não peço a cura
Das chagas immortaes, que me fizeste.

Se me vires cubrir de amargo pranto,
Não perguntes porque; pois não duvidas,
Que a causa és tu, meu Bem, de eu chorar tanto:

São sangue d'alma as lagrimas vertidas;
E á vista do aggressor não causa espanto,
Que torne a sahir sangue das feridas.

SONETO

Nunca mais tornarei a ver teu rosto;
Porque Amor, a quem tenho consultado,
Diz, que não sabe, que o pergunte ao Fado,
De cuja negra mão pende o meu gosto:

De quem foi sempre a meu alivio opposto,
Que bem devo esperar? Desenganado
Já me tem a expriencia do passado;
Nunca mais tornarei a ver teu rosto.

Eu o disse mil vezes, na memoria
Eu o disse mil vezes, quando vinha
De conseguir de amor tanta victoria:

Que a gloria de te ver, que me mantinha,
Quando não fosse breve, por ser gloria,
Sempre havia acabar-se, por ser minha.

SONETO

DO Téjo as mansas ondas apartava
No seu pobre batel, Albano, hum dia,
Pescador de miuda pescaría,
Com que apenas a vida sustentava:

Com os olhos nas praias, que deixava,
Cheio das saudades, que trazia,
Da Ninfa o doce nome repetia,
Da Ninfa, por quem tanto suspirava:

Chegando á praia opposta se entristece,
O saudoso Albano, de tal sorte,
Que vivo não, mas morto já parece:

Salta n'areia, e diz: Cruel transporte!
Triste de quem se ausenta, que padece
Huma saudade mais cruel, que a morte!

SONETO

QUal depois de horrorofa tempeftade,
De que a vida efcapou, fahindo a nado,
Vem c' o veftido unico molhado,
Movendo as gentes todas á piedade:

Tal eu depois da negra efcuridade,
Em que eftive até agora fepultado,
Surjo ante vós, ó Jonia, deftroçado
Dos procelofos mares da faudade.

Elles no fundo abyfmo me tiverão:
Elles ás altas nuvens me levárão;
Mas falvei-me onde tantos fe perdêrão.

Piedade, oh Jonia! A huns olhos que chorárão,
E que no mar do pranto, que fizerão,
Por milagre de Amor não fe affogárão.

SONETO

QUal muda Rez, de pés, e máos ligada;
Sem fazer ao cutélo reſiſtencia,
Quer Jonia que eu me cale, e que á violencia
Traga ſempre a razáo ſacrificada.

Quer que huma alma, de amor ao jugo atada,
Tenha em ſoffrer tamanha perſiſtencia,
Que no affrontoſo carro da paciencia
Vá em triunfo público levada.

Que mais quererá Jonia? Que inda ufano
Da cauſa vil, por que de novo peno,
Adore o erro, conhecendo o engano?

Vá Jonia amar hum coraçáo pequeno,
Que antes a Furia reduzido Albano,
Comerá ferro, beberá veneno.

SONETO

ENganei-me com Jonia: Paciencia:
Cuidei que achaſſe hum coração conſtante;
E que debaixo de hum gentil ſemblante
Moraſſe huma alma cheia de innocencia:

Achei, em vez de amor, huma apparencia;
Que paſſou por verdade, e a cada inſtante
Huma alma enganadora, hum genio errante;
Enganei-me com Jonia: Paciencia.

Oh! Quem antes de amar a conhecêra;
E então tivera, como tenho agora,
Hum coração de bronze, e não de cêra.

Mas ſe era coſtumada a ſer traidora,
Fez muito bem, obrou como quem era,
Que não fora mulher, ſe aſſim não fora.

SONETO

NÃo vades hoje ao campo, ó Lavradores;
Deixai, Ninfas do Téjo, as aureas teas;
Cesse nas praias, cesse nas Aldeas
Vosso trato, Barqueiros, e Pastores.

Vós Virtudes, vós Graças, vós Amores,
Descei do Ceo; e em festivaes Choreas
Serranas, Ninfas, Dryades, Napeas,
Dai a Anarda, comigo, altos louvores.

Este he de nós o Idolo adorado:
Vede, que Amor, e o Tempo, ante seu vulto,
Hum a fouce, outro as settas tem quebrado:

Faz annos a pezar do seu insulto:
Ah! Festejai hum dia tão sagrado,
Que até estes tyrannos lhe dão culto.

SONETO

VAi Genoveva: os favoraveis ventos
Em paz te levem pelas ondas manſas;
Que erguendo os olhos, q̃ eſpalhando as tranças,
Bem podes ſerenar os Elementos:

E ſe de ir ver eſtranhos apoſentos,
Te hão de ſeguir altiſſimas bonanças,
Fiquem ſem vida as noſſas eſperanças,
Fiquem com premio os teus merecimentos.

Dos altos dons, que te negou Lisboa,
Abrir os cofres á fortuna vejo,
E que em Paris com elles te coroa:

E em quanto ſe não cumpre o teu deſejo,
Eſcuta alegre, o que de ti pregôa
Em França o Sena, em Portugal o Téjo.

SONETO

N'Um tronco Amor á viſta dos Paſtores
O arco, e as ſettas pendurado havia,
Pois quiz, em teu obſequio, ter hum dia
Ocioſos os ferros paſſadores.

Huma capella de cheiroſas flores
Elle nas creſpas azas te offrecia;
E cheio de doçura, e de alegria,
Cantando derramou eſtes louvores:

Vive, Ninfa gentil, desfruta a gloria
Da minha protecção, que, entre os humanos;
A ninguem concedi tanta victoria:

Vive a pezar dos ſeculos tyrannos;
Que de teus bellos annos, a memoria
Ha de durar, em quanto houverem annos.

SONETO

A Narda, vossa Mana será bella;
Porém a par de vós nunca o parece,
Que huma só graça vossa lhe escurece
Todas as graças, que se encontrão nella:

Já que lhe quereis bem, tende a cautela
De a não levar comvosco onde apparece;
Vós o sabeis, o Mundo o reconhece,
Pois á vista do Sol não luz a Estrella.

Bem que mil vezes me digais, que minto,
Tenho razões tão altas de sobejo,
Que igualalla comvosco não consinto.

Não sei se he illusão do meu desejo;
Só sei que, vendo os olhos seus, não sinto
Isto que sinto, quando os vossos vejo.

SONETO

ORa aqui, ora alli, ferindo a gente
Anda Amor, em teus olhos disfarçado;
E por não ser (como he razão) culpado,
Diz, que lho mandas tu, não sei se mente.

Quando teme passar por delinquente,
A teus cabellos voa, onde enredado
Dentro delles está, como em sagrado,
Armando laços de ouro subtilmente.

Mais do que Amor, és tu quem nos maltratás;
Pois as mortes, que faz, tu lhas decretas;
Que elle com ser cruel, tem Leis mais gratas:

Trazes todas as almas inquietas;
Porque tens com que as prendes, com q̃ as matas,
Nos cabellos grilhões, nos olhos settas.

SONETO

EM brando verſo celebrar queria
Os bellos annos de Marilia bella;
E co' a Lyra na mão, e os olhos nella,
Mais que ás Muſas, influxo a Amor pedia.

Elle que já mil flores lhe trazia,
Em quanto lhe formava huma capella,
Mandando-me calar, diante della,
Em alta voz em ſeu louvor dizia:

Tu, ó Jove immortal, que dos humanos
Dás, e tiras a vida, em vituperio,
Não ſó dos Altos Reis, dos vís Serranos:

A de Marilia, por maior myſterio,
Dilata, que, ſem ella fazer annos,
Não ſe ſuſtenta o meu famoſo Imperio.

SONETO

VÃo de valor, vão de Fortuna armados,
A conquiſtar o Mundo Heroes valentes;
E na téſta de exercitos rompentes,
Voltem de mil deſpojos carregados.

Soltos ao vento mil pendões ganhados,
Co' as já cativas numeroſas gentes,
Cortem do mar as túmidas correntes
Altas galéras de eſporões dourados:

Entrem por Grecia, e Roma; á generoſa
Sombra de arcos triunfaes de palma, e louro,
Oução acclamações em verſo, e proſa;

Que eu maiores triunfos entheſouro,
Contente da conquiſta glorioſa
De huns olhos pardos, de huns cabellos de ouro.

SONETO

NÃo foi, Marilia, a tua formofura
Quem me prendeo a folta liberdade,
Outras são as cadeias, que a vontade
Beija por gofto, arrafta por ventura.

O fragil dom de huma gentil figura
Voa nas azas da primeira idade,
E da pállida mão da enfermidade
O mais ligeiro toque a desfigura.

Teu grande coração, tua alma grata;
Teu claro efprito, de virtudes cheio,
Defprezador de todo o ouro, e prata,

He fó a formofura, em que me enleio;
Que efta, quando do corpo fe defata,
Para o Ceo torna a ir, de donde veio.

SONETO

VO's, arenosas, Escalabitanas
Margens do Téjo, a cujo antigo assento
Deo nome o curvo, o bellico instrumento;
Que orna o cinto das gentes Africanas,

Croadas de Salgueiros, e Espadanas,
Vede alegres o meu apartamento;
Que eu vou, como já fiz, n'outro aposento
Infamar, com meus ais, outras cabanas;

Mas se a vizinha, se a furiosa cheia,
Que já nos traz boiando o Chopo, e a Faia,
Ameaçar de mais perto a vossa Aldeia;

Porque respeite o sitio desta praia,
Mostrai-lhe, que aqui fica, sobre a areia,
Escrito o nome da formosa Olaia.

SONETO

Em torno de hum Altar, onde apparece
Da bella Olaia o mageſtoſo vulto,
Inquietos amantes lhe dão culto
Por mãos d'hum Sacerdote, que lh'offrece.

O devoto Miniſtro Amor parece,
Mas vive nelle disfarçado o inſulto:
Ah! Foge, Olaia, de quem anda occulto,
Dizendo, que he Amor, ſendo intereſſe.

Não cuides ſempre que, em hum peito humano,
São de Amor as offertas ſingulares,
Limpas de má tenção, como as de Albano;

E para o ſacrilegio caſtigares
Da mão ſagrada, que dirige o engano,
Fecha-lhe o Templo, eſconde-lhe os Altares.

SONETO

QUal o menino, pela mão levado
Para ver algum público festejo,
Sem saber regular o seu cortejo,
No meio está dos mais, como pasmado:

Tal eu, Senhora, pela mão guiado
De hum festival, de hum candido desejo,
Junto c' os mais, a Illustre mão vos beijo,
Sem que possa louvar-vos de admirado;

Mas se os puros affectos da vontade
Tambem são eloquentes neste dia,
Sirva de panegyrico a humildade;

Pois sei, que para vós tem mais valia
Os sãos conhecimentos da verdade,
Do que os dons soberanos d'armonia.

SONETO

A Os ſantos boſques do Tojal me guia
A mão fiel de hum feſtival cortejo;
E entre as ramas vagando o Monſtro vejo;
Que faz dos filhos ſeus crua iguaria.

Co'a curva fouce, que na mão trazia,
Os louros córta inſignias de feſtejo;
E c'uma voz, que lá ſe ouvio no Téjo,
Trabalhando, cantando, aſſim dizia:

Para o juſto Saldanha, que ennobrece;
Que adorna, e felicita a noſſa idade,
Torne eſte louro, que á ſua ſombra creſce.

Quem terá contra elle authoridade?
Se a meſma eſtragadora mão lhe téce
A coroa immortal da eternidade.

Indo o A. fallar ao Eminentiſſimo, e Reverendiſſimo Cardeal Patriarca, eſtando na ſua Quinta do Tojal, em dia dos ſeus annos.

SONETO

TRazei do Ceo medicinal virtude
Ao Regio Infante alegre melhoría;
Annunciai á timida Maria
Do amado eſpoſo a proxima ſaude.

Por mais que a vaſta medicina eſtude,
Em que vãmente o Medico ſe fia,
Não acerta ſem vós; não tem valia,
Que póde mais a natureza rude.

Os rogos acceitai; que vos entoa
O aſſuſtado Belém, a pobre gente;
Os Vaſſallos, a Corte, o Rei, Lisboa;

Nem ſó Pedro, e Maria eſte mal ſente;
Fez-ſe contagio, a toda a parte voa,
E todo o Portugal ficou doente.

SO-

Na moleſtia de S. A. R. o Sereniſſimo Senhor Infante D. Pedro.

SONETO

QUiz ver o Sol de noite, o Luar de dia,
Benigno rosto na horrorosa Alecto,
Ser de torres no ar novo Arquitecto,
Vastos sertões atravessar sem guia.

Quiz achar nos Infernos harmonia,
Na Gloria confusão, o mar quieto;
Quiz ver hum Corvo branco, hum Cisne preto,
A neve ardente, a lavareda fria;

Quiz contar as arêas do Oceano,
Do sepulcro de Jove achar certeza,
De altos mysterios descubrir o arcano;

Quiz em fim, pervertendo a Natureza,
Formar hum novo cáos, buscando Albano,
Mulher com fé, Fortuna com firmeza.

SONETO

ABre as azas de linho, Avè rafteira;
E fobre o campo azul do mar falgado
Leva em paz o meu filho idolatrado,
Que vai bufcar, fem mim, praia eftrangeira.

Vai, de feus annos na eftação primeira,
Do bafo maternal defamparado;
O Ceo fereno, o vento focegado
Te facilitem a feliz carreira.

Das ferreas unhas as prizões defata;
E leva hum filho de fua Mãi aufente,
Carga mais rica, que todo o ouro, e prata:

Se não por filho meu, por innocente,
O perigofo baixo, o vil pirata
Fuja, fuja de ti: voa contente.

MOTE

De meu não quero mais, que o meu deſejo.

GLOZA

SONETO

QUem corre apôs do bem, que não alcança,
Porque de Amor algum vil premio intenta,
Offende Amor, que Amor não ſe alimenta
Da groſſeira materia da eſperança.

Feliz o meu amor, que ſem mudança
No ſeu puro deſejo ſe ſuſtenta:
Com elle ſatisfeito ſe contenta:
A ſi ſe tem, por fim, em ſi deſcança.

A cauſa donde vem, que eu não explico,
Tal virtude me dá, deſde que a vejo,
Que todo nella transformado fico:

Nem outra alguma recompenſa invejo,
Que ſe com meu deſejo eſtou tão rico,
De meu não quero mais, que o meu deſejo.

MOTE

Ou me leva, ou não partas de Lisboa.

GLOZA

SONETO

A Partar-me de Marcia pertendia,
Marcia, a quem mais, do q̃ a mim mesmo, amava;
E só de imaginar que me apartava,
Antes de me apartar morrer temia.

Curvando o corpo sobre a vara hum dia,
Da arêa o meu batel desencalhava;
E vendo então, que o barco já nadava,
Deitando-o para o mar, partir queria.

Eis-que o vento se agita, a agua se altera;
E hum mar, que em flor me rebentou na prôa,
Torna a pôr-me na praia, onde estivera.

Quando esta voz a meus ouvidos soa:
Ah não fujas, aonde vás? espera, ...
Ou me leva, ou não partas de Lisboa.

MOTE

Das induſtrias humanas te eſtás rindo.

GLOZA

SONETO

Podem contra leões, contra ſerpentes,
Por arte os homens defender a vida;
Que a lança, a eſpada, a ſetta deſpedida,
São para iſſo as armas competentes.

Podem contra piratas inſolentes
Salvar a liberdade na fugida,
E nas maſmorras, quando a vem perdida,
Pouco a pouco limar groſſas correntes.

Tudo podem fazer; mas contra os laços,
Que tu lhes téces, não lhes val, fugindo,
Nem pés ligeiros, nem forçôſos braços;

Pois como ſabes, com teu géſto lindo,
Prender-lhe as mãos, embaraçar-lhe os paſſos,
Das induſtrias humanas te eſtás rindo.

SONETO

O Roxo Baccho, que eſpremendo eſtava
Maduros caxos, que em Setembro cria,
Porque ſoube dos Deoſes, que eſte dia
A Anardina gentil ſe dedicava;

Em ricas taças derramando andava
O eſpumante licor, pai da alegria,
E em lugar da ſuaviſſima Ambroſia,
Com elle hum brinde a todos preparava:

Dando ſinal c'o verde Tirſo erguido,
Bebendo forão em louvor daquella,
Que o mez honrou de Baccho tão querido:

E a ſeus annos tecendo huma capella,
Os mais Deoſes ficárão, ſó Cupido
Tornou voando para os olhos della.

SO-

Fazendo annos a Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora Condeſſa Pombeiro.

SONETO

FUgi, prazeres, de quem chora, e ſente
Não ver de Marcia a divinal figura;
De alegres corações não falta gente,
Que, em vão, por vós trabalha, e vós procura;

Moſtrai-me, ſe podeis, a formoſura
Da minha Marcia, por quem choro auſente;
E vinde, então chamar-vos-hei ventura,
Que antes não me podeis fazer contente;

Pois ſe nenhum alivio podeis dar-me,
Para que vindes, tendo eſta certeza,
Para que vindes ſem razão cançar-me?

Moſtrai-me Marcia, ou deſiſti da empreza;
Porque ſem ella ſempre haveis de achar-me
Poſto á ſombra das azas da triſteza.

SONETO

QUerendo erguer, em honra defte dia,
Ao teu nome huma eftatua, imaginava
Sobre a digna materia, e duvidava
Se de bronze, ou de marmore a faria;

Mas o Tempo, que tudo deftruia,
E já cantando o teu louvor andava,
Das fracas mãos a obra me tirava,
E encoftado na fouce, affim dizia:

Pede ao teu Lizo o mufico inftrumento,
Se do bom Telles, com voz clara, e pura
Queres cantar o alto nafcimento:

O meu poder eftatuas desfigura,
E no Mundo hum feliz merecimento,
Mais que nos jafpes em bons verfos dura.

SO-

Fazendo annos o Illuftriffimo, e Excellentiffimo Senhor D. Francifco Xavier Telles.

SONETO

OS rijos ventos, que as prizões quebrárão,
Nos penhascos as ondas desfizerão;
E tanto contra o Ceo se revolvêrão,
Que ao Ceo subindo as nuvens salpicárão:

Batendo, as fracas vélas se rasgárão;
No fundo mar o meu batel mettêrão;
Tanto por morto as gentes me tiverão,
Que salvo em terra de me ver pasmárão.

Ellas nos grossos mares enrolado
Sahir me virão a beijar devoto
O milagroso chão, que me ha salvado:

E ellas me virão, pendurar, por voto
Neste Templo, á Piedade consagrado,
O meu vestido mal enxuto, e roto.

SONETO

AS negras roupas com felice agouro
Depõe, ó Musa, e de prazer te veste;
Da fronte arranca o funebre Cypreste,
E as tranças orna de Amaranto, e Louro.

Entra d'Apollo no immortal thesouro;
Ricas palavras, dize, que te empreste;
E em vez do Deos Caprino a frauta agreste,
Fere, do Grão Thebano, a Lyra de ouro.

Com ledas azas de formosas penas
Vai dar, voando, hum grito no Universo
Em companhia das Irmans Camenas:

E canta, que a pezar do Fado adverso,
Hum novo Augusto, hum singular Mecenas
Ornou teu vulto, protegeo teu verso.

SONETO

AMor, por ſe vingar d'uma alma izenta;
Que ſempre eſcarneceo dos ſeus rigores,
Armado de arco, e ferros paſſadores,
Poſto em campo, batalha lhe apreſenta:

Como ferir hum' alma illuſtre intenta;
D'aljava eſcolhe hum ferro dos melhores;
E murmurando, a força dos Amores
Com magicas palavras accreſcenta:

Diſpara a ſetta, a ſetta não fez nada,
Porque a pezar do impulſo ſoberano
Cahio no chão, desfeita dá pancada:

Eis-que lhe lembra a que ferira Albano;
No arco a põe; e como hia ervada,
Gemeo Fileno, rio-ſe o Deos tyrano.

SONETO

NUm valle, cujo nome não ſabía,
Rodeado de tortas Oliveiras,
Por toſcas eſcarpadas ribanceiras
Huma tarde hum Paſtor me conduzia.

Abafadas montanhas dalli via,
Fazendo ſombra ás placidas ribeiras;
E as macilentas luzes derradeiras
Phebo nas negras aguas eſcondia.

Paſtor, (lhe digo) que medonhos ares!
Parece que mais funebre não fora
O meſmo domicilio dos pezares.

Paſtor, fujamos, vamo-nos embora,
Que ficarão, ſe eu fico, eſtes lugares
Inda mais triſtes, do que os vejo agora.

SONETO

CHorai Graças, chorai: chorai Amores,
Que em fim morreo... Mas não queirais sabello,
Que arrancareis o lucido cabello,
E quebrareis os ferros passadores.

Mas se de tantas almas os clamores,
Chamando por Anarda, hão de dizello;
Sabei, que já daquelle rosto bello
Não vereis mais as engraçadas cores.

Ligeira mão de negra enfermidade
Truncou em flor aquellas esperanças,
Que hião já rebentando em nossa idade.

Ah! Consagrai-lhe funeraes lembranças;
E nos Altares da immortal saudade
Cravai as settas, pendurai as tranças.

Na morte da Illustrissima, e Excellentissima Senhora Condessa Pombeiro.

SONETO

QUe dons, dignos de ti, offreceria
Hoje aos teus pés, Paſtor illuſtre, e honrado!
Naſceſte Grande, vives abaſtado;
E eu (como tu ſabes) ſem valia.

Fruta? Caça? Teu campo tudo cria.
Fiel rafeiro? Muitos tens ao lado.
Huma rez enfézada? Tu tens gado,
Que cancei, quando quiz contallo hum dia.

Que reſta? O coração? Bem ſe conhece
Que todo he teu, que ſe te humilha, e dobra
Qual boi, que ao jugo o manço colo offrece:

Só poſſo dar-te; porque em fim me ſobra,
C'os parabens, que hum dia tal merece,
Mil beijos neſſas mãos, de quem ſou obra.

SO-

Fazendo annos o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde da Vidigueira.

SONETO

POBRE; ou rico, vaſſallo, ou Soberano,
Iguaes são todos, todos são parentes,
Todos naſcêrão ramos deſcendentes
Do tronco antigo, do primeiro humano.

Saiba, quem de ſeus titulos ufano
Toma por qualidade os accidentes,
Que duas gerações ha ſó differentes,
Virtude, e vicio, tudo mais he engano.

Por mais que affecte a vã Genealogia
Introduzir nas veias a nobreza
De melhor ſangue, do que Adão teria,

Não fará, deſmentindo a Natureza,
Que ſeja, ſem virtude, a Fidalguia,
Mais que hum triſte fantaſma da grandeza.

MOTE

Accendo as toxas ſobre os teus Altares.

GLOZA

SONETO

OS verſos que cantei já n'outra hora
Ao baixo ſom do ruſtico ſalteiro;
Ora vendo correr claro ribeiro,
Ora ouvindo cantar ave ſonóra:

Outros já feitos ao romper da Aurora,
Dourando o cume do impinado outeiro:
Outros áquelle aſſumpto derradeiro,
Que eſtimo mais, que todos, ainda agora:

Todos, á viſta dos que tu tens feito,
Eſtranhos, puros, novos, ſingulares
São, de Muſa infeliz, parto imperfeito;

E as folhas dos ſeus meſmos exemplares
Queimo, e com ellas por maior reſpeito
Accendo as toxas ſobre os teus Altares.

MOTE

Déstes a morte ao Author da Vida.

GLOZA

SONETO

CRavados pés, e mãos, e da cabeça
Inclinada no peito escorregando
Gotas de sangue pelo rosto brando,
Que a ser cadaver pállido começa:

Do coração, que a lança lhe atraveça,
Remedio para o Mundo está manando;
E ha povo inda tão barbaro, e nefando,
Que por Filho de Deos o desconheça!

Se está neste Exemplar da penitencia
A Profecia de Daniel cumprida,
Porque fazeis incredula a expriencia?

Que pena a tanto mal será devida?
Confundistes a culpa co' a innocencia:
Déstes a morte ao Author da Vida.

SONETO

VInde, ó Anjo da paz, e da aliança;
Dos Reis, e dos Profetas suspirado;
Honra daquelle, por quem sois mandado,
E dos Padres do Limbo alta esperança.

Mas ah Senhor! (Tristissima lembrança!)
Não venhais, que vos tem apparelhado
Os homens, para o hombro, e para o lado,
Vergonhoso madeiro, aguda lança.

Porém Vós sabeis tudo; e já fallárão,
Cheios do vosso Celestial conforto,
Os mesmos, que de vós profetizárão.

Serão sem fruto as petições do Horto;
Que aquelles dous primeiros, que peccárão,
Não poderáõ viver, sem ver-vos morto.

ODES

I

INfeliz inſtrumento,
Cythara ſem ventura, ſe algum dia
Adormeceſte o vento,
E o Téjo reçoſtado a voz te ouvia:

Se os famintos cordeiros,
Ouvindo os écos teus no monte agreſte,
Já dos altos outeiros
Em confuſo tropel deſcer fizeſte:

Se as ſonoras abelhas
Para eſcutar-te, as azas encolhêrão;
E erguendo as ſobrancelhas,
As cabeças os Satyros movêrão:

Se o tyranno Cupido
Com tuas aureas cordas já brincou;
E no ar ſuſpendido,
Mil vezes ſuſpirando te eſcutou:

Se implacaveis rigores
Já venceſte de Ninfas deſdenhoſas:
Se déſtros tangedores
Já te enfeitárão de purpureas roſas:

Já lá vai eſſa idade;
Dos olhos me fugio tão doce eſtado;
Com maior brevidade,
Que luz, e morre o lume fuzilado.

Cytara minha, a Deos,
Já não ſerás das minhas mãos emprego;
Querem que ſeja os Ceos
Eſta a ultima vez, que a mim te chego:

Os Ceos, os Ceos o querem,
Que aſſim a dura Anarda o quer, e manda;
Os ouvidos lhe ferem
Os écos teus, e delles não ſe abranda.

O rouco mar batendo
Nos vãos cachopos, com que em vão peleja;
O eſtampido horrendo
Do turbulento Ceo, quando troveja:

Os

Os efpantofos ventos
Fortemente abalando os troncos graves:
Os fentidos accentos
De mil nocturnas, e agoureiras aves:

Quer a minha ventura,
Que ainda feja mais grato aos feus ouvidos,
Do que toda a ternura
Das tuas vozes, e dos meus gemidos.

Offendem-na clamores
Nafcidos de refpeito, e de piedade:
Não quer ouvir louvores
Guiados pela mão da sá verdade:

Outras cordas mais altas,
Outra mais déftra mão, outro inftrumento
Virão fupprir as faltas
Do teu fraco, e mortal merecimento.

De hum fufto reverente
Eu me confundo, e gello, a lingua fe ata:
Quem he que de repente
Das mãos tão alto affumpto me arrebata?

Ouve, Anarda formofa,
Dos bellos olhos, do engraçado rizo,
Os louvores goftofa,
Que eu manchei com meu ruftico juizo.

Tu, Cythara calada,
No antigo ramo defte tronco fecco;
Sempre dependurada,
Só ferida dos ventos, farás écco.

II

SOcega-te, e refpira,
Formofa Melibea: que femblante
He effe cheio de ira!
Ouve-me hum pouco, efcuta-me hum inftante;
Póde fer, fe me ouvires,
Que em vez de raiva, fó d'amor fufpires.

A mão do vencedor,
Que enfanguentada na batalha he gloria,
He infamia, he horror,
Se depois, abufando da victoria,
Se vê de novo erguida
Contra a mifera gente já rendida.

Formofa vencedora,
Como te atreves a ferir o peito,
O peito, que te adora?
Deffes teus olhos ao poder fujeito
Não matem teus rigores
Huma alma, que por ti morre de amores!

Se a pouca resistencia
Te diminue a gloria dà conquista;
Desafia a violencia
D'algum Tigre cruel, que te resista,
Que eu, inda que pudera
Resistir a teus olhos, não quizera.

Não são teus olhos bellos,
Como são os mais olhos, que segura
Bem póde a gente vellos,
Sem suspirar de amor, nem de ternura;
Mas os teus podem tanto;
Que só de vellos me derreto em pranto.

Formosas sombras, onde
O criminoso Amor, réo de mil mortes,
Tão déstro a mão esconde,
Para ferir os corações mais fortes;
Que dessas cores pretas,
Por mais se disfarçar, tingio as settas.

Correm de toda a parte
Tentos Amores, que voando, e rindo,
Nas azas vão levar-te
Os rotos corações, que estás ferindo:
Tão cruento tributo
Receber podes com semblante enxuto:

Oh que de almas humanas
C' o laço na garganta estáo pendentes
Dessas negras pestanas!
Levas hum pezo tal, e náo o sentes?
E vives descançada
De táo tristes despojos carregada?

Tu es a que náo queres
Mais que hum só coraçáo por teu cativo?
E tanto aos outros feres,
Que para os escutar lhes dás motivo:
Ouve o meu só, que sente
Cousas, que juntas se acháo raramente.

Nelle negros enganos
Náo forja a vil, a sordida mentira;
Sentimentos humanos
He quanto encobre, he quanto em fim respira;
He mestre dos amantes,
Tem palavras mais doces, que elegantes.

A grosseira esperança
De hum fim commum, q iguala a gente ás féras,
Náo he onde descança
Hum grande coraçáo, que ama de véras:
Hum grande coraçáo
Tem mais louvavel, racional paixáo.

Da tua alma os deſtinos,
As couſas grandes, que o teu genio encerra:
Eſtes são os divinos,
Doces contrarios, que me fazem guerra:
Delles ando ferido,
Delles tenho por gloria o ſer vencido.]

Ninguem, ninguem me valha,
Aonde contra mim taes armas vejo;
Que morrer na batalha,
He a gloria maior do meu deſejo;
Com tão bello inimigo,
Inda a gloria he maior, do que o perigo.

Contra mim novos raios
De teus formoſos olhos arremeça,
Farás, que entre deſmaios,
Em quanto não morrer, mais raios peça;
Fere, derriba, e mata,
Que eu te prometto não chamar-te ingrata.

Chama agora fraqueza
A' minha ſujeição: crimína, e infama
A minha ſingeleza:
Dize que he falſo o rito, impura a chama
Deſte meu ſacrificio;
Fere-me a alma, faze o teu officio.

Ou-

Outros modos procura
De arruinar o meu tranquillo estado;
Segue a minha ventura,
E em campo, contra mim, põe-te a seu lado;
Que por tal humieida,
Em obsequio da mão, beijo a ferida.

III.

FEz-se calvo este monte,
Que inda hum lustro não ha que florecia;
Seccou-se aquella fonte,
Que arrebatada para o mar corria;
Murchou-se este arvoredo,
Despegou-se este rigido penedo.

Nestas desconjuntadas,
Carcomidas paredes, algum'hora
Eu já vi levantadas
Soberbas torres, que não vejo agora;
Choveo, subio a cheia,
E fez o Téjo praia, onde era Aldeia.

Pouco a pouco batendo
Cavou o mar tão horridas montanhas,
Como se lhe estão vendo
Cada vez mais as humidas entranhas,
Té o ferro deste arado
Se tem feito ha tres dias mais delgado.

As-

Assim nos vai levando
Hum dia, tão diffrente de outro dia,
O Padre venerando,
Que faz dos proprios filhos iguaria:
Ah Tempo avaro, e forte,
Companheiro da vida, irmão da morte!

Tu, que prendes ousado
A teu carro veloz ligeiros ventos,
E em gyro arrebatado,
Fazendo tão contrarios movimentos,
Co' as rodas de diamante
Tudo atropelas, que se põe diante.

Derribas a coluna,
Desfazes pouco a pouco a rócha erguida:
E da mesma Fortuna
Fazes mudar a face desabrida;
E não podes, ao menos,
Vencer em mim contrarios tão pequenos.

Que he do teu soberano
Invencivel poder? Se a paixão cega
Do fraco peito humano
(Por mais que por mim passes) não socega?
Esta alma he por ventura
Mais do que o ferro, mais que a pedra dura?

Tempo, que tudo gaſtas,
Gaſta-me eſta paixão, que o peito encerra;
Mas tu, tu ſó não baſtas
Para a gaſtar, para fazer-lhe guerra:
Tempo, não podes nada,
Se de ti zomba huma alma apaixonada.

Mas que milagre he eſte?
Que he iſto, juſtos Ceos, que em mim preſinto;
Que reſplendor Celeſte
Me vai allumiando! Eu vejo extinto
O horror dos olhos meus:
Foi o tempo? Ou fui eu? Foſtes vós, Ceos.

Já os amortecidos
Olhos, contente para vós levanto;
Já dou promptos ouvidos
A'quellas vozes, que deſprezei tanto:
Reſpiro como d'antes,
Inda venha igual bem aos mais amantes.

IV

ALviçaras, humanos,
Morreo, morreo Amor: A' fria terra
Forão, forão com elle os vís enganos,
Com que já vos fez guerra:
Aqui o Deos vendado,
Sem honras funeraes jaz sepultado;
Nem merecia tellas,
Que os malfeitores são indignos dellas.

Não houve em verso, ou prosa
Quem o triste Epicedio lhe cantasse;
Não houve mão de amigo, que piedosa
Os olhos lhe cerrasse;
Ninguem teve a lembrança
De lhe dizer se quer: Em paz descança.
Acabou desta sorte,
Rio-se delle a Fortuna, o Tempo, e a Morte.

Eu fui quem aos impulsos
Da dor de ímpias cadeias, que trazia,
Dos denigridos pés, dos roxos pulsos
Despedacei hum dia
Tão vergonhosos lassos;
E já soltas as mãos, livres os passos,
Eu fui quem deste modo
Venci o vencedor do Mundo todo.

De hum novo esforço armado
Triunfar, ou morrer (disse a Cupido)
Foste no Lago Estigio mergulhado,
Para não ser ferido?
Se lá houve com tudo
Para o filho de Thetis ferro agudo,
Padece o mesmo dano
Tu, que es hum falso Deos, hum Rei tyrano.

Entre os braços o apérto,
Dentro d'aljava as settas se quebrárão;
E de hum mortal frio suor cuberto,
Os ossos lhe estalárão.
Por Marfiza chamou:
Mal disse o nome amado, e suspirou,
Beijando-me na face,
Pedindo-me por ella que o soltasse.

Com que vergonha o digo!
Então os braços affroxei hum tanto;
Quiz perdoar-lhe, contendi comigo,
Paro, vacillo, em quanto
Mil cousas me lembrárão,
Não sei se d'agua os olhos se arrazárão;
Lembrou-me o quanto excede
A mão, que dá, a pobre mão, que pede.

Qoal

Qual Eneas piedoso,
Vendo Turno a seus pés pedindo a vida,
Suspendeo por hum pouco duvidoso
A espada no ar erguida:
Té que vendo-lhe ao lado
Pender o cinto de Palante amado,
Com tão triste lembrança
Nelle executa a ultima vingança.

Tal eu, vendo pendentes
Do hombro do inimigo os vis farpões;
Inda c'o fresco sangue de innocentes,
Humanos corações:
De novo me enfureço,
E c'uma setta o peito lhe atraveço,
As azas sem conforto
Bateo espavorido, e cahio morto.

Esta a Tragedia triste,
Estas as settas, este o arco, e a venda;
Que serão testemunhas do que ouviste,
Despojos da contenda:
Jacte-se Alcides forte
Menos de seus triunfos; porque a morte
Do porco de Erimanto,
E da Hydra fatal, não valeo tanto.

Com a pelle Nemea
Cubra a robusta espadoa victorioso,
Que estas insignias dáo-vos outra idéa
De caso mais famòso:
De Amor queixosas gentes
Vinguei-vos; e vinguei-me, andai contentes;
Já lá váo os enganos,
Morreo Amor, alviçaras humanos.

V.

MUsa minha, voemos;
Onde as Virtudes moráo:
Nossos versos levemos,
Por onde nunca nossos versos foráo:
Já sobre as nuvens levantar-me vejo,
Ah náo sejamos Icaros do Téjo!

Que Horizontes sáo estes!
Que Paiz! Que habitantes!
Tóco os Orbes Celestes!
Bebo o lume dos Astros rutilantes!
Como já vejo deste sitio estranho,
A Terra táo pequena, o Sol tamanho!

Tu, que as caſas paſſeas
Dos Animaes Celeſtes,
Que as terras allumeas,
Que as flores pintas, que as montanhas veſtes;
Moſtra-me o Signo, dize-me que Eſtrella
Viráo naſcer de Anarda a filha bella.

Mas aqui chega a armada
Téſta do roubador,
Da ſempre celebrada,
Formoſiſſima filha de Agenor;
Táo enfeitada a fronte náo trazia;
Quando com ella pelo mar fugia.

O' Signo venturoſo,
Alegria do Mundo,
O' Nuncio do formoſo
Veráo, a que abre a porta Abril fecundo,
A quem ſerás fatal de hoje em diante,
Vendo em ti Marcia o ſeu Natal brilhante.

Conſtellação propicia
Serás a toda a gente;
Nos campos de Fenicia
Náo paſcias por certo táo contente;
Como depois que vás nos ſoberanos
Orbes de Marcia aſſinalando os annos.

No

No Zodiaco ardente,
Tu não tens companheiro,
Que não gyre contente:
Sacode o vello o humido carneiro:
Os abraços redobrão de alegria
Os dous Irmãos em honra deste dia.

Olhando-te de inveja,
Cada hum delles arde;
Quer o Ceo que assim seja,
Hum por não vir mais cedo, outro mais tarde;
Não he assim a casta Caçadora,
Que entre o rebanho das Estrellas mora.

Não he assim Lucina;
Porque logo que nasce
Esta illustre Menina,
Disse, beijando-a na virginea face:
Descei, ó Musas, a cantar-lhe em verso;
Vinde, Virtudes, embalar-lhe o berso.

Deos te salve, mimosa,
Tenra, innocente planta,
O' mão, ó voz ditosa,
Que primeiro que as outras te acalanta:
O Ceo, de quem és fruto abençoado,
Te livrará do fascinante olhado.

Des-

Dessas Graças Celestes,
Que sobre ti descêrão,
Guarda intactas as vestes:
Por ti as Virgens do meu Coro esperão:
C'o pé descalço accezas brazas piza,
Serás do Templo meu Sacerdotiza.

Se hoje fora o insulto
Desse vão Horostrato,
Que estragando o meu culto;
Se fez odioso ao Mundo, ao Ceo ingrato:
Ardêra o Templo, o Simulacro ardêra,
Sem que outro filho de Filippe houvera.

Não são os ascendentes,
De que elle procedia,
Que os teus mais excellentes,
De mais conselho, de mais grão valia:
Faça dos filhos cru manjar Saturno,
Darás materia de maior Coturno.

Quando Cloto engrossado
O branco fio tenha
Do tempo teu dourado,
E a Primavera sazonando venha;
Quando a luz da razão dobrar seus raios,
Tornem a vir Abris, voltarem Maios.

Então cheia de gloria,
De assombro, e maravilha,
Lerás a antiga historia
Dos generosos Pais, de quem es filha;
E elles tendo em ti glorias iguais,
Verão a filha, de quem forão Pais.

Inda agouros mais dinos
Eu li no volumoso
Livro dos Destinos
O quinto dia deste mez famoso;
Dia capaz, de que os Varões mais castos
Te verão lançar nos Lusitanos Fastos.

Vós, Thagides vizinhas,
Ide escolher redondas
Quatro brancas pedrinhas,
Que mais polírão as lambentes ondas,
Com ellas numerai, entre os humanos,
Quatro formosos aprazíveis annos.

Tu,

Fazendo annos a Illustrissima, e Excellentissima Senhora Dona Maria Rita Castello-Branco.

VI

TU, brilhante Chiméra,
Sonho dos acordados
Vai tentar essa gente, que te espera;
Que os já desenganados
Não crem promessas vans, faustos agouros,
De sonhados thesouros:
Fortuna, não ès nada,
Nem tu podes sér mais que imaginada:

Chamem-te nas campanhas
Arbitra das victorias,
Chamem-te protectora das façanhas
Nas corruptas historias;
O primeiro, que os gellos mal seguros
Forçou dos Alpes duros,
Confesse que te deve
Esses triunfos, que de Roma teve.

Mas de que lhe serviste?
Se no meio da gloria,
Sacudindo os cabellos, lhe fugiste,
Levando-lhe a victoria?
N'um Templo aerio, hum culto imaginario
Te dê Jugurtha, e Mario,
Scipião, e Pompeo,
Nenhum destes Varões te conheceo.

Di-

Dizem, quc o cofre abrindo
Das riquezas avaras,
As vás depois ás cégas conferindo;
Que os remos, e as Tiaras
Pendem das tuas mãos; que quando queres;
Sem escolha as conferes;
Que os Sceptros, e os cajados
Dás a quem estes premios não são dados.

Dizem, que favoreces
Os timidos Pilotos;
Que es o Iris da paz, que lhe appareces
Sobre os mastros já rotos;
Que a ti só deve o havido dinheiro,
Vem dizendo o Mineiro;
Diz o Cultór de Ceres,
Que mil frutos terá, se a mão lhe deres.

Ah gentes insensatas,
Que chamastes Fortuna
As acções mais infames, mais ingratas!
Essa Deosa importuna
Não influe nada nas tenções humanas,
São desculpas tyranas
Dos Atilas, dos Neros',
Dos crueis Scylas, dos Dionysios feros.

Da montanha Tarpeya,
Vendo abrazar-se Roma,
O filho de Agripina se recreia,
E por Fortuna o toma:
A maldade de Falaris cruenta
Contra os mortaes inventa
Tormentos exquisitos;
Elle os tem por Fortuna, e são delitos.

Vai o Grão Macedonio
A terra devastando;
Vai Octavio, vai Lepido, e Antonio
Cidades arrazando;
E os horrendos estragos, que fizerão,
Por Fortuna tiverão;
Que a falsa heroicidade
Não he Fortuna, senão he crueldade.

Monarchas poderosos,
Que viveis entre sustos,
Deixai de ser Octavios sanguinosos,
Se quereis ser Augustos:
Os vencidos descalços prizioneiros,
Que em triunfos guerreiros
Levais ao carro atados,
Não vos faz ser, ó Reis, affortunados.

Só quando ferrolhares
Eſſas portas de Jano,
Quando cheios de amor do Throno olhares
Para o genero humano,
Entáo ſereis Heroes, tereis o nome,
Que o tempo náo conſome:
Iſto he que he ſer invicto,
Seguir a Ceſar, hombrear com Tito.

Fortuna do Univerſo,
Que máo te fez ſenhora?
He indigno o teu nome do meu verſo:
Foge perturbadora,
Que tu náo tens que dar, mais do que enganos
Aos miſeros humanos:
Se es táo forte, táo rica,
Que podes tudo, a Jupiter que fica?

Náo tens, Fortuna avara,
Dominio ſobre a terra;
Quem fertiliza à próvida ſeara,
Quem triunfa na guerra,
Quem ſalva a Náo, quem deſencanta a mina;
Quem muros arruina,
He a neceſſidade,
A força, a induſtria, a miſera vaidade.

Maldita a mão primeira,
Que estatuas te eregíra;
Digna de Fama nāo, mas de fogueira:
Maldita a voz, e a Lyra,
Que louvores te der: proscrito seja
Algum, que te proteja:
Extinga-se o teu vulto,
O Templo, o Altar, o Sacerdote, o Culto.

IDILIOS

I

Hum dia ao pôr do Sol, hum trifte dia,
Que nunca para mim amanhecêra,
Encontrei defgarrada
A mais formofa Rez, que o Téjo cria;
Do rico Melibeo a grão manada,
Não traz outra tão bella;
Se quereis, ó Paftores, conhecella,
Para dar-lhe louvores,
Eftes são os finaes, ouvi Paftores:

Formofo, e largo o peito, erguida a fronte,
Negros os olhos, os cabellos negros,
O paffo mais airofo
De rez, que o monte vio, defde que he monte;
Até do feu balar brando, e mimofo,
Pende como pafmado,
Por mais faminto que fe veja o gado;
Que he mais doce mil vezes,
Que o groffeiro balar das outras rezes,

Efta a formofa Rez, que achei fózinha,
Julguei-a fem Paftor em monte eftranho;
E porque a noite efcura
Já eftendendo a trifte fombra vinha
Pelos defertos campos da efpeçura,
Fui levando-a comigo
Para lhe dar no meu curral abrigo,
Antes que o tempo déffe
Lugar a vir o Lobo, que a comeffe.

Não vai elle tão foffrego, levando
Sobre o faminto queixo atraveffado
O tenro cordeirinho,
Pela faudofa mái em vão balando,
Como eu contente de a levar caminho:
Pelo meu mefmo braço
Hum novo aprifco para ella faço
De Cédro, e de Loureiro,
Que lhe repare o Sol, véde o chuveiro.

Ora de verde myrto, e rofas bellas
Para a fronte grinaldas lhe tecia,
Ora para o pefcoço
Feftões de flores brancas, e amarellas;
Por mais que diga, encarecer não poffo
O cuidado, que tinha
De apafcentalla na mais branda hervinha,
Que por eftes outeiros
Nunca pizada foi dos meus cordeiros.

Nunca a beber co' as outras a levava;
E ao brando ſom da minha doce avena,
Comigo aos ſultos hia:
Ora corria alegre, ora parava;
E a cabeça inclinando, o cólo erguia,
Como para eſcutar-me.
Ah! que inda diſto tanto ſei lembrar-me,
Que até das mais antigas
Repito, em ſeu louvor, eſtas cantigas.

Minha linda Achada,
Que neſta eſpeçura
Tu achaſte abrigo,
E eu achei ventura.

Tua formoſura
Dá-me tal cuidado,
Que até zelos tenho
Do meu meſmo gado.

De mim apartado
Anda o meu deſejo;
Quando em mim o buſco,
Só em ti o vejo.

Todo o que he no Téjo
Baixo, ou grão Paſtor;
Se da inveja eſcapa,
Cahe nas mãos de Amor.

Gil, outra melhor,
Diz que tem de cria;
Que de leite hum tarro,
Enche cada dia.

E eu apoſtaria
Todo meu curral;
Que ſe elle te achára,
Não diſſera tal.

Não ha Rez igual
Em qualquer manada.
Ah, benza-te Deos,
Minha linda Achada.

Agora ſe quereis ſaber, Paſtores,
O premio diſto tudo, ouvi o premio:
Hum dia, que acabava
De entoar-lhe contente eſtes louvores,
Vi, que como os mais dias não brincava:
Não ſei que me dizia
O triſte coração, e a fantazia!
Inda agora eſta mágoa
Me enche o peito de ſuſto, os olhos de agoa.

Finalmente fugio, ſem que até agora
Alguem por eſtes campos dê fé della,
Faz hoje tres ſemanas.
Buſcò-a ſem deſcançar a toda a hora
Por montes, valles, moitas, e choupanas.
Paſtores, nas Aldeias
Fugi de agazalhar Rèzes alheias,
Que deixão quem as ama
Pelo primeiro, que talvez as chama.

II

NÃo são dos paſſarinhos os reclamos;
A' ſombra buliçoſa
Dos movediços ramos,
Pela alta céſta da eſtação frondoſa,
Tão gratos, como as breves,
Simples palavras, com que Amor deſcreves.

Não he ás flores tão preciſo o orvalho,
O cudeço ás cabrinhas,
A's terras o trabalho,
Como as tuas letras ás ſaudades minhas:
Diſcorre, eſcreve, falla,
Marcia te cede, Ulinda não te igualla.

Dize, formoſa Isbela: Onde bebeſte
Hum eſtilo táo grato?
Dize: Quando eſcreveſte,
Molhaſte a penna no licor de Erato?
Náo me agradára tanto
Poſto á meza de Jove o Nectar ſanto.

Da Náo, que vem de longe, o paſſageiro
Ouvindo dizer, *terra*,
Ao excelſo gageiro,
Menos contentamento n'alma encerra,
Do que eu ouvindo a pura
Voz da tua ſuaviſſima eſcritura.

Fluidas vozes, fraſes innocentes
Te cahem da boca em fio;
Náo em groſſas correntes
Por catadupas de eſtrondoſo rio;
Es fonte de alta graça,
Que murmurando, os coraçóes traſpaça.

Eſtas sáo as palavras poderoſas
Da Magica ſciencia;
As hervas virtuoſas,
Que mudáo pouco a pouco a minha eſſencia;
Já creio que ha Medeas,
Que he poſſivel o canto das Sereas.

Quan-

Quando na boca taes palavras tomo;
    Que em teus eſcritos leio,
    Não ſei como os não como:
Ser mais ſuave o noſſo mel não creio,
    Nem eu creio que foſſe
Dos meſmos favos de Hybla o mel mais doce.

Andão de regra em regra os Amorinhos
    Cada letra beijando,
    Quaes andão nos raminhos
Ao redor as abelhas ſuçurrando;
    Os Riſos, e os Enfados
Andão brincando nellas abraçados.

Todas as Graças para ti fugírão;
    Fizerão-te hum theſouro
    De quanto repartírão
Nas Marinhas do ſal, nas Minas do ouro;
    Na boca te eſtão dando
Laſcivos beijos, quando eſtás fallando.

Ellas te dictão quanto eſcrever deves,
    E das azas lhe tiras
    A penna, com que eſcreves:
Ouvem-ſe ſuſpirar, ſe tu ſuſpiras;
    E ſe brincar te vem,
Brincão comtigo, alegrão-ſe tambem.

Vós, mulheres, que tendes decorado
Em rançoſas novellas
Hum fallar eſtudado,
Que nada ſignifica: Longe dellas,
Longe fraſe importuna
Em cryſtaes d'alma, em Roda da Fortuna.

O' livro abri da meſtra Natureza,
Vereis como reparte
O goſto, e a triſteza:
Clamem embora os profeſſores da Arte,
Que hum fallar innocente
Fará ſentir o peito, que não ſente.

Conſultai, como Isbela, o que em vós paſſa:
Exprimi, ſe puderdes,
C'o meſmo eſtilo, e graça
Da voſſa alma as paixões, quando eſcreverdes:
Isbela encantadora,
Quem te fallára, quem te ouvíra agora!

III.

GOſtoſa companhia,
Onde acharei ſem ti, gentil Paſtora,
Onde verei, ſem ver-te, a luz do dia,
Por mais alegre, que amanheça a Aurora?
Aonde o triſte roſto
Voltarei, que não veja o meu deſgoſto?

Sem ti, ſonoras fontes,
Amenas ſombras, virações ſuaves;
Verdes campos, roſados Horizontes;
Ao pôr do Sol a muſica das aves,
A prática de amores,
Canto de Ninfas, baile de Paſtores.

Sem ti, Marcia querida,
Em vez de goſto, me fará triſteza;
Não póde haver tamanho bem na vida,
A quem eu não perverta a natureza;
Nem couſa tão goſtoſa,
Que a não corrompa eſta paixão ſaudoſa.

Sem ti, deſconſolado,
Eſquecido talvez de que ha ribeiros;
Pelo monte andarei como paſmado,
Sem levar a beber os meus cordeiros:
Magros ſe tornaráõ,
Como eu, de pena, á ſede acabaráõ.

Verei creſcer meus males,
Como algum dia as minhas eſperanças;
E lá n'outros outeiros, n'outros vales,
Em vez de ovelhas, guardarei lembranças;
Lagrimas, que a alma encerra,
Sementes ſeráõ ſó, que eu lance á terra.

No meu trifte femblante
Leráõ, finaes de mágoa, o Ceo, e a gente:
Que ou a luz fe fepulte, ou fe levante,
Teftemunhas feráõ continuamente
Defta minha agonia
As Eftrellas de noite, o Sol de dia.

Irei ao mais fombrio,
Mais deferto lugar, que o campo tenha;
E na margem faudofa de algum rio;
Que fó a hum melancolico convenha,
Marcia, de quando em quando,
N'alma os teus géftos eftarei pintando.

Agora o peregrino
Rofto da cor do Ceo, quando amanhece;
Agora aquelle efpirito Divino
D'uns olhos cor do Ceo, quando anoitece;
Agora as tranças bellas,
Com que Amor brinca, por prender-fe nellas.

Agora as mãos formofas,
Onde a minha vontade ficou preza;
Agora a boca de jafmins, e rofas,
Onde a Graça fe ri por natureza;
Agora o peito, aonde
Contempla o gofto, o que a modeftia efconde.

De

De lá meu penſamento
Te virá viſitar neſtes lugares;
De lá ſuſpiros meus ſoltos ao vento,
Noticia te traráõ dos meus pezares:
Ouve-os compadecida,
Que podem ſer os ultimos da vida.

Quantas vezes no dia
Não recordarei n'alma aquelle inſtante,
Inſtante de prazer, e de agonia,
Que miſturou Amor no teu ſemblante!
Mil mortes, que eu padeça,
Nunca faráõ que tal favor me eſqueça.

Quantas vezes olhando
Para as aguas do Téjo vagaroſo,
Que vem para onde eſtás eſcorregando,
Quererei vir com ellas de ſaudoſo!
Mas eu chorarei tanto,
Que nellas venha transformado em pranto.

Ditoſos eſtes prados,
Que iráõ ſó com te ver reverdecendo;
Mais que ditoſos, bemaventurados
Aquelles olhos, que te ficão vendo:
Os meus pois te perdêráõ,
Não para ver, para chorar naſcêráõ.

Qual

Qual ramo, que cortado
Do tronco radical no chão exposto,
A ser dos pés de todos maltratado,
Vai ficando sem folhas descomposto;
Té que secco, e despido,
Já não parece o mesmo, que tem sido.

Tal eu, sem ver teus olhos,
Aonde deixo co' a esperança a vida,
Em vez de flores, pizarei abrolhos
Co' a macillenta face descahida;
Ficarei tão diffrente,
Que a mim mesmo por mim pergunte a gente.

Assim, gentil Pastora,
A vida passarei, (se isto he ter vida)
Até que chegue (se chegar) a hora
Por mim continuamente aos Ceos pedida:
Só este allivio quero,
Só este allivio (se he allivio) espero.

EPI-

EPICEDIO

DA chara voſſa Irmã, illuſtre Conde,
Jaz o frio cadaver ſepultado;
Por ſinal, que o lugar em que ſe eſconde,
Deixei com minhas lagrimas banhado:
He do cofre medonho
A fatal chave, que na mão vos ponho.

Alli ficou depoſitada aquella,
Que Idolo foi do noſſo amor na vida,
Sem lhe valer o ſer illuſtre, ou bella,
Para eſcapar deſta mortal partida.
Que diffrentes lugares,
Hoje em ſepulchro, hontem nos Altares!

Eu vi, Senhor, (ó quem tirar pudera,
Por não ver tal, os olhos magoados)
A boca muda, o roſto cor de cera,
Prezas as mãos, os olhos encovados,
Fluctuante a cabeça
Da defunta Illuſtriſſima Condeça.

Quaes pelo chão aos impetos do vento,
De antigos troncos ſeccas folhas jazem,
Quaes deſpegadas taboas no violento
Naufragio á praia horriveis ondas trazem:
Tal, Anarda querida,
He Não desfeita, he arvore deſpida.

Eis-

Eis-aqui os thesouros, que esta chave
Esconde, guarda, e para sempre encerra;
Onde, por mais que se profunde, e cave,
Ver-se-ha só o ouro convertido em terra;
Que he no fraco, e no forte,
Hum sonho a vida, huma verdade a morte.

Mas feliz vossa Irmã, que depois della
Voou ao Ceo; e já batendo as azas,
Vê, se o Sol he tamanho de huma Estrella;
Como gyra do anno as doze Cazas;
Já sabe de mais perto,
Qual dos varios systemas he mais certo.

Contempla as Leis eternas, com que estão
Os Orbes em perpétuo movimento;
E onde não se atreveo chegar Platão,
Chega ella só c'o puro entendimento:
Ouve, e vê sem desmaio,
O éço do trovão, a luz do raio.

Lá no clima dos Bemaventurados,
Onde impuras particulas não gyrão,
Como nos ares cá inficionados
Da corrupção, que os vís mortaes respirão;
Já não teme a presença
Da intempestiva, da mortal doença.

De impoſſiveis eſpiritos cercada
Eſtá hombro com hombro c' os famoſos
Progenitores ſeus, que a meſma eſtrada
Seguirão cá no Mundo virtuoſos:
    Ja não cura da vida,
Em materias mais altas embebida.

Pagou em fim á morte o ſeu tributo,
Que he ſujeito a morrer todo o que naſce;
E forão noſſas lagrimas de fruto,
Se ella ſó com chorar reſuſcitaſſe;
    Porém a Lei, que o manda,
Nem com pedir, nem com chorar ſe abranda.

Não quer, Senhor, quem morre eſte ſuffragio,
Perturbador da paz de huma alma bella;
He cruel, mas preciſo eſte naufragio;
Contra quem não valeo força de véla:
    Embora a Náo ſe alague,
Mas nunca o ſoffrimento em nós naufrague.

CAN-

A' morte da Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora Condeſſa Pombeiro.

CANÇÕES.

I

TU, que tens feito na minha alma aſſento,
Nume fatal, cruel melancolia,
Mereça-te eſte dia,
Que me deixes, que mudes de apoſento;
Poſſa huma vez com goſto
Erguer a voz, alevantar o roſto.

Aquelle negro humor, que derramaſte
Sobre meus triſtes verſos até agora,
Hoje lancemos fóra:
Das aguas, que com elle invenenaſte,
A beber não tornemos:
Outras mais puras, mais vizinhas temos.

Ninfas, que ſois cuſtodias de huma fonte,
Que ha de ſer hoje conſagrada ás Muſas
Nas noſſas praias Luſas,
Fazei que á terra, ao mar, e ao Ceo ſe conte,
Que da Samaritana
O licor de Aganipe corre, e mana.

Náo eſcrevo c'o dedo em ſolta arêa
Moles verſos de Amor, mais alto intento
Levar meu penſamento;
Creai, Ninfas, creai na minha idéa
Couſas dignas de Conde,
Vós me influi, meu animo diſponde.

Vinde enramar-me a Cythara de louro,
A pôr-lhe os rudes dedos enſinai-me;
Ah Ninfas, empreſtai-me
Voſſos cabellos para cordas de ouro:
Farei, ſe puder tanto,
Que tambem ſeja voſſo eſte meu canto.

E tu, longiquo, affamado Oriente,
Que cá mandaſte o vulto luminoſo
De dia táo famoſo,
Tanto te fica agradecida a gente,
Que ſó por hum tal dia,
Toda a tua riqueza engeitaria.

Deſſe atrevido Lavrador primeiro,
Que ſulcos fez nos campos de Anfitrite,
A pezar do limite,
Que nelle em váo poz Hercules guerreiro;
E que táo longe fora,
Que vio naſcer em ſeu regaço Aurora.

Deſſe teu Immortal deſcubridor,
Por quem choraráõ ſempre o Gange, e o Indo,
Para os Pais naſceo rindo
Hum juſto herdeiro, hum digno ſucceſſor
Do titulo, e da gloria
Das virtudes, dos bens, e da memoria.

Logo em ſeu naſcimento os Vates Santos;
Que a urna dos futuros revolvêrão,
Dia, ó dia, diſſerão,
Amanhecido para bem de tantos:
As Muſas ſe alegrárão,
Mordeo-ſe a Inveja, as Parcas ſuſpirárão.

Vem, hum dizia, *ó rama generoſa*,
Honrar de teus Avós o tronco antigo:
Vem a ſervir de abrigo
Com tuá ſombra á gente deſditoſa,
Que em ti os olhos tem
Da mais certa eſperança, do ſeu bem.

Mette, adorado, prodigioſo Infante,
A tenra mão nos cofres da ventura;
E por trofeo pendura
No teu portal a roda de diamante;
Porque a Virtude bella,
Já no teu coração triunfa della.

Outro as doces prizões lhe vaticina,
De que Hymineo a faxa lhe prepara:
Elege a eſpoſa chara,
Que de conjuge tal, ha de ſer digna,
Dá-nos para o reſpeito
Imagens tuas no devido leito.

Outra nova figura lhe levanta
De coroas, e palmas, diſſe, eu vejo
Cercado o Padre Téjo,
Que para o teu Palacio aponta, e canta,
Meneando a cabeça,
Que a fabricallas para ti começa.

Mas hum, que aos mais interpretes preſide,
Soltando as roupas auguraes, prepara
Na dextra a fatal vara,
Em quatro partes co' ella o Ceo divide;
E dando hum ai primeiro,
Aſſim diſſe o fatidico Agoureiro:

Eſſe, que corre á diſcrição do vento,
Entregue ás tempeſtades do Deſtino,
A quem fez de menino
Forçado na Galé do ſoffrimento,
Já perdendo a eſperança
De ver hum dia a face da bonança.

Do Pindo as fraldas femeará fem fruto,
Que em vez de Louro lhe darão Cypreste;
E ao fom da frauta agreste,
Em vão ás portas cantará de Pluto,
N'um, e n'outro perigo
Cahirá, fóra aquelles, que eu não digo.

Depois, com tudo, de cantar chorando
A livre vida de embaraços cheia
Na comprida cadeia
De feus antigos males tropeçando,
A ti virá correndo;
Seu Fado o deixará logo em te vendo.

Mais queria dizer; mas a Alegria,
Que voando ao redor do berço andava,
Lhe diffe, *que turvava*
C'o canto feu a gloria defte dia:
Mudou de tom, e rofto,
E encheo, cantando, os corações de gofto.

Quem não dirá, excelfo Vidigueira,
Que eu fou o trifte, de que o Vate falla;
A quem, a quem iguala,
Senão a mim, Fortuna tão rafteira:
Quem me enchugára o pranto?
A tu não feres, quem podia tanto?

Tu no naufragio ao porto me levaſte
Unico porto, que encontrei de abrigo:
Eu me abracei comtigo,
A taboa ſolte, a vida me ſalvaſte;
Que em ſinal da victoria,
Inda hei de ir pôr no Templo da Memoria.

Não naſce o grande para ſi ſómente,
Ha de ſer util, ha de ſer piedoſo:
Sabe, ó Conde virtuoſo,
Que não es todo teu, que es da mais gente:
Sem eſtas preeminencias,
De pouco importa illuſtres deſcendencias.

Que importa aos Reis o Sceptro ſeu dourado,
Grão poder aos Senhores, e aos Dinaſtas,
Se a aculeos, e cataſtas
Inda c'o freſco ſangue derramado
De tantos innocentes,
Os fez indignos do louvor das gentes?

Deſcender de Varões, que em mil batalhas,
Cheios de ſangue, e pó, ſe aſſinalárão,
De que depois deixárão
Para memoria authenticas medalhas;
Póde honrar os ſujeitos,
Mas não fazellos, ſe o não são, perfeitos.

A' carroça triunfal levem mil vezes
Varrendo a terra mil pendões ganhados,
Corpos desconjuntados,
Douradas lanças, inclytos arnezes;
E com as mãos atadas,
Sobre as costas mil gentes desgraçadas.

O teu triunfo, ó Conde, he mais luzido;
Não se compõe de ferro, ou sangue alheio:
Por mais illustre meio
Tu es o vencedor, e es o vencido:
Não te vingas, podendo,
Dissimulas do ingrato o crime horrendo:

Não podes ver o rosto descórado
Da encolhida pobreza, sem que logo
Da caridade o fogo
Te não abraze o peito magoado:
Em quem nunca foi pobre,
Não ha, Senhor, estimulo mais nobre.

Não te chegas a vís aduladores
Para ser da lisonja bafejado,
Pois tens exprimentado,
Que he a mentira quem lhe finge as cores;
E ainda assim póde tanto,
Que não lembrou ás Circes este encanto.

Se te enfureces, porque se não infira,
Que esta paixão c'o odio se mistura,
Huma doce ternura
Acode logo a temperar-te a ira,
Escusas o conselho
De te veres colerico no espelho.

Tu pizas a Soberba por mil modos,
Salvo o respeito, a ordem não confundo,
Pois sabes que he no Mundo
O Chefe das Nações o Pai de todos:
Se ha algum mais que humano,
He quem se faz por obras soberano.

Eis-aqui a materia, em que tu cévas
Do teu benigno coração a gloria,
Despojos da victoria,
Que gloriosamente a todos levas:
Elles são neste dia
Quem o faz claro, quem lhe dá valia.

Estas novas insignias, que se adorão,
E inda hão de ser no escudo teu gravadas
Com fabulas forjadas
Nas fornalhas de Lipari, não forão
Pelos Cyclopes rudes,
Sim pelas mãos das immortaes Virtudes.

Em quanto; ó Conde, no regaço dellas,
Dos annos teus os parabens eſcutas,
E das muſgoſas grutas
Te vem beijar a máo as Ninfas bellas,
Co' a lança eſcreva Marte
O teu nome no bellico eſtendarte.

No Reino eſcuro dos tormentos vivos
Poſsáo, primeiro hum dia, deſcançando
Do trabalho execrando,
Seu tanque d'agua encher c' os rotos crivos
As Belides ímpias,
Que ſe terminem teus famoſos dias.

Cançáo, quando chegares
Diante dos Altares
Daquelle Heróe, de quem tu ſó és digna,
Encolhe as azas, a cabeça inclina,
Em meu nome o corteja,
E o pedeſtal da ſua eſtatua beija.

Aquel-

Fazendo annos o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde da Vidigueira.

II

AQuelle, que ſurcando
Vai proceloſos mares,
Ao vento as vélas dando
Em demanda de inhoſpitos lugares:

Aquelle, que ſózinho
De enroſcada ſerpente,
Em deſerto caminho,
Expõe a vida ao venenoſo dente:

Aquelle, a quem ſuccede
Paſſar ſerra mui alta,
Que olha debaixo, e mede
A grande altura, que ſubir lhe falta:

Aquelle, que apoſtando
Chegar primeiro á raia,
Perde o triunfo, quando
Cheio de pó, e de ſuor deſmaia:

Menos afflicto accuſa
O ſeu arduo projecto,
Do que hoje a minha Muſa
Peço valor para tamanho objecto.

Eſtende, ó Muſa noſſa,
As creſpas azas bellas,
E permitte que poſſa
Hoje a penna melhor arrancar dellas.

Eſcrevamos o dia
Maior, que o Sol tem feito,
Para quem ſer devia
Melhor que pedra branca, o noſſo peito:

Dia, dia ditoſo,
De quem o eſquecimento
Fugirá reſpeitoſo,
Em quanto houver no Mundo entendimento:

Dia, Illuſtre Condeſſa,
Em que a noſſa memoria
Não deſcança, não ceſſa
De honrar, podendo, do teu nome a gloria:

Dia, em que os Amores
O berço te embalárão,
E os ferros paſſadores
Dos olhos teus, na viva luz forjárão:

Tomárão-te nos braços
As tres gentis Donzellas,
E ficaſte entre abraços
A quarta Graça, entre as Graças bellas.

Ao

Ao ſom do teu louvor
Então adormecias;
Era o ſabio Cantor
O doce genio, que depois terias.

Já nos dons ſoberanos,
Que em ti vemos agora,
Promettia a teus annos
Frutos Pomona na Eſtação de Flora.

Hum raio intelligente
Ferio a tua infancia,
Oh como vivamente
Brilhar o vemos na maior diſtancia!

Que virtude celeſte
Por ti ſe não reparte!
Mas ſe do Ceo vieſte,
Como havia deixar de acompanhar-te?

Com ellas te coroas
Em ſinal da victoria,
São azas, com que voas
Ao reſpeitavel Templo da Memoria.

Em torno dos Altares,
Que a teu nome erigirão,
Verás ſubir aos ares
Louvores taes, que nunca lá ſubírão.

Por mais que a morte eſtude,
Zomba do ſeu deſignio,
Que eſtá fóra a virtude
Das implacaveis Leis do ſeu dominio.

O Tempo devorante
Encoſta a fouce injuſta;
E abſorto, em teu ſemblante,
O relogio lhe cahe da mão robuſta.

O Odio, que embebia
Duro punhal no peito,
Em honra deſte dia
Se arrepende dos males, que tem feito.

A meſma torpe Inveja,
Dando menos gemidos,
Porque melhor te veja,
Concerta hum pouco os olhos retorcidos.

Desfaz-ſe a noite eſcura,
Quando a Aurora amanhece:
He noite quem murmura,
He luz do claro dia quem merece.

Ah! Reſpeitai humanos
Hum dia tão ſagrado:
Deſtes meſmos tiranos,
Para maior aſſombro reſpeitado.

Can-

Cançáo minha, ſe fores
Beijar a mão daquella,
De quem cantando vás eſtes louvores;
Dize; jurando nella,
Inda que venho falta
Dos brilhantes adornos deſte dia;
Virtude ſó ſe exalta
Com a verdade honroſa,
Quanto mais nua, tanto mais formoſa.

Fazendo annos a Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora Condeſſa de Oeyras.

III

JA' ſobre os Horizontes
Sobem os aureos crinos ſacudindo
Os rapidos Etontes:
Já Phebo, novos circulos abrindo,
Nos vem apparecendo;
E os rutilantes eixos revolvendo
Do coche etereo, que modera, e guía;
Traz aos mortaes o mais brilhante dia.

Como vem debruçado,
Tomando as rédeas do immortal governo,
Para ver se parado
Póde fazer-nos este dia eterno:
Ah que em váo curva o braço
Para deter dos seus frizões o paço!
Que a pezar seu, e a meu pezar o vejo
Nascer no Hydaspe, e vir morrer no Téjo.

O livido veneno,
Que derramado em frivolos Altares,
He no grande, e pequeno
Sustento só das almas populares:
Aonio meu, náo creias
Que no teu dia me corrompe as veias;
Bem longe do teu halito maligno
Respiro, ó monstro da lisonja indigno.

Náo esperes que diga,
Que torne a vir o Seculo dourado;
Que nasça a verde espiga,
Sem a cultura do engenhoso arado;
Que esteja doce, e brando
O loiro mel dos ramos gotejando;
Ou que sem riscos metta o innocente
A tenra máo na boca da serpente.

Que

Que poſſa animo egregio
Correr livre das Leis da humanidade;
Que tenhas privilegio
De paſſar, ſem morrer, á Eternidade:
Minha Muſa não finge
Cor, que do Tempo a negra mão diſtinge:
Pinte Alexandre ſem defeito Apelles;
Porque eu não tenho que eſconder em Telles.

Em ti, Aonio, vemos
Naſcer outro Alexandre mais perfeito,
Para ti ſó ſabemos,
Que inda mais Mundos, erão campo eſtreito:
Aquelle peleijava,
Só para dar as couſas, que tirava:
Olha a diffrença, com que tu ſuſpiras,
Que para dallas, a ti meſmo as tiras.

Já quando te embalárão,
Cuido que ao ſom de muſica celeſte
As acções te contárão
Das almas grandes, que por Pais tiveſte:
Se ha Heroes pequeninos,
Tu ſó naſceſte Heroe entre os meninos:
Do juſto naſce o juſto, e dos guerreiros
Leões, não vem os timidos cordeiros.

Qual hera retrocida,
Que vai trepando aos troncos abraçada,
A tua heroica vida
Co' as florentes Virtudes enlaçada:
Da Fama ao Santo Templo
Subindo irá, para servir de exemplo,
Que logo a rica, e fertil Primavera
Aponta os frutos, que o Outono espera.

Oh se assim os mais Netos
As frias cinzas dos Avós honrassem!
Erguei-vos, esqueletos,
Vinde vello .... oh se aqui resuscitassem
Co' as frontes enramadas
Das incorruptas palmas já ganhadas,
Os Heroes todos! ... Mas bastava hum Gama,
De quem es digno de imitar na Fama.

Não só a mão tingida
No sangue do contrario em terra alheia;
Não só pôr em fugida
A grão Cidade, a temerosa Aldeia.
Não só vencer as guerras
Do vento em foracões, do mar em serras:
São cousas dignas de fecunda historia,
Tem entre nós mais titulos a gloria.

Em ti, de tronco altivo,
Em flor hum nôvo Heroe vem rebentando;
Inda darás motivo,
A que efta fraca voz alevantando,
Por mim declare o Fado
Os altos fins, para que eftás guardado:
Qual prudente cultor, que a terra amanha,
Que antes de tempo, nunca o fruto apanha.

O mefmo Author do Mundo
Não o fez todo, como eftá, n'um dia;
O mefmo Author fecundo,
Que fó com dizer *Faça-fe*, podia
Formar mil Univerfos
Muito maiores, muito mais diverfos:
Foi primeiro femente a fecca eftriga:
O grão, primeiro he grão, que feja efpiga.

Curtas afteas plantadas,
Formando pouco a pouco hum tronco eterno;
Tem depois de copadas
Nos Ceos os ramos, a raiz no Inferno.
Virá tempo, em que poffas
Ser, claro Telles, as delicias noffas;
Fartarás o faminto, e são defejo
De fazer coufas, com que pafme o Téjo.

Vai

Vai cultivando a bella
Virtude, a cujos peitos te creaſte,
Offerece-lhe aquella
Rara victoria, que ás paixões negaſte;
Piza, como até agora,
Eſſa paixão das mais paixões, Senhora;
Vinga as mais almas, que não podem tanto,
Darás materia a nunca ouvido canto.

Em veneno banhada
A negra viſta da enfezada Inveja,
Contra ti revirada,
Para te dar quebranto, em vão forceja,
Nem preciſas do agouro
Do Santo Nardo, ou maſculino Louro;
Pois tens mais ſanto, e eterno defenſivo
Na luz do teu merecimento altivo.

Por mais que abra Pandora
Do cofre ſeu as portas refulgentes,
E dure a vida embora,
Em quanto o claro Sol der luz ás gentes,
Entre os fracos humanos
Não ſerá vida á duração dos annos,
Sem que a razão de algum merecimento
Sirva aos noſſos eſpiritos de alento.

Inda duráo rochedos,
Que do Diluvio as aguas alagáráo;
Robuſtos arvoredos,
Que os indomitos Euros açoutáráo,
Na memoria dos homens
Tem mil Sphinges eſtampado os nomes:
Quem ſó mais annos de virtudes conta,
Mais nas azas do Tempo ſe remonta.

Canção, ſe te notarem de cançada,
Reſponde, que não vinhas
Para voar táo alto preparada;
Mas que contemplas na preſaga idéa,
Que inda has de converter-te em Epopéa.

Fazendo annos o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Antonio Xavier Telles.

IV.

QUem são? Quem são aquelles exemplares
De valor, e deſtreza,
Que ora juntos ao Throno, ora aos Altares,
São já por natureza,
Nos lances mais forçoſos,
Ao Rei fieis, a Deos Religioſos?

Quem háo de ser? Os Marialvas são;
Que gerar não podia
Cordeiros vís, magnanimo Leão:
A virtude, que os guia,
He outra excelsa herança,
Que os faz mais dignos de immortal lembrança.

Santo districto da feliz Merceana,
Em teus silvestres braços
Vem recebellos, e vem a dar-lhe ufana
Respeitosos abraços;
E de novo em teus montes
Renascáo flôres, e borbulhem fontes.

Teus redondos, e rusticos Pinheiros
Em Cedros transformados,
Teu mato agreste em delficos Loureiros
Lhe sejão consagrados;
Porque outrem appareça,
Que estatuas lavre, que grinaldas teça.

Que eu posso, apenas de respeito, e medo,
Cá de longe mostrar-te
Com balbuciente voz, tremulo dedo
Do todo a menor parte;
Nem póde a minha Muza
Dizer-lhe cousa, que louvor produza.

Tu os verás no ſacroſancto Templo
Da intacta Maria,
A sã piedade promover o exemplo
Na nobre companhia,
Para que o nobre eſtude
Em lhe ſer companheiro na Virtude.

Tu os verás belligeros, e aſtutos
Em campo deſtemidos,
Ora vencendo, ora domando os brutos
Por arte conduzidos,
Eſcurecer a neſcia
Carreira, e luta, da alta Roma, e Grecia.

Mas ſóbe a vellos do lugar mais alto
Deſſes teus arredores,
Vê-os entrar já no primeiro aſſalto
C'os brutos contendores;
Vê-os por força, e geito
Ferillos frente a frente, e peito a peito.

Verás.... Mas como o goſto de admirallos
Eu te eſtou demorando?
Ah que eu já vejo os fervidos cavallos
Os freios maſtigando!
Já de córagem tremem,
Já c'o pezo dos duros Martes gemem.

Entrai ſem ſuſto, ó devoçáo conſtante,
Que ao triunfo vizinho
Eu já vejo a Fortuna vir diante
Abrindo-vos caminho:
Fazei, que em vós ſe veja,
Que mais que o braço, o coraçáo peleja.

Cançáo, náo ſe te dê de ſer pequena;
E ſaiba quem por iſſo te condena,
Que baſta aos grandes homés
Para elogio o repetir-lhe os nomes.

Feſtejando o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Marquez de Marialva, e ſeus Filhos a Virgem Santiſſima da Merceana.

V

ILluſtre Dom Gaſtáo, ſabio Coutinho,
Que nas aguas do Téjo,
Do Téjo teu vizinho,
Qual Branco Ciſne mergulhar te vejo,
Se náo cantas agora,
Que interromper náo quero a voz ſonora
De teu Divino canto,
De huma ave nocturna eſcuta o pranto.

Que

Que são as aves tristes agoureiras
De casos desastrados,
Dizem almas rasteiras,
Que bebêrão costumes estragados:
A tua illustre, e forte
Pensa de outra maneira, de outra sorte,
Não crê superstições
De corruptas, de barbaras nações.

E pois tens costumados os ouvidos
A súpplicas, e queixas,
A prantos, e gemidos,
A cujo triste som já mais os feixas:
Tu, que por toda a parte
Favoreces Apollo, honras a Marte,
Sobre os seus professores
Espalhando ás mãos cheias os favores.

Benigno escutarás a voz doente
De huma Muza, que chora
Desprezada da gente,
Da mesma gente, que ella honrou té agora;
Pédia a dor da injuria
Que a Muza aqui se convertesse em Furia;
Que as tranças arrancasse,
Que em vez de flores, viboras soltasse.

Náo que, por tal, meus verſos pertendeſſem,
Que Louros, e Amaranto
Capellas lhe teceſſem,
Que eu ſei, Senhor, que náo merecem tanto:
Contento-me com menos,
A pequenos convem premios pequenos:
Armas, que a Ayax ſe devem,
Só váos Oliſſes a pedir ſe atrevem.

Hum géſto humano, hum doce acolhimento
Contente me traria;
Mas onde o penſamento
Me levais inquieto a fantazia!
De ricos deſenganos,
Theſouros fiz para futuros danos:
Longe de mim lembrança
De acçáo, que poſſa parecer vingança.

Só tu, Gaſtáo, ſó tu, Senhor, es dino
De hum elogio eterno,
De hum canto mais Divino,
Que o que tirou Euridice do Inferno:
Náo preſumas, que a arte
Da liſonja me guia, náo tem parte
Em candido ſujeito,
Tal he minha expreſsáo, tal he meu peito.

Tentem de Pindaro a venal poeſia,
Grecia dracmas lhe offreça,
Porque em ſolta harmonia
As acções de Pitheas engrandeça:
Louve encontros, e riſcos
De ſeccas lutas, de pezados diſcos:
Nada invejo, que eu tenho
Mais alto aſſumpto, ſe mais baixo engenho.

Bem longe eſtão meus verſos de louvallos:
Olimpicas fadigas
De eſpumantes cavallos,
Açoutados de Heroes deſtros aurigas;
Diſputas indiſcretas
De nús untados corpos dos Athletas,
Tudo exercicios rudes,
Maravilhas ſerão, mas não Virtudes.

Foi por mais alto preço que comprárão
Sujeitos eminentes
O nome, que alcançárão
Dé almos Varões, Heroes reſplandecentes:
He, Senhor, de outra ſorte,
Que ſe triunfa do poder da morte:
Outra he a coroa,
Outras as azas, com que ao Ceó ſe voa.

Olha os teus illuſtriſſimos Maiores
Como ſe aſſinalárão,
Fazendo-ſe acrédores
Das immortaes memorias, que deixárão:
Vê eſte com que empenho
Pela Fé, pela Patria, em curvo lenho,
Córta com ſolto pano
As Athalanticas ondas do Oceano.

Olha como nas fervidas areias
Das praias Africanas,
Faz ſobre altas ameias
Deſpregar as bandeiras Luſitanas:
Tu, Calpe, que divides
De Abila o mar, em que parou Alcides,
Vê do teu alto cume
Se eſte he capaz de lhe fazer ciume.

Eſte he o Alcides, que tentou primeiro
Dos Nautas Portuguezes,
Por mar aventureiro,
Ir demandar o porto dos Inglezes:
O primeiro, que ouſado
Perdeo terra de viſta, e que apartado
Cá de ſeus patrios Lares,
No meio a Ilha achou de eſtranhos mares.

A Ilha da Madeira, que povoa,
E depois governára,
De que fez em Lisboa
Titulo novo, o Rey, que o lá mandára?
Vê aquelle, que doma
Em Arzila os sequazes de Mafoma:
Aquelle, que inda cheio
De pó triunfal honrar a Patria veio.

Igualmente lhe ajusta, e se lhe applica
A espada, que a balança,
A Toga, que a Lorica,
Pois nelle vive a guerra, e a paz descança:
Preside na Assembléa
Fiel, legal moderador de Astréa:
Oh Varáo sem segundo,
Valente em obras, em razões fecundo!

Lá vai sem descançar pôr freio á gente,
Que jaz áquem do Ganges;
Vê como de repente
Lhe cahem das mãos os Indicos alfanges:
Ceiláo de vello geme;
No Çamorim o Malavar o teme:
Foge-lhe a Turca Armada;
Prova os fios Raju da invicta espada.

Repara n'um, que ſempre guarnecido
Trouxe o corpo guerreiro,
Do pezado veſtido,
Que lhe forjou de Lipari o ferreiro:
Hum he dos redemptores
De Portugal captivo de traidores,
Que o tirárão do fero
Poder das garras do Leão Ibero.

Entra em Caſcaes, e em ſeus rebeldes pulſos
Duras algemas deita,
Dos contrarios expulſos
A fortaleza a ſeu poder ſujeita;
Da ſordida Galiza
Vai ver as terras, que triunfante piza:
Inda por tal Coutinho
O Téjo chora, ainda chora o Minho.

Vê outro ir, da negra mão da morte,
A Alcacere chamado,
Depois que o braço forte
Andava já de triunfar canſado:
Ainda agora, entre os noſſos,
Reliquias forão ſeus honrados oſſos;
Se déſſe o Fado adverſo
Sepulchro a todos no lugar do berço.

Vê mais hum contra a prole de Ismael
    Ir levantando o braço:
    Vê como ao impio Adel
Tornou do dia o resplendor escaço:
    Leva desembainhada
Em bruto sangue inda tingida a espada:
    A espada, que já fora
De Azamor, e de Arzila vencedora.

Nem deixaráõ meus versos de mostrar-te
    Lá outro em prizáo dura;
    Que nem sempre tem parte
Nas grandes confianças a ventura;
    Seu mesmo esforço bràvo
De barbaro senhor o deixa escravo,
    Tendo por mais acerto
Ficar cativo, que fugir liberto.

Olha lá outro, que maduro, e grave
    Vai levar táo distante
    Dos negocios a chave,
Com que abre as portas a huma paz constante:
    Lá lhe offrece partidos
A frigida Suecia: Dá-lhe ouvidos
    A bellicosa Gallia,
A sobria Hollanda, a corrompida Italia.

Olha outro, que vê como se espraia
Nas costas Guzarates
O Golfo de Cambaia,
Que vio de longe mil christãos combates:
Olha como defende
A forte Diu, que o Soltão pertende:
Lá rompe contra os Mouros
Nuvens de fumo, chuvas de pelouros.

Vê depois como á sombra em fim descança
Da quieta Oliveira,
Aonde encosta a lança,
Já enrolada a tremula bandeira:
Lá vê posto em socego
Escorregar as aguas do Mondego
Por entre a fertil herva,
Que honra pizando a immortal Minerva.

Inda alli a passar não se condena
Em vão o tempo leve;
Porque tomando a pena,
Não escreve de Amor, de Marte escreve.
Destes, e outros honrados
Varões os nomes nos darão lembrados
Materia a larga Historia,
Em quanto neste Mundo houver memoria.

Mas não he isto ainda o que mais préza
Teu sólido talento,
Que a herdada nobreza
Sem virtude, não dá merecimento;
Por mais que as Leis intentem,
Que nos filhos os Pais se representem,
Vinculo, ou semelhança
As Virtudes não tem c'os bens da herança.

Tu não es dos que, á sombra dos escudos
De seus antepassados,
Não tem outros estudos,
Que andar olhando os porticos gravados:
Pentagoras Estrellas,
O purpureo Leopardo timbre dellas,
As torres, e os rompentes
Lobos, que vês nesses portaes pendentes;

Não te corrompe c'o subtil veneno,
Que introduz a vaidade
N'um coração pequeno,
Capital inimigo da humildade:
Tens aquella grandeza,
Que só faz o caracter da nobreza,
Comtigo o humilde, o pobre,
Se não for vicioso, será nobre.

Não péza no teu placido semblante
Aquelle ar desabrido
Da Soberba arrogante;
Jaz a teus pés, do seu Altar cahido,
O vulto da Jactancia,
Vilmente atado ao sepo da Ignorancia:
Ambas irmans inteiras,
Ambas sem olhos, ambas companheiras.

Em ti não acha a vil lisonja ouvidos,
Que estupidos criados
Não são os teus validos,
Ouves sómente da verdade os brados:
Só te faz harmonia
A sonora razão, que o sabio guia,
E que acompanha o forte
Até beber em negro vaso a morte.

Os feios, máos costumes, a Injustiça,
O Odio ensanguentado,
A languida Preguiça,
Despojos são do teu valor ousado:
Em perpétuas cadeias,
A mão fechada, os olhos nas alheias,
Vás levando arrastada
A mortal Avareza costumada.

Eſta he a eſtrada pública da gloria,
Tão falta de viajantes
Ao Templo da memoria,
Onde tantos Varões entrárão d'antes:
Tu, que a elle ſubiſte,
Que as portas eſtelliferas lhe abriſte,
De lá, grande Coutinho,
Acena aos mais, amoſtra-lhe o caminho.

E em quanto as Ninfas vão, do venerando
Antigo, e Patrio Téjo,
Perolas apanhando,
Para as grinaldas, que tecer te vejo:
Em quanto as lá do Pindo
Com teus verſos na mão cantando, e rindo,
Eſtão vendo, entre flores,
Brincar nelles as Graças, e os Amores:

Em quanto o braço para a guerra enſaias,
E te não faz Mavorte
Sinal, para que ſaias
Em campo a contender co' a meſma Morte:
Em quanto altas coroas
Te preparão de Náos agudas proas,
E em quanto creſce o Ouro,
A Azinheira, o Carvalho, a Murta, o Louro:

A's Musas dá licença, que estes Hynos
Em meu nome te offreção,
Do teu os fará dinos
A tua inclinação, quando a merção:
Bustos de Cedro erguidos,
Vasados bronzes, marmores polidos,
São pezada materia,
E voar não podem á morada Etheria.

Sobre o seu firme pedestal quieta
A muda estatua pára,
Milagroso Poeta
Leva seus versos a Região mais clara,
Gira a immortal Poesia
Os luminosos circulos do dia,
Vai no carro de Apollo
(De quem he filha) de hum a outro Pollo.

Irá por ti, se acaso puder tanto,
Cá do frio Occidente
Espalhar-se o meu canto
Sobre os berços do Sol resplandecente:
Ah! Possão seus clamores,
Acordando Cimerios moradores,
Levar pelo Universo
O teu louvor, peregrinando em verso.

Não mais Canção, que já voar não podes
Com as pezadas pennas, que ſacodes:
O Coturno deſcalça, as azas fecha,
Que já de ti Caliope ſe quecha:
Vem com teu canto roco,
Vem como d'antes tropeçar no ſoco;
E cá debaixo do teu patrio ninho,
Adora o nome do immortal Coutinho.

PE-

PENELOPE.

TRADUCCÇÃO LIVRE DA TRAGEDIA De Mr. L'ABBE GENEST POR JOÃO XAVIER DE MATOS.

ARGUMENTO.

PEnelope, mulher de Olisses, que tinha ido para a guerra de Troya, fica em Itaca sua Patria, aonde era Rainha, com seu filho Telemaco ainda no berço, entre muitos Principes da Grecia, que a pertendem para Esposa, suppondo já não existir Olisses. Eurimaco Rei de Samos, e Antinois Principe sujeito a Itaca, como mais poderosos expulsárão os mais pertendentes daquella Ilha, ficando ambos, como amante, Eurimaco pertendendo a Rainha para Esposa, e Antinois como interessado no governo da di-

ta Ilha, que pertendia uſurpar á poſteridade de Oliſſes. Entreteve-os a Rainha, com a eſperança das noticias, que eſperava de Oliſſes, pela diligencia, com que Telemaco (já neſte tempo mancebo) a buſcava por varios Reinos da Grecia. Chegando eſte com as de que era morto, ſe vê a Rainha no maior aperto obrigada a acceitar por Eſpoſo o Principe, que a pertendia amante, poſto que ſempre duvidoſa da certeza da morte de ſeu marido. Neſte meſmo tempo apparece Oliſſes em Itaca como naufrago, e eſtrangeiro, não querendo dar-ſe a conhecer á ſua familia; porém encontrando-ſe com Eumé ſeu Secretario, a elle ſe deſcobre, e finalmente a ſua mulher, e filho, com quem ſe une para atacar os pertendentes, que deſtroe, matando Antinois, e obrigando a que Eurimaco ſe affogaſſe na precipitada diligencia de fugir para as ſuas Náos, que tinha naquelle porto. O mais ſe verá no contexto da Obra.

ACTO.

ACTORES.

PENELOPE,	Mulher de Olisses.
OLISSES,	Rei de Itaca.
TELEMACO,	Filho de Olisses.
EURIMACO,	Rei de Samos.
IFIZE,	Filha de Eurimaco.
EUMÈ,	Ministro de Itaca.
ANTINOIS,	Principe sujeito a Itaca.
ERICLEA,	Aia de Telemaco.
EURINOME,	Confidente da Rainha.
ARGINA,	Confidente de Ifize.
ARCÁS,	Confidente de Antinois.
	Guardas.

A Scena he em Itaca no Palacio de Olisses.

ACTO

ACTO PRIMEIRO

SCENA I.

Penelope ſó encoſtada em hum veſtibulo, olhando para o mar.

Penelope.

EM vão Oliſſes chamo. Oh fatal dia!
A que violenta eſcolha es reduzida
Triſte, triſte Penelope! Os contrarios
Perſeguidores meus, e a Sorte adverſa ...
Nada conſtrangerá eſta vontade
A fazer eleição de outro conſorte:
Primeiro acabarei a infauſta vida;
E eſte mar menos barbaro, primeiro
A unir tornará por minha morte
Eſtes dous corações, que hoje ſepara.
Tu, ſagrado Neptuno! A cujas ondas
Entreguei o depoſito querido,
Que de ti confiei, e que mil vezes
Surdo a meus ternos rogos me negaſte:
Oh quanto melhor fora que tiveſſes
Em teu furioſo ſeio ſepultado

O

O iniquo roubador deſſa belleza,
Culpavel, e funeſta a tantos póvos!
Em deſeſperação me não verião,
Em gemidos, e lagrimas afflicta,
Os momentos contar dos triſtes dias.
A chamma devorou a iniqua Troia:
Vi os Gregos alegres, e vingados;
Só para mim o Ceo inexoravel
Armou o ſeu furor, e á meus deſejos
Do vencedor me difficulta a vinda.
Se ſerá morto, ou vivo? Onde? Que praias
Me occultarão o ſeu Deſtino incerto?
A ſua fauſta vinda eſte me agoira:
Diz-me aquelle, que o víra naufragante:
Quantas vezes levada da incerteza,
Aſſim como não ſei ſe he vivo, ou morto,
Não ſei injuſtos Ceos! (ſe morro, ou vivo.)
Ai de mim! Neſta ultima tormenta
Cuidava ver Oliſſes eſpirando
Sobre a humida areia deſta praia!
Chóro a ſua deſgraça: Eu me conſumo:
Eu ſoffrerei por elle novos males;
Os males ſentirei, que elle não ſente.
Tantos impedimentos, e perigos
Serão ſómente aereos? Voluntarias
As tardanças ſerão? Dos meus ſuſpiros,
Dos meus triſtes ſuſpiros, deſcuidado
Talvez, que hum clima mais ditoſo habite
Em novos laços de amoroſo affecto.
Da minha fé tão pura, e tão conſtante
O premio ſerá eſte? Mas eu poſſo

For-

Formar em mim eſtas injuſtas dores?
O ſeu fatal, e ultimo Deſtino
He ſó das minhas lagrimas a cauſa.
Oliſſes meu! ...

SCENA II.

Penelope, Ericlea, e Eurinome.

Eurinome.

Porque da noſſa viſta,
Oh Rainha, fugis? Vós ſois a meſma,
Que eſtaveis prompta a apparecer aos póvos:
Das noſſas direcções fiar quizeſtes
O remedio mais prompto a voſſos males,
Dando hum novo realce á formoſura,
Que em táo Divino géſto ſe contempla.
Porém vós ſuſpirais? Gemeis ainda?
He poſſivel que em prantos, e ſuſpiros
A voſſa amavel vida ſe conſuma
Em dia táo ſolemne? ...

Penelope.

Infauſto dia!
Neſte horrivel momento, que reſolvo?
He tempo de morrer: Evite a morte
Táo duro laço, que o cruel me ordena.

Eurinome.

Ah, Senhora, vencei-vos! E enxugando
Eſſes formoſos olhos, novamente
Oſtentai aquelle ar victorioſo,
Com que ſobordinais a voſſo Imperio

Os

Os mais rebeldes corações. Senhora,
Rogai, e procurai novas escusas,
Que tudo alcançará vossa belleza.
Lembrai-vos, que Telemaco inda póde
Tornar a vir; hum filho, cuja infancia
Só de mim confiou à vossa escolha;
Este amavel Heroe, nossa esperança
Não tem mais, do que a vós: Vivei por elle.

Penelope.

Sou de infinitos males combatida;
E do meu filho amado a triste ausencia
Me desespera mais. Em vão procura
Achar seu Pai, e ignoro se elle mesmo
Inda góza talvez da luz do dia.
Ah, não sei se deseje a sua vinda!
Por elle, e não por mim em tal estado
Temo a Antinois, o homem mais terrivel,
O mais falso dos homens: (Enganada
Talvez serei de todos) neste sitio
Unicamente Eumé ama a justiça,
Os Deoses teme, os racionaes ampara:
Tudo obedece a meus perseguidores.
Onde acharei remedio em tanto aperto?
Em tal consternação? Eumé cercado . . .
Mas chega, Eumé: A sua lealdade,
Seu zelo, seu valor, que fazer póde?

SCENA III.

Penelope, Eumé, Ericlea, e Eurinome.

Eumé.

NEste zelo, Senhora, que renova
O vosso pranto, as vossas agonias,
Eu vos venho offrecer minhas tristezas,
Que unir pertendo agora ás vossas mágoas:
Deixar não posso de chorar comvosco
O vosso Esposo, o meu Senhor Augusto.
Mortal dor! Hei de ver que se arruina
Este florente, affortunado Imperio?
Hei de eu ver estes miseros penhores,
Que em minhas mãos depositára Olisses,
Gemer debaixo de humas leis tyrannas?
Já, Senhora, esconder-se-vos não póde,
Que desta Ilha os póvos se declarão
Em favor de Eurimaco; porque entrando
Como triunfante neste Regio Paço,
Imagina que tudo neste dia
Será a seus desejos favòravel.
Já o apparato festival se ordena,
Onde em presença de huns, e de outros póvos
Públicas se farão as vossas nupcias.

Penelope.

Mais depressa verão a minha morte.
Este hymineo, que hoje Eurimaco intenta,
Aborreço, e não quero nem ouvillo:
Mude-se a pompa em funebre apparato.

Eu-

Eumé.

Dissimulai: Ouvi nossos conselhos:
Seja qual for de Olisses o Destino,
Mais certas provas esperar devemos:
E lembrai-vos, que tendes hum só filho,
Que se vós lhe faltais, fica elle exposto
A seus féros contrarios; que Laertes
Seu decrepito Avô, já com o pezo
Dos annos encurvado, o seu partido
Mal póde sustentar; que Telemaco
Em sua pouca idade desarmado,
De balde se opporá a seus tyrannos:
De os desunir só temos a esperança.
Ah! Temei Antinois; que elle medita
Para reinar a mais cruel perfidia;
E tendo em seu favor o Rei de Samos,
Nada poderá mais que seus tumultos.
Pensai nisto, Senhora, porque ainda
Tudo podeis neste perigo extremo:
Eurimaco vos ama; sua filha
Mover do Pai o coração bem póde:
Vós não o desprezeis: Vede com susto
A quanto de Antinois chega a violencia.
Deste traidor os laços da amizade,
Que tem com elle, desatar se devem;
Porém, Senhora, alimentái-o sempre
Co' dourado veneno da esperança.

Penelópe.

Essa esperança vá, que lisongea
Esse odioso amante, he huma injúria
Da minha eterna fé. Ah quanto sinto,

Que

Que por minha fraqueza injuſtamente
O meu amado Oliſſes offendeſſe!
Mas eu ſempre eſperei que a minha morte,
Ou ſua vinda, prevenir pudeſſem
Os tragicos horrores deſte dia:
Depois de arder em fogo táo ſuave
Pelo meu caro Oliſſes, impoſſivel
Será que eſta alma inda abrazár ſe veja
Em outra chamma, que náo ſeja a ſua:
E em váo pertende obter o Rei de Samos.

Eumé.

Senhora, cuidai menos. . . . Mas eu vejo
Que chega o Rei, e que Antinois o ſegue:
Lembrai-vos de Telemaco: Lembrai-vos
Que domináo Itaca eſtes tyrannos:
Que hum povo tem por ſi, que deſconhece
A fé, a gratidáo, e a fortaleza:
Que eſtá primeiro a ſalvaçáo de hum filho. . .

Penelope.

Supremos Deoſes! Inſpirai-me agora.

SCENA IV.

Penelope, Antinois, Eurimaco, Eumé, Eurinome, e Arcás.

Eurimaco.

GRande Rainha! Em fim he eſte o dia,
Que para ſer feliz me deſtinára
O Ceo compadecido. Já chegáráo
Eſſes doces inſtantes da minha alma
Em váo ha tantos tempos ſuſpirados,

E de vós tantas vezes differidos:
Já mais as perfeições de vosso gesto
A meus olhos tão bellas parecêrão.

Penelope.

Eu, Senhor! Que illusão da vossa vista
Entre tantos pezares, tantas dores,
Que póde merecer-vos, e encantar-vos
Hum semblante abatido, huns lacrimosos,
Huns aggravados olhos, que se affogão
No largo mar de meu continuo pranto?
Ah Senhor! Não queirais... (sede mais justo)
Que vosso amor me sirva de supplicio.

Eurimaco.

Vós olhais para mim, como quem olha
Para o primeiro author de vossos males:
Já vos esquecem os rivaes, que eu tenho.
Para render os corações mais duros
A vossa vista basta: Se pudessem
Os mais Reis conhecer-vos, no Universo
Hum só não ficaria, que arrastado
Igualmente comigo, não viesse
A suspirar de amor nos vossos laços.

Penelope.

Todos elles amantes odiosos,
Que me tem perseguido, já vos cedem:
Sei que comvosco competir não podem,
E diante de vós desapparecem.
Mas acabai, Senhor, e em liberdade
Permitti que os meus males chorar possa,
Que até para chorar me falta o tempo.

Eurimaco.

Não, Senhora! He já tempo de enxugar-se
O vosso terno pranto, e de pôr termo
Aos males, que igualmente nos affligem.
De Samos vinde honrar o throno Augusto;
Depois descançareis tranquillamente
Das vossas afflicções; tudo conspira
A fazer nosso estado venturoso....

Penelope.

Deixai, deixai correr, Senhor, meu pranto,
Que está meu coração, por desgraçado,
Bem longe dos descanços promettidos.

Eurimaco.

Não tendes vós as provas mais seguras
Do meu amor constante? Como ainda
Pertendeis enganar minha esperança?
Depois de tanto tempo, e escusas tantas,
Que artificio, oh Rainha! Inda vos resta?
Depois de huma palavra....

Penelope.

Não formemos
Deste hymineo, Senhor, tão tristes laços:
Vós mesmo pezaroso da injustiça,
Que me fizestes, vos vereis hum dia.
O amor não he filho da violencia:
Dar o meu coração, como he possivel?
Sois generoso; devo confessar-vos,
Que Olisses seu Senhor, delle não póde
Separar-se já agora hum só momento:
Só hum allivio (se he allivio) tenho
Nos meus justos pezares: A saudade,

Que

Que delle finto, e as lagrimas, que chóro.
Como vos não desgosta, e vos confunde
Ouvir com meus suspiros misturado
O doce nome do meu grande Olisses
A todos os momentos? Fugi antes,
Fugi de mim; e longe de obrigar-me,
Compadecei-vos só do meu tormento.

Eurimaco.

Como podeis ainda, deshumana,
Conceber novos modos de affligir-me?
Quereis que toque os ultimos extremos
Da desesperação? Até que ponto
Pertendeis contra mim levar os vossos
Simulados projectos? Por ventura
Quereis que outro rival, fundando a gloria
No esforço da eloquencia, vença, e ganhe
Do vosso coração todo o triunfo?
Quereis segunda vez, que eu mesmo seja
De tão crueis affrontas testemunha?
Inda tenho presente na memoria
Os passados enganos: Inda sinto
Do meu competidor a preferencia,
Como hum flagello, que me opprime a alma:
Naquelle tempo do maior transporte
Me deixo possuir: desesperado,
Impaciente, inadvertido, e cego
Me arrastárão de amor outras cadeias:
Cioso dissimulo, e vejo alegre,
Lonje de vós, o meu rival em Troia.
A amante esposa, a quem eu só devia
Os mais castos amores, dos viventes

Em

Em fim ſe aparta, dando á luz Iſiſe.
Soube que Oliſſes: deſgraçado Oliſſes!
Victima fora de Neptuno irado:
Então ſe ateia novamente a chamma
Do meu primeiro amor, minha defunta
Eſperança renaſce, creſce, e vive:
Corro a buſcar-vos, e a adorar-vos torno,
Vós conſentiſtes que eſperar pudeſſe;
Mas em vão eſperei: paſſou o tempo,
Hum dia, e outro dia; mas o fruto
Forão ſómente frivolas eſcuſas,
Fingidas dilações, que prolongárão
Da minha alma os freneticos deſejos:
Entre as anſias crueis, que mal ſupporto,
Do meu debilitado ſoffrimento
Nao abuſareis mais; baſtantemente
Tenho eſperado os merecidos premios
Do meu amante empenho; e ſe inda agora
Vos moſtrais inſenſivel, oh Rainha!
Temei as conſequencias do meu odio.

Penelope.

Eu que vos prometti? Já mais . . .

Ericlea.

Senhora! . . .

Penelope.

Ah Senhor, moderai-vos! De mais doces,
Mais ſuaves tenções, que eu vos mereço,
O voſſo grande coração he digno.
Concedei-me alguns dias: ſuſtentai-vos
Hum pouco de eſperar mais algum tempo:
Póde ſer que eſta minha reſiſtencia

Para vós se converta em suavidade;
Vindo meu filho, delle saberemos
Se de Olisses a morte se confirma.

Eurimaco.

Por muitas vezes se vos tem contado
O naufragio de Olisses: Elle he morto;
O tempo he proprio, vosso Pai consente,
Tudo vos põe na vossa liberdade.

Penelope.

No estado, em que estou, viver não posso.
Triste de mim, se de meu filho a vinda
A meus justos pezares não põe termo!
Alguma compaixão se quer vos deva
Huma mãi triste, que chorar só póde
Do filho a ausencia, de seu Pai a morte.
Se estes suspiros meus puderem tanto,
Que o Ceo por elles me conceda, ao menos
De Telemaco a vinda, consolando
Irá hum filho a perda de hum esposo.

Eurimaco.

Será possivel que tambem se opponha
Contra mim vosso filho! Por ventura
Arbitro sou do seu fatal Destino?
Tive parte em seus erros voluntarios?
Eu posso em favor seu, se em vosso obsequio
Reger as ondas, dominar os ventos?
Senhora, póde ser que o vosso filho
Já não respire, porque morto fosse
Das insolentes mãos de alguns piratas.

Penelope.

Já vos entendo: Sei a vossa inveja;

Te-

Temeis o ſeu valor; a ſua morte
Ha muito pertendeis occultamente.
Do voſſo amor, que prova manifeſta!
Querer tirar-me a poſſe do meu filho,
Unico bem, que neſta vida tenho!
E prezais-vos, Senhor, de ſer amante? ...
Pelo ſeu intereſſe, eu vos attendo:
Eu meſmo morrerei para ſalvallo: ...
Eu vencerei a extrema repugnancia
Deſte meu coração: D'ante os meus olhos,
Fugi de todo: Não torneis a ver-me,
Senão volta meu filho, ſe o não vejo.

Eurimaco.

Ou elle venha, ou não, ſerá preciſo ...
Mas! Eu vos deixo já, para livrar-me
Das anſias, que me opprimem: Neſte dia
Voſſa final reſolução eſpero ...
Quando não, vede bem ... que aos meus affagos
Succederáõ ao meu furor as iras.

Penelope.

Faze, faze morrer huma innocente
Rainha, que aborrece o teu affecto,
E ſó pede o teu odio.

SCENA V.

Antinois, Penelope, Ericlea, e Eurinome.

Antinois.

JÁ Senhora, ..

Penelope.

Antinois, nada temo: Aos ameaços
Sou inflexivel: Saberei livrar-me
Das vossas leis ao barbaro dominio. (1)

SCENA VI.

Antinois, e Arcás.

Antinois.

DEste hymineo a hora differida
Ha tantos tempos, apressemos hoje:
Nelle a sorte o caminho me franqueia
Para subir ao throno: Este faminto
Desejo de reinar, de que está cheio
Todo o meu coração, farte-se agora.
Quando a morte de Olisses se fez certa,
Viste, Arcás, a invasão dos pertendentes,
Que entrárão nesta Ilha: Com seu povo,
Que facilmente ás minhas leis sujeito,
A escolha da Rainha lhes disputo.
De seu Regio hymineo a preferencia
Lisonjeava as minhas esperanças;
Porém do Rei de Samos, receando
As armas, e o partido ventajoso,
Determino sem armas de vencello.
Elle era amante, e eu reinar queria;
Se o Estado me deixa, case embora
Com a mesma Rainha; em paz a leve:
Na sua ausencia o Sceptro me pertence,
E do Principe a vinda só receio.

Ar-

(1) *Vai-se.*

Arcás.

Feliz annúncio de melhor fucceſſo
Protege a voſſa empreza. Ha muitos tempos
Que Itaca feu Senhor vos reconhece;
Se Telemaco do furor das ondas
Eſcapado tiver, dos vigilantes
Navios noſſos eſcapar não póde:
Nada o póde falvar; mas eſtas praias
Cubertas são de nauticos deſpojos,
E elle neſta ultima tormenta
Sem duvida morreo.

Antinois.

Ainda he preciſa
Mais exacta certeza. Eu conjecturo
Que contra a fua vida conſpirado
Eurimaco já teve. Elle temia,
Como eu temo, eſte moço temerario;
Porém talvez que enternecido olhando
Para o pranto da Mãi, a bem do filho
Tenha tomado novos fentimentos;
E com eſta liſonja da Rainha
Ganhar o coração lhe ferá facil.
He dos póvos o eſpirito mudavel:
E póde deſte Principe a preſença
Contra nós revoltallos. Não he iſto,
Arcás, ainda o mais: Tu não ignoras
Que eſcolha fiz de Ifife para eſpoſa,
Ou foſſe amor, ou foſſe utilidade
Do brilhante eſplendor de huma alliança
Digna de minha proxima grandeza:
He meu rival ainda Telemaco:

Das

Das minhas pertenções elle sómente
He o unico estorvo; em fim a empreza
De que elle morra já por nós disposta,
Agora mesmo em prática se ponha:
Falla aos que hão de ajudar-nos, que eu pertendo,
Sem perder tempo, que Eurimaco irado,
Estavel nas tenções, em que vacilla,
O genio vença, e o orgulho abata
De huma inflexivel, contumaz Rainha:
A seu lado contente parta embora
Entre nupciaes acclamações, com tanto
Que aqui Senhor pacifico me deixe:
Reinemos; e se Olisses dessas praias,
Que mais distão de nós, ou da perpétua
Escura noite do sepulcro triste,
Ou do profundo baratro do Inferno
Tornar á luz do dia, e ousado queira
Arrancar-me da fronte este diadema;
Firme, sem balançar, nestes meus braços,
Eu o verei primeiro, sim primeiro
Eu o verei, entre terriveis gestos,
Lançar gemendo o ultimo suspiro:
Não haja mais demora; eu já não posso
Prolongar meu cançado soffrimento:
Hei de reinar, ou hão de morrer todos.

ACTO

ACTO SEGUNDO

SCENA I.

Ifise, e Argina.

Ifise.

OH quanto eftas defordens me atormentão!
Mais que de amor, de colera inflammado
Fica meu Pai: Bufquemos a Rainha,
Vejamos fe podemos confolalla.

Argina.

Vós fempre acompanhais os feus defgoftos
Com os voffos fufpiros. De piedade
Qual extremo, Senhora, vos obriga
A ter tão grande parte nos feus males?
Podem fentir-fe, podem confolar-fe;
Mas voffo terno coração não foffre
Que não fejão comvofco repartidos:
Tudo a Mãi pelo filho vos merece.

Ifise.

Todo o meu coração fe abre comtigo:
Eu nada tenho que efconder te poffa.
Ah quantas turbações, quantas anguftias
(Se te lembras Argina) me cercárão
Nefte lugar! Aos pés defta Rainha
Vi fufpirar meu Pai inutilmente:
Ella chorar de feu efpofo a aufencia,
E achar, não fei que gofto, em feus pezares:

De ambos eráo reciprocas as queixas:
De dor, e susto o peito me batia,
E horrorizada deste exemplo, juro
Fugir de huma paixáo, que o Mundo errado
Anda chamando amor, sendo tormento;
Mas eu temo que seja inevitavel
Este doce veneno; Telemaco
Mais que nenhum do meu amor he digno:
As virtudes, as Graças o rodeáo;
E a par de seu rival aborrecido
Realça mais o seu merecimento.
Dous contrarios objectos me combatem:
Ameaçada de Antinois me vejo:
He para mim odioso, e o mesmo impulso,
Com que fugir lhe quero arrebatada,
Mais entáo para o Principe me inclina:
Se devo, ou náo deixar prender-me tanto,
Aconselha-me tu.

Argina.

Sinceramente,
Se quereis attender-me, eu fallo, ouvi-me:
Os coraçóes, que penetrar se deixáo
De paixáo, como a vossa, muitas vezes
C'os bons conselhos ainda mais se irritáo
Que amor com seus contrarios se accrescenta.
Mas vós náo conheceis o vosso engano.
Tem por vós Telemaco igual cuidado?
Se tambem vos amasse, por ventura
Teria coraçáo para deixar-vos?

Isise.

Se he erro amar, eu gosto do meu erro.

Ah

Ah que os ſuſpiros ſeus já me tem dito
Seus ardentes deſejos! Em ſeus olhos
Mil ſinaes de ternura tenho achado.
Inda quando me lembro da ſuave
Converſação, que tive ſó com elle . . .
Elle os olhos em mim, eu nelle os olhos,
Inquietos os ſeus, os meus turbados,
Julgo que inda lhe lembro, que impoſſivel
Será, que verdadeiro amor não foſſe
O ſeu antigo amor. Não paſſa inſtante,
Que na minha memoria o não retrate:
Não ha lugar, onde o Amor não finja,
Que o encontro, que o vejo, que lhe fallo;
E póde ſer, Argina, que algum dia
Torne a fazer meus olhos venturoſos;
Alegre a triſte Itaca, e á viſta della
Jure nas minhas mãos ſolemnemente
Immortaes votos de huma fé conſtante.

Argina.

O coração, Senhora, de hum mancebo
Poucas vezes he firme. Seus cuidados
Longe de vós em outro amor ſe empregão.
Ha nas Cortes da Grecia outras bellezas:
A viſta dellas, o poder da auſencia,
O ſeu eſquecimento, o ſeu ſilencio . . .

Iſiſe.

Argina, porque augmentas o meu pranto?
Das eſperanças de tornar a vello
Não me tires o goſto. Grandes Deoſes!
Vós, que tudo podeis, reſtitui-me
O meu Principe amado, providentes

Sal-

Salvai-o dos perigos. A soberba
De sua Mái fazei que abrandar possa;
Que aos rogos de meu Pai ceda benigna;
Que a minha fé o filho corresponda;
E que possa ...

Argina.

Calai-vos, que o Rei chega.

SCENA II.

Eurimaco, Antinois, Isise, e Argina.

Eurimaco.

NÃo ... Não posso viver, se continúa
O odio da Rainha. Não, eu quero ...
Porém sois vós Isise? ... Ides acaso
Ao quarto da Rainha? Ide, fallai-lhe:
Para me ouvir seu animo disponde,
Em quanto eu a seus pés não vou pedir-lhe
Da minha injusta colera piedade.

SCENA III.

Eurimaco, e Antinois.

Antinois.

COmo póde, Senhor, a falsa gloria
De huma esperança vã lisonjear-vos?
Não vos deixeis vencer. He sempre altivo
O genio das mulheres; e abusando
Da submissão dos homens, por systema
De hum caprichoso extremo, se encaminhão
Ao cume da soberba. A vossa grande

Reputação não sei se já padece
Entre os póvos da Grecia. Elles murmurão,
E o vosso injusto amor lhes dá materia.
A vossa alma obstinada, as vís cadeias,
Que arrasta ha tantos tempos, a constancia
Nos continuos desprezos da Rainha,
Nutre a sua soberba; e em seus altares
Ah, Senhor! Quanto temo que algum dia
Sejais de amor á victima funesta!
Huma mulher querida faz estudo
De saber até aonde levar póde
A sua tyrannia. Desprezada
Esta ingrata, talvez que reconheça
As suas sem-razões, e se confunda.
Resisti ao estimulo indiscreto
Do vosso coração: armai o braço:
Com seu grande poder ameaçai-a:
Fazei por huma vez, que esta Rainha
Ou vos ame, ou vos tema. Ambiciosa
Talvez então, que facilmente ceda
Ao gostoso interesse de livrar-se
De huma triste viuvez, em que se firma
Toda a sua soberba; que hum estado
De dor, e luto, e de pezares cheio
Sempre huma alma, Senhor, afflige, e cança.
Apressai-vos. . . .

Eurimaco.

Não ha para abrandalla
Neste meu coração mais que suspiros;
Mas se vão contra mim os seus desprezos,
Tomando nova força. . . que faremos?

Se-

Senão fugirmos della . . . . Sim: Fujamos . . . .
Mas, ah tyranno amor! Que o teu injusto
Poder augmenta mais os meus desejos,
Quanto mais te resisto. Desagrados,
Desdens, injúrias, sem-razões, soberbas
De novo atêa á chamma, em que me abrazo;
E ás perfeições da sua formosura
Não sei que estranha graça lhe accrescenta.
Tantas lagrimas tristes derramadas,
Tantos suspiros vãos soltos ao vento
Já puderão ter feito na minha alma
Impressão bem diffrente: Já puderão
Ter convertido as altas qualidades
Nos defeitos mais vís: Ella devia
Já menos agradar-me; mas de novo
O fraco coração render se deixa:
O seu abatimento armas empresta
Ao seu proprio inimigo: Aquelles olhos,
Aquelles bellos olhos, assim mesmo
Languidos, e turbados, os sentidos,
As potencias me encantão: Vamos, vamos
Honrar suas virtudes, e offrecer-lhe
Huma alma terna, hum coração submisso,
Salvar-lhe o filho, e merecer-lhe a graça.

Antinoïs.

Vede que he este filho aquelle mesmo,
De que já contra nós na sua infancia,
Por defender seu Reino em odio accezo
Vimos o braço vingador armado:
Soberbo, e melancolico affectando
Desprezar as delicias, se entretinha

Da

Da ambição nos mais ſoffregos deſejos:
Elle, vós o ſabeis, do grande Oliſſes
Bem moſtrou que era filho: Elle miſtura
Em ſi o atrevimento, e o artificio:
A' noſſa meſma viſta quantas vezes,
Mal podendo fingir-ſe, com ſeus olhos
Chegou eſte cruel a ameaçar-nos?
Mas com que ardor, com que ſegredo, e manha
As noſſas praias deixa, e corre á Grecia;
Hum anno he ſó paſſado, quando intenta,
Valendo-ſe de intrigas, malquiſtar-nos
Com os Principes Gregos. Sim; vós meſmo
Sabeis as cauſas, por que juſtamente
Deveis deſconfiar deſta viagem:
Voſſos contínuos ſuſtos lhe preparáo
Ha muito tempo a morte: Agora vede,
Que para arrepender-vos he já tarde:
Ao mar, q̃ o cérca, ás minhas náos, q̃ o buſcáo,
Já náo póde eſcapar: De qualquer modo
A vida perde.

SCENA IV.

Arcás, Eurimaco, e Antinoïs.

Arcás.

O Principe he chegado:
Os Deoſes o livrárão; e em Palacio
Entrando encontra Eumé: Como attrahida
Do ſeu aſpecto, a multidáo do povo
Corre de toda á parte alegre a vello.

An-

Antinois.

Deoses! Que escuto! Telemaco vive!

Arcás.

Elle cahir devia na cillada
Junto aos rochedos de Asteris disposta;
Mas, Senhor, nesta ultima tormenta
Hum esforço da sorte ainda o ampara
Deste risco evidente; e desviado
Do porto, que buscava pela força
Das ondas bravas, dos contrarios ventos
O cabo de Forcim demanda, e toma:
A tempestade, que o livrou da morte,
De Corsire os navios mette a pique;
E batendo nas rochas náos, e gentes,
Gentes, e náos foi na pallida noite
Nas voragens das ondas submergido.

Antinois.

Se Telemaco conseguio salvar-se
Das passadas ruinas, nestas praias
Encontrar póde o ultimo naufragio:
Se no mar escapou, na mesma terra,
Que ambicioso busca, novas ondas,
Novos ventos, em fim nova tormenta
O fará naufragar. Todo o cuidado
Nesta causa commua tenho posto:
Eu hei de proseguir.

Eurimaco.

Ah! Respeitemos
A fortuna de hum Principe, que chega
A ser hoje dos Deoses táo querido:
Náo derramemos o estimavel sangue,

Que

Que vem dos altos Reis da antiga Grecia.

Antinois.

Pois quereis perdoar a hum temerario
Mancebo em damno vosso? Se o arrojo
Lhe não embaraçamos, quanto temo
Que as suas proprias mãos no nosso sangue
Inda a manchar se atreva. Sim, bem póde
Convocar vinte Reis em seu auxilio:
Ah, morra Telemaco, antes que os chame.

SCENA V.

Telemaco, Eumé, Eurimaco, Antinois, e Arcás.

Eurimaco.

QUe prazer não será para a Rainha,
E para mim que gosto, ver que o pranto,
Que até agora verteo na vossa ausencia,
Torna a correr de gosto á vossa vista!
Muitas vezes tememos que Neptuno
Irado, perseguindo o Pai, e o filho,
Para sempre de nós os apartásse;
Mas forão nossas súpplicas ouvidas;
Dia tão felizmente sinalado
A Epoca fará dos nossos tempos.

Telemaco.

Senhor, muito vos devo; mas não posso
Conhecer donde nasce esta mudança,
Que tanto me surprende? Quem dirige,
E governa estes póvos? Que attentados,
Que violencias são estas? Quem se atreve
Ser contra minha Mãi, e os meus dominios?

A minha auſencia, e de meu Pai a falta
O desbocado monſtro da injuſtiça
Tem poſto em liberdade; e ſe na morte
De hum grande Rei ſe funda, ſeus direitos
Neſtas mãos inda reinão; e o ſeu nome
Em mim torna a viver. Minha preſença
Funeſta vos ſerá. Eſtes rebeldes,
Prejuros corações, lembrar ſe devem,
Que ſeu Principe ſou; que poſſo, e venho
Punir ſeveramente os ſeus delictos.

Antinois.

Não ſei que haja, Senhor, cauſa baſtnte,
Para que a voſſa colera vos mova
A tão duro caſtigo; porém temo
Que hoje vejais ſem fruto a voſſa idéa,
Aſſim como he ſem cauſa. As voſſas queixas
Contra quem são? Queixai-vos da Rainha,
Que entreteve, e irritou com vans palavras
Mil Principes, que a buſcão? Mas vós meſmo
Influi na eleição, que fazer deve:
Vede, que he tempo em fim....

Telemaco.

Vós deveis todos
Calar, e obedecer; não condemnando
As ſuas voluntarias reſiſtencias.
A huma eſcolha violenta não ſe obriga
A vontade Real. Obedecendo
Deveis ſó eſperar que ella reſolva:
Em tantas pertenções, em fim ſó ella
Arbitra póde ſer do ſeu Deſtino;
Mas eu não deixarei impunemente,

Que

Que da ſua, e da minha deſcendencia
Se offuſque o eſplendor, e a Mageſtade:
Por ſuſtentar o meu poder ſupremo,
Começarei por vós, ſe for preciſo,
A moſtrar que hum vaſſallo....

Antinois.

Telemaco;
Mui colerico eſtais. Principe! Vede
Que hum vaſſallo, como eu, de nada teme:
E muito menos de huma authoridade
Inda tão mal ſegura. Eſte projecto
Póde ſer de funeſta conſequencia.

SCENA VI.

Telemaco, Eurimaco, e Eumé.

Telemaco.

NÃo ſeria Antinois tão temerario,
Se a voſſa protecção não influiſſe
No ſeu atrevimento. Encontro cheio
De guardas eſtrangeiras o meu Paço;
E nelle minha Mãi como cativa:
Eu vejo os meus legitimos vaſſallos
Gemer, e ſuſpirar. Que feſta, e jogos
Apparelhando eſtais? Que nova pompa
Se diſpõe neſtes ſitios? Eu não venho
Interromper ás voſſas alegrias;
Mas vós deveis deixar-nos em ſocego,
E ir fazer em Samos eſtas feſtas.

Eurimaco.

Que grande coração! Principe, eu tenho

Horror á injuftiça. A razáo pede,
Que hoje finceramente vos informe
Dos meus defignios todos. O meu braço
Defte fitio cem Principes tyrannos
Competidores meus, contrarios voffos
Fez defapparecer; porque afpirando
Ao amor da Rainha, defolaváo
Com as armas na máo voffos Eftados;
E em fim eu fó a fua máo mereço.
Defpofado com ella, irei contente;
Os devidos direitos, que vos tocáo,
Ufurpados por mim, vos reftituo:
A fer feliz, oh Principe, ajudai-me:
Vós fabeis que a Rainha, a quem eu amo,
Para me dar o premio, que mereço,
Náo efperava mais que a voffa vinda:
Nefte dia ditofo concertemos
Huma perpétua paz. He morto Oliffes:
Eu já me efqueço do meu odio antigo:
Entre os contrarios meus elle occupava
O primeiro lugar; mas da Rainha
Unicamente em vós o filho vejo:
Com minha filha eftá. Ide, fallai-lhe
Nefta doce uniáo, que inda mais firme
Póde ficar por meio de outros laços:
Confultai os internos fentimentos
Do voffo coraçáo, que o meu he voffo.
Eu vos deixo . . . (1)

SCE.

(1) *Vai-fe.*

SCENA VII.

Telemaco, e Eumé.

Telemaco.

QUe Sorte me destina
Vir a este lugar? De que projectos
Acharei a Rainha? Respondei-me,
Que o Oraculo sois unicamente,
Que posso consultar. Diante della
Como hei de conduzir-me? Será certo,
Que a reduzisse o tempo a ser mudavel?
Não he isto de hum Principe tyranno
Huma injusta violencia? E eu não posso
Armar em meu favor todos os Gregos?

Eumé.

Ah, Senhor! Que farão os seus soccorros:
Evitar as ruinas, que ameação
A consternada Itaca. As esperanças
De Eurimaco animai; e do tyranno
Dissimulai a falta de respeito.
Eu sei, Senhor, que vós nunca pudestes
Esconder a ternura, com que Ifise
Sujeitou a vossa alma: Eu tenho visto,
A pezar vosso, quanto amor vos deve.

Telemaco.

Ah meu querido Eumé, eu me envergonho
De que amor me domine. Pelo odio,
Que injustamente tenho ao Rei de Samos,
De Ifise quiz fugir, imaginando

Já rotas as cadeias; mas de balde
Os meus projectos são, pois torno agora
Inda mais prezo dellas. ¿Não sei aonde
Levarei meus desejos insensatos!
Que contrarios affectos me perturbão!...
Creio que vejo Isise... Eu fujo... Eu paro...
Vós buscai minha Mãi, e preveni-a
Sobre as tristes noticias, que me ouvistes,
Que eu vos sigo.

SCENA VIII.

Telemaco, e Isise.

Telemaco.

No mal, que me atormenta,
Hum favoravel, hum benigno aspecto
Ainda o Ceo me mostra. Os mais tyrannos,
E injuriosos golpes da Fortuna
Ao divino poder dos vossos olhos
Cedem, bella Princeza. Os meus desgostos
A' vossa amavel vista affugentados...

Isise.

Senhor, vossa partida arrebatada,
Occulta, e imprevista; este silencio,
Esta demora, tudo me tem dito,
Que os meus olhos comvosco nada podem:
Eu já vos esqueci: Toda a vossa alma
De mais doces idéas está cheia:
As bellas Damas de Micena, e Esparta
São os vossos cuidados....

Te-

Telemaco.

. . . Ah Senhora!
Onde vos levão vossas vans suspeitas?
Minhas obrigações indispensaveis
Me apartárão de vós; e era preciso
Ou partir, ou morrer ás vossas plantas:
Hum indigno descanço escurecia
A gloria do meu nome. Os arriscados
Trabalhos de meu Pai continuamente
A' minha triste idéa se propunhão:
Parti a procurallo, e vagabundo,
Pintando n'alma sempre a vossa imagem,
Aonde quer que vou, ides comigo:
Longe de vós de novo a cada instante
Do meu amor mais digna vos achava.
Eu volto, eu chego, e a buscar-vos torno.
Mas como ainda apparecer vos posso?...
Eu já não sou senhor dos meus Estados!
De que tristes objectos os meus olhos
Não são feridos! Vergonhosamente
Postos em sujeição os meus vassallos!...
Os meus Regios direitos offendidos!...
Mais que nunca tratemos de vingança
Contra o mesmo Eurimaco...

Isise.

Ah que projectos
Tão tristes concebeis! Deliberada
Já fica vossa Mái por hum conselho
Saudavel ao Reino, a vós, e a ella.
Deixei-a resolvida a esta escolha,
Attendendo á demora, e ás muitas vezes,

Que

Que fora differida. Ide: Bufcai-a...
Mas ella chega: Vede como prova
Na fua impaciencia o feu affecto!
Senhor, ide apreffar efte momento
De nós táo defejado. Venturofos,
Se o permittis, feremos. (1)

SCENA IX.

Penelope, Telemaco, Ericlea, e Eumé.

Penelope.

AH meu filho!
Permitte o Ceo em fim, que eu torne a ver-vos!
Mas ah! Com que amargura he mifturada
Efta minha alegria! De táo longa
Trabalhofa viagem, qué do fruto?
Do Deftino de Oliffes informai-me.

Telemaco.

Por todas eftas partes do Univerfo
Ouvi mil vezes do feu nome a Fama;
Porém todos, Senhora, ao mefmo tempo
Choráo a fua morte. Na deferta
Praia Seciliana, o deftroçado
Refto dos feus navios a infamada
Caribdes arrojou. Meus triftes olhos,
Ainda mal! Que teftemunhas foráo
Do feu fatal, e ultimo Deftino!
O valor, e a prudencia náo puderáo
Salvar táo grande Heroe: Já não podemos

Du-

(1) *Vai-fe.*

Duvidar de huma perda tão funesta,
Nem delle nos ficou mais que a memoria
Do seu eterno, e respeitavel nome.

Penelope.

Em fim, meu filho, já não vive? He certo?...
O Ceo o permittio? Da sua vinda
São estas as promessas? Que impiedade!
Onde acharei a sua amavel cinza?
Morreo o meu Olisses, e não pude
Ir com elle abraçada á sepultura?

Telemaco.

O vosso coração ha muito tempo
Prevenio este golpe, e não devia
Resistir-lhe tão pouco: O mesmo tempo
Pode tirar-lhe parte da violencia:
Dai, Senhora, huma prova de constancia,
Que distinga a vossa alma: Toda a Grecia
Outra Sorte mais fausta vos deseja.

Penelope.

Ah meu amado filho! Hum tal esposo
Digno será de copioso pranto,
Em quanto eu tiver lagrimas nos olhos,
Em quanto houverem lagrimas no Mundo.
E por vós, Telemaco! Por vós mesmo,
Ah quantas vezes! Chorarão ainda?
De hum filho a vida, de hum esposo a morte,
A hum tempo chóro, e temo. Ah! que não posso
Chegar a ver-vos sem tremer de susto.

Telemaco.

Não cuideis mais que em vós: Não vos assuste,
Senhora, a minha morte: Este consorcio

 Eu-

Eurimaco pertende, porque possa
Sem vos fazer violencia, ao seu Destino
Unir a vossa Sorte. Por ventura
Em vão esperará? Fallai, proponde
Ao vosso coração estes designios:
Resolva elle, porque he só quem póde.
Vós sois Rainha livre: De vós mesma
A unica senhora: e esta escolha,
De que a prompta resposta se vos pede,
Vós podeis rejeitar. Meu Pai me falla
Ainda ao coração, e diz, que devo
Seguir o seu exemplo: Os elogios,
Que deste Rei magnanimo se contão,
Não são mais que lições recommendaveis
De conservar a verdadeira gloria
De combater por vós; e os mesmos Gregos,
Que seu braço vingou em nosso amparo,
As armas tomarão.

Penelope.

Ah que muito perto
Está, meu filho, o golpe do ameaço!
A vossa audacia contra o Rei de Samos
Por ora reprimi: Vede-o, dizei-lhe...
Sim... que póde nutrir inda a esperança...
Que espere... Em fim, que eu posso declarar-me
A seu favor; e em tanto segurai-vos
No amor destes vassallos, que vos forão
Até agora fieis; vossos amigos
Prudente convocai, e do tyranno
Coração de Antinois detende a ira:
Desconfiai de todos, e sómente

Acre-

Acreditai Eumé. Ide, apreſſai-vos:
Fazei-vos ver do povo.

Telemaco.

Sim, eu parto
A examinar os animos daquelles,
De quem me hei de fiar; e ſendo preſtes
A defender-vos, tornarei, Senhora.

SCENA X.

Penelope, e Ericlea.

Penelope.

QUe diſſe! Que farei! Oh deſgraçada
Rainha mais que todas! Ah meu filho!
A colera evitarei deſſe tyranno:
Podem os meus repudios novamente
Contra mim, contra vós deſafialla.

Ericlea.

Oh Deoſes! Se eſte Rei deſenganado
A vingança renova: e ſe a violencia
Do ſoberbo Antinois acaſo ſegue,
Aonde irão, aonde irão, Senhora,
Seus impetos crueis? Ah que os deveres
De Mái, de eſpoſa, e de Rainha pedem
Huma condeſcendencia prompta, e firme
A's leis de voſſo Pai, que vos ordena
Eſte novo hymineo.

Penelope.

Hymineo triſte!
Todos protegem de Eurimaco a cauſa.
Mas ai triſte de mim! A lei paterna

Me liga ha muito tempo: De meu filho
Os interesses clamão, e a precisa
Tranquillidade deste Reino o pede:
Eu prometti, meus póvos esperárão...
E ainda em vão esperão, que não deve
Este meu coração já consentillo.
Vizinhos mares, que escutais meu pranto,
Encapellai, enfurecei as ondas;
Vinde buscar-me, sepultai-me nellas.
Oh feros Aquilões! Sobre essas praias
Ide juntar a minha triste sombra
A' sombra errante do meu caro esposo:
Acabai...

Ericlea.

Ah, Senhora! Telemaco
De outros promptos soccorros necessita:
De hum tão querido filho o doce nome
Vós deveis conservar...

Penelope.

Ah! como? ... Eu posso?
Reinará só Olisses na minha alma:
Eu levarei ao centro dos abysmos,
Ah meu amado Olisses! O bom nome
De tua digna esposa; para sempre
Se hão de unir nossos nomes, repartindo
As honras entre nós: Do meu affecto
A constancia immortal fará que seja
Igual a minha gloria á gloria tua.

Ericlea.

A seu filho attendei: Do grande Olisses
Fazei que nelle se renove a fama.

Que

Que ha de ſer deſte Principe? Vós meſma
Tereis valor de o condemnar á morte.

Penelope.

Oh grande Deoſa, que reſpeita Itaca!
Sacroſanta Minerva! Telemaco
Já em mim não tem Mãi: Por voſſa conta
O ſeu Deſtino corra. Sim, dignai-vos
De lhe ſervir de Mãi. Ah! Vamos, vamos
Perder a vida junto a ſeus Altares.

ACTO TERCEIRO

SCENA I.

Oliſſes ſó.

IMmortal Deoſa! Cuja luz brilhante
Ha tantos tempos os meus paſſos guia,
A minha alma allumea! Em fim, são eſtes
Os patrios horizontes?... São de Itaca
Os ares, que reſpiro?... Eu ſonho? ou vejo?...
São eſtes os lugares, onde abrindo
Os olhos, pude ver os reſplandores
Do meu primeiro dia?... He eſte o Paço?...
He eſta a porta?... As praias ſerão eſtas?
De quem continuamente ante meus olhos
A imagem ſempre andava? Que tranſporte?...
Que occulta força o coração me agita,
O ſangue me perturba! Amados ſitios!

Ain-

Ainda conſervais as precioſas
Prendas, que buſca em vós o meu deſejo,
E que em tão longa auſencia receava
Não ver já mais? A's portas de Palacio
Guardas deſconhecidas! Povo eſtranho!...
Não ſei que me annuncia! Que feſtivos
Nupciaes apparatos ſerão eſtes?...
Já eu eſquecerei! ... Será poſſivel
Que já não me eſperaſſem! ... Tudo excita
A minha turbação ... Eu já não tenho
Onde firmar a minha confiança:
Meu paſſo errante... minha viſta incerta...
Ah não ouſo a informar-me das deſgraças,
Que temo, e que me aſſuſtão! Surprendido...
Porém hum vulto chega ... Eumé parece ...
He Eumé. Provaremos o ſeu zelo.

SCENA II.

Oliſſes, e Eumé.

Eumé.

CONſervai a Rainha, Ceos piedoſos!
Deoſes! Com mão benigna preſervai-a
Das deſgraças, que a cércão, permittindo
Que hoje meſmo eſte Principe adorado
Servir-lhe poſſa de ſeguro aſylo.

Oliſſes.

Senhor, eſtamos ſós; fallar podemos.
Se acaſo ſois Eumé, cujas virtudes
Oliſſes tanto amou, hum deſgraçado,
A quem o mar, e os ventos arrojárão

Nau-

Naufrago a eftas praias, conhecido
Do voffo Rei, bem póde fem receio
Chegar-fe a vós, pedir acolhimento.

Eumé.

Quanto fou, quanto poffo, em voffo auxilio
Podeis feguramente prometter-vos.

Oliffes.

Tudo quanto aqui vejo me fufpende!
Outros eftes lugares me parecem.

Eumé.

Aqui já n'outro tempo o fabio Oliffes
Fez reinar a virtude, amar-fe a gloria,
Florecer a abundancia; mas a trifte
Aufencia defte Principe famofo
Produzio de repente huma funefta
Mudança para nós. Se o conheceftes,
Como dizeis, chorai a noffa perda,
Chorai tal Rei.

Oliffes.

Penelope, e Laertes,
Onde eftão? Que he feito de feu filho?

Eumé.

A trifte narração dos feus trabalhos
Pede mais largo tempo. Eu fei que vivem;
Mas ah, Senhor! Que o feu fatal Deftino?..

Oliffes.

Falla-fe do conforcio da Rainha?

Eumé.

Eurimaco a pertende por efpofa.

Oliffes.

Por efpofa! Eurimaco!... Que diffeftes!..

Acon-

Aconſelhaſte-a vós? Ella conſente? . . .
Já Oliſſes tão pouco amor vos deve?

Eumé.

Os Deoſes todos do ſagrado Olympo
São teſtemunhas do meu zelo ardente.
A incrivel conſtancia da Rainha,
Que ſerá do ſeu ſexo o exemplo, a gloria
Aborrece! hymineo; mas a Coroa,
E a vida de ſeu filho importa muito
Que ella ſegure á cuſta deſte preço.

Oliſſes.

Senhor, do ſeus tyrannos a injuſtiça
Hão de os Ceos confundir. O ſeu ſoccorro
Novamente imprecai, que elles bem podem
O voſſo amado Rei reſtituir-vos.
Oliſſes não morreo.

Eumé.

Ah! Que mil vezes
Deſſa meſma eſperança liſonjeira
Temos ſido enganados. Mas o tempo,
A ſombra vã da noſſa falſa gloria,
Qual paſſageiro ſonho, decipando,
Como d'antes choramos noſſos males.

Oliſſes.

. . Credeme que elle vive, e que elle torna;
E pelos Deoſes, ſe he preciſo, o juro.

Eumé.

Que ainda torne a ver ſerá poſſivel
O meu Senhor, o meu Monarca Auguſto?

Oliſſes.

E ſe o vires! . . . Sera o voſſo zelo

Ca-

Capaz de o defender contra os assaltos
Da Fortuna cruel?... Tereis constancia
De morrer a seu lado?

Eumé.

Ah que Fortuna!
Este peito, este braço, em fim por elle
Todo o meu sangue...

Olisses.

Pois abri os olhos:
Este he o vosso Olisses: Conhecei-lo?

Eumé.

Ah! Que escuto?... Que vejo?... O' Ceos!
Olisses!...
Sereis vós? Esse traje... Essa mudança...
O meu espanto... O meu contentamento...
Ah, Senhor, perdoai, se duvidoso...
Mas os Deoses piedosos vos salvárão.

Olisses.

Olhai que podem vêr-vos: Levantai-vos.

Eumé.

Quem ha de crer que o vingador de Troia
Entra em seu Reino só desconhecido,
Sem tropas, e sem nàos!... Esses guerreiros,
Que debaixo dos vossos estendartes
Comvosco forão. Onde estão? Qué delles?

Olisses.

Não tornarão a ver a sua Patria.
Os seus honrados ossos para sempre
Por ondas bravas, por agudos ferros,
Huns sepultados, outros destruidos,
Heroicamente as vidas acabárão.

O longo ſitio da abrazada Troia,
Os riſcos, e os aſſaltos não tem ſido,
Mais que huma breve ſombra, hum breve enſaio
Dos meus duros trabalhos. Ha dous luſtros,
Que vagabundo por chegar a Itaca
As ondas forço, c'os Deſtinos luto:
E de todos os meus eu pude apenas
Sahir com vida. E praza aos juſtos Deoſes,
Que de tamanhos males ſe contentem!
Pois ainda poſſo ſer d'outros maiores
Accommettido aqui. Dai-me a certeza
Dos que devo eſperar: Fallai ſem ſuſto.

Eumé.

Na voſſa larga auſencia apparecêrão
Cem Principes rivaes, e ambicioſos
De dous objectos igualmente grandes,
O throno, e a formoſura da Rainha.
Ao público rumor da voſſa perda
Tomárão nova força; e dividida
Em differentes facções, foi deſolada
A infeliz Itaca. Em vão me opponho
A ſeu orgulho. O Principe mancebo...
O decrepito, e tremulo Laertes
Já inclinado ſobre a ſepultura,
O povo ha tanto tempo intorpecido
Na mole ocioſidade, não podião
Rebater dos tyrannos a violencia:
Só em vós eſperavamos. Afflictos,
E ſem ceſſar, pediamos aos Deoſes,
Que vos trouxeſſem a vingar ſevero
Eſtes atrevimentos. Mil noticias

Infauſtas, e confuſas perturbavão
As noſſas eſperanças; mas a triſte,
A conſtante Rainha ás importunas
Pertenções deſtes Principes apenas
Reſpondia com lagrimas: Seu filho
Ella creava entre os ſeus trabalhos,
Nem a força do tempo, que coſtuma
Diminuir a pena mais ſenſivel,
Nem ricos apparatos, nem pompoſas
Imagens de feſtejos exquiſitos,
Grandes promeſſas, feros ameaços,
Em fim, quantas induſtrias, quantos modos
Tem inventado Amor para vingança
Dos mais rebeldes corações, não póde
Nem reduzilla a que eſcolheſſe Eſpoſo,
Nem adoçar-lhe a mágoa. Ella fingia
Vacillar na eleição dos pertendentes,
Inda a pezar da paternal vontade
Aſſinalava hum dia; porém nunca
Eſſe dia chegou. Té que Eurimaco
Cançado já da ſua reſiſtencia,
Entra em Itaca, e o poder lhe uſurpa:
De Antinois apoiado eſte invejoſo,
Sem reſpeitar as Leis, temer os Deoſes,
Da recluſa Rainha o triſte pranto
Deſpreza altivo, e lhe propóe ſevero
Hymineo, ou a morte....

Oliſſes.

Que virtude!
Oh que fiel igual correſpondencia
Não produzes Amor num'alma grande!

Que bem pagados são tantos extremos
De constancia, de amor, e de saudade!
Benignos Climas, virações suaves,
Estranhas formosuras, mil prazeres,
Que as almas nos encantão, não puderão
Já mais da minha Itaca hum só momento
Esquecer a memoria. Oh grandes Deoses!...
Quem haverá que o creia! Os meus vassallos,
A quem de tanta utilidade enchêrão
Estas mãos bemfeitoras, tão depressa
Riscárão da lembrança o amor, a gloria,
E o nome, que me devem? Que abandonem
A sua Soberana! E que consintão
Que no seu mesmo Paço afflicta gema!
Os Gregos, que eu salvei, não a ajudárão?
E meu filho?

Eumé.

Senhor, heroicamente
Seguirá seus Destinos. O seu alto
Augusto nascimento já lhe suppre
A sua pouca idade; e a pezar della,
Conhecendo a grandeza de sua alma,
Cheio de heroico ardor nos deixa, e parte
Solícito a buscar-vos: Humas vezes
Contra seus inimigos, preparando
Huma exemplar vingança, suspirava
Pela vossa presença; e outras vezes
Para os punir a todos discorria,
Que bastava só elle. Inutilmente
Com moles passatempos procuravão
Affeminar-lhe o espirito guerreiro,

Com

Com que por toda a parte prevenia
Os futuros, e proximos enganos.
Mas de que iguaes perigos vos não vejo
Ambos ameaçados? A Fortuna
Inda ao lado se põe delles;
Inda o odio nos animos lhe ferve:
Temo que ambos sejais de seus furores
A victima cruenta. Eu não descubro
Mais que desgraças. Sim. Vossos vassallos,
Tendo faltado á fé, que vos jurarão,
Por hum chefe traidor favorecidos,
Para vós olharão, como quem olha
Para hum Juiz severo, e de medrosos
Ao horror passarão de rebelados.

Olisses.

Qual he o grão Destino dos famosos
Vencedores de Troia? Destruida
Dos nobres Gregos a triunfante armada,
Foi pela mão dos Deoses vingadores:
Não ha no largo mar dous rochedos,
Medonhas Sirtes, perigosos baixos,
Que de algum dos meus tristes companheiros
Sepultura não fosse. Ayax valente
Da mão de Jove, que fulmina os raios,
Cahe sobre as ondas reduzido a cinzas:
O grande Agamenon voltando a Argos,
Por sua mesma Esposa enfurecida,
Se vio assassinado; porém veio
Sobre mim toda a colera celeste:
De mar em mar as ondas me desprezão
A' discrição dos ventos. Tudo quanto

Em si o Mundo tem de monstros feros,
Eu tenho visto na comprida serie
Dos meus famosos, mas crueis trabalhos:
Depois de ter desafiado affoito
Mil atrevidas mortes; ter vencido
Lestrigões feros, barbaros Ciclopes,
Caribdes, e Sereas arriscadas;
Depois de sahir livre dos abysmos
De fundas ondas, de sertões salvagens;
Depois em fim de triunfar constante
Das graves sombras do medonho Averno,
Cuidando ser já tempo, em que me fosse
Mostrada a minha Patria, então conheço
Que para novos riscos sou guardado,
Pois não acabão, quando os homens cuidão.
Passando vou do Mundo estranhos Climas,
Novas Ilhas, incognitas arêas;
Depois de largos, e de incertos rumos,
Lá onde a terra acaba, e o mar começa,
Principio dou á fundação, que o nome
Tem de Olissea, por memoria minha:
Dalli saio outra vez cortando os mares,
Guiado do desejo, e da esperança
De ver Itaca.....

Eumé.

Mas Senhor! Eu pasmo
De maravilhas taes! Dai-me licença
Que eu tome a liberdade de pedir-vos
Narração mais inteira desta nova
Cidade, que fundastes. Que Destinos
Vos fizerão tomar tamanha empreza?

Olis-

Olisses.

Eumé, posto que o tempo, e as circumstancias
Da triste situação, em que nos vemos,
O não permitte, e nos será sensivel
A perda de hum instante, eu vos resumo
Este grande successo. Navegava
O mar Tyrreno, quando me apparece
A sagrada Minerva; e reclinando
Airosamente o corpo sobre a lança,
Me diz: *Vai-te do Téjo á grão corrente,*
De par em par as portas Herculanas
Eu te porei patentes; e assoprando
Benignos ventos, te encherão as vélas:
Alli os Deoses querem que tu sejas
O grande Fundador de huma Cidade,
Patria de altos Varões, que do alto assento
Ainda estão por vir. Terá Monarcas
Dignos herdeiros, dignos successores
Da tua fama, e gloria. A quantas gentes
Barbaras, e remotas gira, e banha
O Nilo, e o Ganges, o Hydaspe, e o Indo,
Porá com mão pezada hum duro freio.
Terá varios Destinos, que costumão
Encadear os tempos. Hum theatro
Dos tragicos successos da Fortuna
Será em fim; e as inclytas muralhas,
Que vás erguer, Olisses, algum dia,
Essas mesmas muralhas, arrazadas
Por mão dos homens não, por mão dos Deoses,
Por terra cahirão em pó desfeitas.
Esta Troia feliz, que erguer te mandão,

Não

Não ficará, como essa que abrazaste
Sepultada em si mesma. O braço forte
Do maior dos mortaes, a pouco e pouco
Pela mão a erguerá d'entre as ruinas
De novo mais formosa; e virá tempo,
Que á sombra dos altissimos Carvalhos
Sobre as margens auriferas do Téjo
A's pacificas Leis, aos sãos costumes,
Gostosos cantaráõ os seus Pastores
Devotos Psalmos, sacrosantos Hymnos.
Ditosas gerações da Lusa gente,
Que tão dourados tempos alcançarem!
Este famoso Heroe, este Homem grande,
Ao mesmo tempo Filho, e Pai da Patria,
Melhor Mecenas de mais alto Augusto,
As delicias fará dessa Cidade,
A quem porás o nome de Olissea
Em honra do teu nome. Disse; e logo
Espargio sobre nós Nectar Divino
Do meio dia os ventos assopraváõ
Favoraveis ás náos; e obediente,
Da belicosa Esperia discorrendo
As maritimas costas, entro alegre
Pela desconhecida fóz do Téjo.
A' Deosa erijo hum Templo, e nelle invoco
Sábias inspirações, que me ajudassem
A começar a empreza. Hum porto amigo
Ao principio encontrei: As gentes eráõ
De peito, e trato humano; mas dispersas,
E quasi errantes pelo monte andaváõ;
Mal reparadas do rigor do tempo

Em

Em humildes cabanas, ſe entretinháo
Em lutas, e exercicios vigoroſos.
Com minha pouca gente dou principio
A' fabrica ſoberba; os muros creſcem,
Ruas ſe abriáo, Praças ſe alargaváo,
Fervia a obra, e em toda a parte ſoáo
Os golpes dos machados, e as ſonoras
Roldanas, e carretas; mas tocado
Gorgoris de ambição, e de ciume
Deſta alta empreza, a gloria me diſputa:
Aſſuſtado temia, que eu pudeſſe
Reinar na Luſitania. O nobre Adraſto
Soccorro me offrece; e eu acudindo
A' guerra, e ao trabalho, a pezar della
Via creſcer a florecente planta,
Que á cuſta do meu ſangue diſpuzera:
Até que em fim ás minhas máos acaba
O atrevido Gorgoris. Vitoria,
Vitoria por Oliſſes clamáo todos:
Mando erigir de tranſporte jaſpe
Hum ſoberbo padráo com eſta letra:
Oliſſea, de Oliſſes, tome o nome:
E Oliſſes, de Oliſſea, leva a gloria.
Manda-me a Deoſa, que me parta, e ſiga
O caminho de Itaca: Aos mares torno,
Torno a ver os lugares, que deixára:
De Corſire ao vizinho porto chego
Quaſi alagado: Offerecem-me navios,
O vento me ajudava; e desfraldando
A véla, a todo o panno corro; e á viſta
Da ſuſpirada Itaca chego; e tomáo

As

As cabeças da Idra a renovar-se.
Apôs de huma tormenta, outra tormenta
Erão só dos meus olhos os objectos;
Não posso tomar porto; e impellido
Pela força dos ventos sobre as praias,
Sobre estas mesmas praias, que eu buscava
Ha tantos tempos, naufragando todos,
Escapo eu só por milagroso impulso
Da Deosa, que me ampara, e que me ordena,
A meu pezar, a minha vinda occulte.
E apparecer em tal estado posso
A' Rainha! A meu filho! Não: Não devo,
Que a desgraça, em que estou, inda a teus olhos
Tem feito por teu Rei desconhecer-me;
Mas vê se ha corações, onde o meu nome
Inda imprimir se possa. Vê se acaso
Inda tenho vassallos, que me sigão:
Minha proxima vinda lhes promette;
Verei, Eumé, que idéas formar posso:
Tomarei meu conselho, que as fortunas
Humanas são falliveis; e no Mundo
Sempre vai alternando o tempo iroso
O bem co'mal, o gosto co'a tristeza;
Mas primeiro he preciso ouvir meu filho.
Dize-lhe, que tem gosto de fallar-lhe
Hum Estrangeiro, que chegou á Itaca;
Porém nem o temor, nem a esperança
Seja quem o conduza.

Eumé.

Vosso filho
Ha de vir logo ao quarto da Rainha,

Já

Já não póde tardar ... Mas elle chega.

Olisses.

Oh suspirado instante! Oh vista amavel!
Mas he preciso que de Pai o affećto
Agora dissimule: De meu filho
Não saberão ainda os poucos annos
Manejar importantes interesses.

SCENA III.

Telemaco, Olisses, e Eumé.

Eumé.

ESte illustre Estrangeiro, que vos manda
O Ceo piedoso, acompanhou na guerra
De Tróia a vosso Pai: Elle só póde
Do Destino de Olisses informar-vos:
Credito deveis dar-lhe; e faz-se digno
Do vosso amor, do vosso acolhimento.

Telemaco.

Bem. Illustre Estrangeiro, descrevei-me
Desse Heróe as virtudes: Declarai-me
Sua funesta morte.

Olisses.

Inda respira
O grande Olisses. Eu me persuadia
Que já dentro de Itaca descançava.

Telemaco.

Oh Deoses immortaes! Elle não vive
Mais, que em nossa memoria. Quantas vezes
Minha Mãi com as lagrimas nos olhos
Suas acções heróicas me contava!

Des-

Desde os primeiros annos, costumado
A ouvir de seu nome o éco, e a Fama,
Cheio de assombro respeitava nelle
O mais perfeito, o maior Rei do Mundo:
Debalde os meus desejos me estimulão
A hombrear com elle. Do alto exemplo,
Que me deixou, eu vejo mui distante
A minha tenra, e froxa mocidade.
Ah se eu tivesse sido alimentado
Com seus sabios conselhos, eu fizera
Acções sómente dignas de seu filho!
E póde ser que elle chegasse alegre
A ver por meu esforço n'algum dia
Os triunfos de Troia renovados;
Mas os Fados tyrannos, que o roubárão,
Nem se quer derramar nos consentírão
Sobre o cadaver seu o nosso pranto.

Olisses.

Ah que a minha ternura já não póde
Aqui dissimular-se! Que alegria!
Que gloria! Que vaidade não resulta
A vosso Pai, Senhor, vendo hum tal filho!
Não duvides que os Deoses nada posão
Trazello aos vossos olhos: Elle vive:
Vós o vereis bem cedo.

Telemaco.

Oh que suave,
Que occulta força me surprende, e encanta!
De vós tudo confio, tudo espero:
Não sei com que cadeias me ligastes
Todo o meu coração, toda a minha alma!

Sou

Sou obrigado a crer: já não reſiſto:
Eſperai, ſe for certa eſta noticia,
Eſperai huma digna recompenſa,
Igual ao bem, que o Ceo nos annuncia:
Não dilateis a minha Mãi o allivio
Deſta doce eſperança, que ſó póde
Nos triſtes olhos enxugar-lhe o pranto.

Eumé.

Importa muito não fazer eſtrondo.

Telemaco.

Mas onde eſtá o Rei? Dizei. Que tempo?...
Onde o deixaſtes?

Oliſſes.

Só dizer-vos poſſo,
Que não ha muito tempo, que foi viſto
Na Ilha de Corſira, e que ficava
Apreſſando a viagem para Itaca.

Telemaco.

O favoravel vento em paz o traga.
Queirão os Ceos!

Eumé.

Senhor, eſte Eſtrangeiro
Póde ſer aos tyrannos ſuſpeitoſo,
De tudo deſconfião. Nós devemos
Temer, e evitar qualquer violencia,
Que intentem contra elle. No meu quarto
Sem ſuſſurro, ou ſuſpeitas inſtruido
Sereis com mais ſocego; ſobre o caſo
Reſolveremos com maduro acordo.

Telemaco.

Sim, já vos ſigo: Ide eſperar-me ambos. (1)
Mas ai de mim! A bella Iſiſe vejo,
E não poſſo fugir-lhe. Que forçoſo
Encanto he eſte, que me prende, e arraſta!

SCENA IV.

Iſiſe, e Telemaco.

Iſiſe.

PReveni o attentado, que prepara
O ſoberbo Antinois: Moſtre-ſe ao povo
A Rainha, Senhor, e ſe declare:
Elle inſtiga meu Pai: Com importunas
Razões elle o accuſa: Elle o convence
De froxo, e de inſenſivel: Põe-lhe á viſta
De huma eſperança o manifeſto engano:
Já de meu Pai no coração não cabe,
Já trasborda a paciencia. Da Fortuna,
Que ha tanto tempo eſpera, a ſegurança
Quer hoje da Rainha. Elle me manda
Que a buſque, e que lhe falle: Vamos, vamos
Apreſſar eſte praſo ſuſpirado,
Que o povo junto em alta voz o pede.

Telemaco.

Juſtamente a Rainha o difficulta:
Ha razões invenciveis: Nem eu devo
O Regio alvedrio conſtranger-lhe.

Iſiſe.

Porque, Senhor, Oliſſes não he morto?

Que

(1) *Vai-ſe Oliſſes, e Eumé.*

Que razão tão contraria quebrar póde
A promessa Real? Vós conseguistes
Não só render-lhe o animo obstinado,
Mas com a vossa vinda desejada
Espalhar sobre nós tanta alegria.
E sereis vós quem della nos separe?

Telemaco.

Crede, bella Princeza, que vos amo,
E que nunca amei tanto. Mas, Senhora
De si mesmo, a Rainha he só quem póde
Deliberar; e de meu Pai a vinda
Permitti-lhe que espere, e que se veja
Se he verdade, que Olisses inda vive;
Se os Deoses o livrárão; se inda querem
Restituillo em paz aos nossos olhos.

Ifise.

Inda desta esperança mentirosa
Vos deixais enganar? Inda cançado
Não estais de soffrer os impostores,
Que vos enganão, que nos lisonjeão
Com largas narrações, com vans promessas?
Inda sereis tão credulo, tão facil,
Que haja algum homem, que de vós abuse?
Por ventura será esse Estrangeiro,
Que chegou a Palacio? Já lhe observa
O furioso Antinois os movimentos:
Do abominavel crime da impostura
A pena lhe prepara; e os Deoses queirão
Que elle só seja a victima culpada,
Que vá ao sacrificio. Tudo sabem
Ja os vossos contrarios: Submettidos

Todos estão de suas Leis ao jugo:
Senhores de Palacio, vos preparão
Com sua furia a morte: Em toda a parte
Sobre a vossa cabeça a mão levantão
De ferro, e fogo, e de furor armada.
Onde ireis esconder-vos da vingança
Do traidor Antinois? A' sua força
Não ajunteis mais força. A que ira ardente
Não levará meu Pai! Principe, ouvi-me:
Pensai melhor, que eu saberei calar-me.
Mas que infinitos males não prevejo
Com as vossas escusas! Que resposta
Tornarei a meu Pai? O meu receio
Já mal posso esconder. Ah triste Ifise! ... (1)

SCENA V.

Telemaco só.

AH Princeza adoravel! Mas que fazes,
Telemaco imprudente? Já te esqueces
De que Ifise he do sangue de Eurimaco?
Como insensato o coração lhe entregas,
Quando contra seu Pai infurecido
Agora mais que nunca oppôr-te deves?
Que queres tu? Acaba, amor, acaba
De trazer a minha alma vacillante;
E ao ardor immortal da minha gloria
Ajunta o teu ardor. Vê neste zelo
O teu rival, o teu maior tyranno,
Vê o unico author dos nossos males.

(1) *Vai-se.*

Ifise ... Ah que eu a perco! ... Inda suspira
O fraco coração, quando só deve
Salvar o Pai, e restaurar o Imperio!
Este victorioso está chegando:
Vós, tyrannos soberbos, a seus olhos
De medo tremereis, fugireis todos.
Mas, Deoses immortaes! Que acolhimento
Daremos a meu Pai? Este Monarca,
Que deixou seus estados florecentes,
Poderá vellos suspirar debaixo
De hum jugo vergonhoso? Ah filho indigno!
Não devo ser eu mesmo em todo o tempo
Feliz imitador da sua gloria,
De seu valor? E contra os inimigos
Prevenir-lhe os triunfos? Eu não devo
Com seu sangue tingir estes ribeiros,
Salpicar estas margens? Vamos, vamos
Offrecer á Rainha esta esperança:
Consultemos Eumé: Em fim tornemos
A ver, a perguntar este Estrangeiro.

ACTO

ACTO QUARTO

SCENA I.

Penelope, e Ericlea.

Ericlea.

SEnhora, ainda o Principe aſſegura
Tudo o que vos tem dito. Os voſſos males
Diz que ſe acabão, porque vive Oliſſes;
Que bem depreſſa tornareis a vello;
Mas á voſſa preſença vir não póde
Eſte illuſtre Eſtrangeiro, que o promette,
Porque eſtá com o Principe fechado
No apoſento de Eumé.

Penelope.

Com tudo, quero
Fallar com elle meſmo, e informar-me.
Em fim, que venha logo.

Ericlea.

Não ſe deve
Fazer por ora hum perigoſo eſtrondo:
Póde fallar-vos ſim, mas em ſegredo:
Vede que os noſſos timidos contrarios
De tudo deſconfião, tudo temem.

Penelope.

Previna-ſe o remedio ao ſeu ultraje:
Poderá ſer que Oliſſes ſem apoio
Sobre praias eſtranhas, hoje meſmo

Cor-

Corra (piedosos Ceos!) Igual fortuna.
Mas depois de mil vezes enganada
Por noticias apocryfas, de novo,
Inda credito dou a hum Estrangeiro?
Verei o meu Olisses? Grandes Deoses!
Eu vou por elle sobre as vossas Aras
Fazer queimar o mais devoto incenso:
Eu lhe farei mil queixas em chegando
Dos grandes sustos, que me tem causado,
De que nos seus projectos arriscasse
Huma vida, que he minha, e não he sua:
Dessa fecunda boca, amado Olisses!
Tu me verás prender, quando contares
Tantos heroicos feitos; e entre abalos
Inda de gosto, e de temor, ouvindo
As bem representadas aventuras
De teus passados riscos, farei delles
O mais doce prazer. Mas que desculpas
Tu me darás de tão comprida ausencia,
Que no meu terno coração tem feito
Tão justas, tão crueis desconfianças?
Mas torna, amado esposo, que os meus males
Todos serão contentes, se inda vives.
Que estranho, que interior contentamento
Eu sinto agora, que não senti nunca,
Depois que se apartou! Já me parece
Que os ventos a meus olhos o conduzem;
Que já ao longe sobre as ondas vejo,
E distingo o seu vulto; mas quem sabe
Se he isto hum bem sonhado, que o desejo
Me finge na esperança; e de repente

Decipado de todo em novos males,
Acabarei a vida! Seus contrarios....
Mas oh Ceos! Elles chegão.

SCENA II.

Eurimaeo, e Penelope.

Eurimaco.

NÃo he tempo,
Senhora, de pôr termo á vossa escolha?
Nem que temer, nem que esperar já tendes,
O Principe he chegado: Olisses morto:
Satisfeito o meu gosto, eu vos seguro
De vosso filho a Sorte: O doce laço
Desta união já toda a Corte o pede.

Penelope.

Ha outra Lei mais forte, que o defende.

Eurimaco.

Mais forte! Eu não descubro hum só motivo,
Que a vossa decisão demorar possa.
Que peregrino he este disfarçado,
Que está com vosso filho? Será este,
Que talvez com segredo, e artificio
Anda espalhando com submissas vozes,
Que vive Olisses, que esperar se deve?

Penelope.

Eu, Senhor, nada sei deste Estrangeiro;
Mas desprezar por ora não se deve
De todo este rumor.

Eurimaco.

Sabei, Senhora,
Que eu inſtruido eſtou baſtantemente.
Eſte Eſtrangeiro, que ſe diz chegado
Da Ilha de Corſire, vem acaſo
Inda de Oliſſes deſmentir a morte?
Que vós lhe não dais credito ſupponho;
Mas inda vós procurareis deſculpas
Para a demora de huma juſta eſcolha
Unicamente a meu amor devida?

Penelope.

Bem póde a minha eſcolha retardar-ſe
Por alguns dias mais, Senhor: Vejamos
O ſuſſurro eſpalhado, em que ſe funda.

Eurimaco.

Ah que vós ſois ſem dúvida inventora
Deſtas noticias vans, deſtas quiméras
Tão pouco veroſimeis. São pretextos
Para dourar a québra vergonhoſa
Da fé, e da palavra: A voſſa induſtria
Comigo em vão trabalha: Nada póde:
De todo eſtá perdido o ſoffrimento:
Na minha alma abrazada ſó dominão
Os incendios da colera: Por certo
Que por tantas demoras inſoffrivèis,
Tantos ſuſpiros, tantas amarguras,
Eu merecia, ao menos por piedade,
Mais feliz recompenſa. Mas ingrata!
Punirei voſſo indigno fingimento:
Voſſo cruel repudio me conſtrange
A ſer cruel por força: Eſte artificio,

Que de novo bufcais, não, não demora,
Accelera inda mais efte conforcio:
Eu fou Senhor, eu mando, e he precifo
Que hoje mefmo daqui ao Templo vamos.

Penelope.

Piedofos Ceos! Que extremos de injuftiça!
Ah barbaro Eurimaco! Que pertende
O teu cego poder? Cuidas que devo
Prezar táo pouco a gloria do meu nome? ...

Eurimaco.

Afsás que ha muito tempo a voffa gloria
Das minhas crueis dores fe alimenta:
Afsás que ha muito tempo os Gregos todos
Sabem, que as minhas fujeições provocáo
Mais os voffos defprezos: que a conftancia,
Com que os foffri até agora, inda foprára
Mais a voffa vaidade; em fim triunfe
De huma vez a violencia da brandura.

Penelope.

Sedo hum Heroe verás, que me defenda,
Ou vingue a minha morte: Sím, Oliffes. ...
Náo eftremeces, fó de ouvir-lhe o nome?
Elle vem caftigar os teus delictos.
Tu, fraco! Que dormias no defcanço
De hum ocio vil, quando elle peleijava
Pela honra da Grecia, vencer podes
Hum coração, onde efte Heroe fó reina?
Vai, temerario, para Samos foge.

Eurimaco.

De que vos aproveita invocar hoje
O nome vão de Oliffes fraudulento,

Táo

Táo odioſo aos Deoſes, que irritados
Nem ſe quer conſentiráo que eſpiraſſe
Entre os braços dos ſeus heroicamente
Sobre os campos de Troia! Sobre as praias
De alguma Ilha incognita, e deſerta,
Ou no fundo das aguas, he que pôde
Achar o ſeu ſepulcro: Confundi-vos
Já de liſonjear-vos de huma vinda
Sómente imaginaria: Crede embora
Que Oliſſes náo morreo. E que juizo
Fazeis, Senhora, de táo longa auſencia,
Mais que hum eſquecimento, huma inconſtancia?
Vós náo ſabeis que da formoſa Circe
Ferido Oliſſes, ſuſpirára amante?
E depois que a deixou, quem vos ſegura,
Que alguma nova Circe náo pudeſſe
Encantar eſte Eſpoſo fementido?
Se algum indigno amor o náo prendeſſe,
Por lá que eſtranho caſo o deteria,
Que a Fama náo diſſeſſe! Mas, Senhora,
Por todos ſe confirma a ſua morte:
Inutilmente aqui náo conſumamos
O tempo em váos diſcurſos: Nós ſabemos
Que hum crú naufragio conſumio ſeus dias;
E ſe o voſſo impoſtor inda ſe atreve
A deſmentir noticias táo ſeguras,
Eu o farei no meio dos tormentos
Confeſſar a verdade: Eu vos ſeguro,
Que as voſſas vans promeſſas ſinta, e pague:
Sim, ſe vós recuſais as minhas nupcias
Em voſſo meſmo filho executado,

O meu odio vereis: Não: Mais piedade
Não espereis de mim, o vosso pranto
A meus pés cahirá inutilmente:
Eu ja o vosso gosto não consulto:
Eu mesmo arrancarei das mãos da Sorte
Este premio feliz, que se me deve;
Se isto não for amor, será vingança. (1)

SCENA III.

Penelope, e Ericlea.

Penelope.

AH querida Ericlea! Eu bem temia
Ser a minha esperança pouco estavel.
Deste hymineo indigno ameaçada
Eu me vejo de novo: Esse tyranno
Já lançou sobre mim mortal sentença;
E accendeo com suspeitas na minha alma
O fogo do ciume.

Ericlea.

Não he tempo,
Senhora, dessas lagrimas inuteis!

Penelope.

Ah que elle diz, que Circe o detivera
Com suaves cadeias. Grandes Deoses!
Já eu lhe esquecerei? Será possivel
Que Olisses me abandone, e que me deixe
Batalhar só c'os males, que me cércão?
Não tem nelles do que eu inda mais parte?
E não vou eu morrer por hum tyranno?

In-

(1) *Vai-se.*

Inda quando a Fortuna o conſtrangeſſe
A entrar no ſeio dos ſertões medonhos,
Que o Oceano mar de nós aparta ...
Lá neſſes termos ultimos do Mundo,
Se amaſſe quanto deve a mim, que o amo,
O ſeu esforço, e o ſeu amor teria
Forçado o mar, vencido as tempeſtades:
Provera aos Deoſes, que eu ſoubeſſe aonde
A ſorte occulta o meu querido Oliſſes:
Já me terião viſto ſobre a terra,
Sobre as ondas voar, correr mil vezes,
Mil vezes os limites do Univerſo.

SCENA IV.

Penelope, Telemaco, e Ericlea.

Telemaco.

JÁ por informes finalmente dignos
De toda a fé, Senhora, nós ſabemos
Qual he do Rei a Sorte venturoſa.
Elle em Corſire eſtá: Huma Princeza,
Cujo merecimento eſclarecido
Toda a Grecia conhece, de hum naufragio
A vida lhe ſalvou. Promptos remedios
A ſeus males prepara, em ſeu ſoccorro
O meſmo Rei ſeu Pai intereſſando,
A Corte de Alcinois o eſtima, e ama;
E ſó eſpera o dia aſſinalado
Para a ſua partida; e os ſeus navios....

Penelope.

Meu filho! Elle virá; mas virá tarde;

De hum funesto hymineo com toda a préssa
Ao sacrificio vou. Por hum tyranno
Condemnada a morrer, eu já náo posso
Ter o prazer de vello; mas eu morro,
Dando sinaes do meu amor eterno.
Querido filho! Eu náo terei o gosto
(Unico gosto, que só ter podia)
De o ver entrar aqui cheio de gloria,
Fiel, e generoso, rodeado
De famosos triunfos! Bens táo doces
Só vós desfrutareis. O meu Esposo
Nunca mais me verá; e vós, meu filho,
Olhai por vós. Dos nossos adversarios
Confundi os projectos, consultando
C'o sabio Eumé o modo mais prudente
Para evitar de seu rancor as iras.

Telemaco.

Olisses bem depressa será visto.

Penelope.

Fazei-me ver sómente este Estrangeiro:
Eu quero perguntallo: Este refugio
Permittir se me deve, antes que a morte....

Telemaco.

Senhora....

Penelope.

O meu Destino náo permitte....
Mas ide: Eu vos espero... em fim, trazei-o. (1)

SCE-

(1) *Vai-se.*

SCENA V.

Telemaco, e Ericlea.

Telemaco.

AH que perturbação! Oh grandes Deoſes!
Ericlea.
Salvemos a Rainha; e procuremos
Algum prompto remedio a ſeus deſgoſtos:
Ide: Ide, Senhor. Com Eurimaco
Empenhai voſſo esforço: Suſpendei-lhe
A execução das barbaras idéas:
Implorai o ſoccorro da Princeza:
De Antinois demorai a ardente furia;
E ſe quereis embaraçar-lhe a morte,
Trazei-lhe eſſe Eſtrangeiro, que lhe affirme
Que Oliſſes inda vive; que hoje meſmo
Sobre eſtas praias deſcerá contente
A ſoccorrella. .... Tempo não ſe perca. (1)

SCENA VI.

Telemaco ſó.

A Que eſtado não ſomos reduzidos!
Sepultada nos ſeus mortaes deſgoſtos,
Eu vejo minha Mãi. Eſte conſorcio
Então ſe apréſſa, quando eſpera Oliſſes.
Tyrannos! Baſta já de ſoffrimento:
Hoje devo morrer, ou caſtigar-vos:
Da minha juſta colera os furores. ...

SCE-

(1) *Vai-ſe.*

SCENA VII.

Oliſſes, Telemaco, e Eumé.

Oliſſes.

PRincipe, huma noticia perigoſa
Me obriga a procurar-vos: O tyranno
Renova os ameaços. Neſte dia
Se preſcreve á Rainha a Lei violenta
De hum hymineo, indigno a vós, e a ella:
Attentáo contra vós: Importa muito
Paſſar as ordens, prevenir os meios.

Telemaco.

Sim. Eſtou reſoluto a caſtigallos:
Quer morrer a Rainha. O triſte pranto,
Em que fica banhada, me penetra
Todo o meu coraçáo. Eu náo eſcuto
Mais do que o meu furor deſeſperado:
Ao menos em morrer faço o que devo.
Desleal Antinoís! Eu ſim me perco,
Porém ambos a vida acabaremos.

Oliſſes.

Contra os voſſos tyrannos inimigos
Eu offrecer-vos o meu braço venho:
Devo ou perder a vida, ou dar-lhe a morte.
Baſta de ſoffrimento. . . . Sem caſtigo
Náo fique o ſeu orgulho. O Ceo parece
Que o tempo apreſſar quer deſta vingança:
Elle me falla: Eſcuto os ſeus conſelhos.

Telemaco.

De táo alto projecto, oh grandes Deoſes!

Quaes

Quaes ferão os preparos! Que motivo
A perder-vos por nós vos perfuade?
Vós por hum cégo acafo da Fortuna,
Que vos lançou aqui! Vós Eftrangeiro!...
Ah! Ide procurar mais feliz forte:
Deixar-nos fentir fós os noffos males,
Que para nós fómente fe fizerão.
Parti; e fe os Deftinos vos levarem
Outra vez a Corfire, e então puderdes
Tornar a ver meu grande Pai, dizei-lhe...
Que a pezar das defgraças, que me cércão,
Inda me lembro de que fou feu filho;
E que até dando os ultimos alentos,
Moftrarei de qual fangue generofo
Nafce Oliffes, procede Telemaco.

Oliffes.

He tempo em fim, Senhor, de defcubrir-vos
Os meus defignios todos, e ajuftarmos
Os noffos corações: As mãos nos demos:
Eu venho fufpender a accelerada
Carreira das defgraças, que vos feguem;
Antes que tomem nova força, a noffa
Unica falvação, he de repente
Atacar os tyrannos: Declarai-vos
Com os voffos amigos: A feus olhos
Co'as mais fubidas cores da verdade
Retratai-lhe a razão, pintai-lhe a gloria;
E dizei-lhe, que Oliffes nefte inftante
Se fará conhecer: Os ufurpados
Direitos voffos recobrai; que os feros
Inimigos da paz, de hum mortal golpe

Aos

Aos pés vos cahiráõ, e entre os descuidos
Dessa esperança vá, de todos elles
A mais justa vingança tomaremos.

Telemaco.

Santo designio! Zelo incomparavel!
Do Ceo nos sois mandado por expressa
Disposição dos Deoses; Vós sois mesmo
Como hum Deos Tutelar: Vós sereis hoje
Meu Pai, meu defensor: De homem terreno
Esse aspecto não he: Elle annuncia
O mais ditoso termo á minha Sorte.

Olisses.

A tão doce transporte já não posso,
Não posso resistir: Toda a minha alma
Penetrada de gosto abrir se sente
De huns impulsos suaves. Ah meu filho!
Meu suspirado filho! Nestes braços
Dão fim o vosso engano, e os meus disfarces,
Conhecei vosso Pai; mas vós ficastes
Inda no berço, quando eu fui de Itaca.

Eumé.

Sim, Senhor, este he o Rei....

Telemaco.

Como he possivel,
Ah meu Pai! que eu vos veja? Na garganta
As truncadas palavras se me pégão.
Mas meu Pai dessa sorte, neste estado,
Quem podia esperar-vos?

Olisses.

Este estado
Não deve surprender-vos. N'um instante,

Se

Se he vontade dos Deoſes, nós podemos
Do mais erguido monte da Fortuna
Cahir no baixo valle da miſeria.
Eu ſou, depois de hum miſero naufragio,
Dos companheiros meus, unico reſto:
Neſtas praias incognito devia
Sómente apparecer, proporcionando
Eſte meio conforme a meus trabalhos.
Mas vós, e voſſa Mãi, que amargo pranto
Me não tendes cuſtado! ... Em que pezares
Se não vio a minha alma ſubmergida!...
Ah meu filho, eu vos vejo! Neſte inſtante
Só me lembro de vós, delles me eſqueço.

Telemaco.

Ah Senhor! Ah meu Pai! Ah que alegria!
Raro favor dos Ceos! Ouvidos rogos!
Neſta Ventura apenas me conheço.
Mas ai! Voſſos trabalhos ſe acabarāõ?...
Eu ſei, que hum ſabio inteiro ſoffrimento
Guia voſſo valor reconhecido
Por todos os mortaes. Sei quantas vezes
Buſcou o voſſo eſpirito guerreiro
De propoſito emprezas arriſcadas.
Mas, Senhor, eſta empreza he mais que todas
As emprezas paſſadas: Voſſa perda
He quaſi neſte ſitio inevitavel.
Logo que eſtes tyrannos poſsão ver-vos,
Vereis juntar-ſe contra a voſſa vida
Tropa eſtranha, vaſſallos rebelados:
Fugi, Senhor, a tantas mãos contrarias,
Que he indigno de vós eſte perigo;

E ſem expôr a voſſa vida amavel
Aos ſacrilegos golpes, he preciſo
Que armando em voſſo nome toda a Grecia,
Sobre eſtes infieis cahindo, eſtalem
Os fulminantes raios da vingança.

Oliſſes.

Náo, meu filho. He preciſo que hoje meſmo
Ou me perca, ou me vingue: Eſtes inſtantes
Precioſos ſáo, aproveitallos vamos:
Ide: Ajuntai; mas ſem fazer eſtrondo,
Eſſes nobres mancebos, cujo esforço
Sei, que a favor da Patria ſe intereſſa,
Já Mentor, Haliterico, Phileticio
Seguem noſſo partido; e aviſados
De minha vinda por Eumé já foráo.

Telemaco.

Mas que podem fazer? Hum povo mole,
Inerme, e dos tyrannos ſeduzido
Quererá por ventura neſte aſſalto
Dar a vida por vós, ſe for preciſo?
Quererá por Senhor reconhecer-vos?
Mas, meu Pai, a Rainha acaba, eſpira,
Só vós podeis livralla deſte aperto:
Correi, correi a vella. Pouco importa
Que combata por ella o voſſo braço,
Se a vida perder por deixar de ver-vos.

Oliſſes.

Ah, que o meu coraçáo arder ſe ſente
Por hum táo doce objecto! Sim; eu temo
Que me falte o eſpirito, ſe a vejo;
Náo poderei vencer-me. Podem muito

De

De hum Efpofo as ternuras; e he precifo
Fugir de que ellas pofsão declarar-me.
Os meus olhos, e os feus... de ambos o pranto..
Ah! Dirão tudo, fem querer dizello:
Bafta que a falve; e vós bufcai, meu filho,
De a confolar, os meios mais fuaves.
He precifo que ás portas de Palacio
Tornemos a ajuntar-nos: Bufcaremos
Proporcionado tempo á noffa empreza:
Tudo nos favorece; o dia, os jogos,
E o tumulto da Corte. Sim, meu filho,
Prudencia com valor, vencêrão fempre
As mais fortes defgraças: Apreffai-vos,
Que logo todos tres feremos juntos. (1)

SCENA VIII.

Oliffes, e Eumé.

Oliffes.

JÁ do noffo mais alto precipicio
Tocámos a fatal extremidade:
Encubrir-vos não poffo, inda que eu queira,
O meu jufto receio. Eu vos influo
Ainda huma efperança, que não tenho:
Entre os braços dos meus o peito exponho
Aos tiros da Fortuna defcubro;
E no meio da Patria, fim, no centro
Do meu proprio Palacio a infaufta Sorte
Do trifte Agamenon fómente efpero.
Mas que digo! Será o meu Deftino

Ain-

(1) *Vai-fe.*

Ainda mais cruel: Eu acho, e vejo
Huma Efpofa adoravel: Huma Efpofa
Digna do meu amor. Quando eu podia
Ser venturofo, então comigo acabão
O Pai, a Efpofa, o filho, tudo perco;
Mas figamos a Sorte: Vinde ...

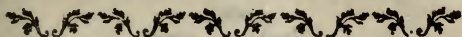
Eumé.

Armados
Os noffos inimigos fe apercebem.

Oliffes.

Eu vou reconhecellos; e difpondo
A occafião, e o fitio, cuidaremos
No modo mais feguro de atacallos:
Segui-me, que o meu animo recobra
O feu valor, o feu focego antigo.
Eu não tenho tentado tantas vezes
Emprezas muito mais difficultofas?
Quando na immunda, na medonha cova
Do bruto Polifemo, á minha vifta,
Pelas nervofas mãos fanguinolentas
Defpedaçados os meus focios forão,
Vendo pendente por hum fio a vida,
Não efcapei triunfante? Caftigando
De hum fó golpe mortal tão mortaes golpes?
Porém contra qualquer Deftino, ou Sorte,
Que pelo Ceo me efteja refervado,
Grande Minerva! Sabia Protectora!
Defce: Vem ajudar-me. Em meu efpirito
De novo influe: Suftenta-me efte braço:
Accende em mim aquelle fogo heroico
De zelo, e de vingança, que algum dia

Me

Me fez triunfar dessa soberba Troia;
E se a minha desgraça puder tanto,
Que em fim deva ceder-lhe, faze ao menos
Que me coroe de huma morte honrada.

ACTO QUINTO

SCENA I.

Penelope, Eumé, e Ericlea.

Eumé.

OH Ceos! Onde correis precipitada?
Com que motivo, com que impaciencia
Quereis vós mesmo destruir as nossas
Felices esperanças? Ah Senhora!
Detende-vos hum pouco ...

Penelope.

Em vãos discursos
O tempo não gasteis: Esse Estrangeiro
Quero ver: Sei que está no vosso quarto:
Lá mesmo vou fallar-lhe: A' vossa instancia
Nem mais hum só instante attender quero.
Porque a fallar-me se resiste tanto?...
Eumé, dizei-me: Que mysterio he este?

Eumé.

Por vós mesmo, Senhora, neste instante
O seu zelo trabalha: O seu desejo...

Penelope.

Eu não pertendo que elle exponha a vida;
Longe de me tentar com vans quiméras,
Quero só que falle, e deste porto
Se retire depois.

Eumé.

Senhora, crede
Que a mão benigna do Destino póde
Restituir-vos hoje o vosso Olisses.

Penelope.

Por este vasto mar estendo a vista
De meus saudosos, meus cançados olhos;
Com elles vou, e venho; as ondas corro,
E de ver não acabo o meu Esposo:
Eumé, virá; mas virá tarde Olisses:
Já mui perto de mim vejo da Morte
O pállido semblante; e para ella,
Qual paciente ovelha, me preparo:
Olisses me abandona, assim o julgo,
De occultar-se de mim esse Estrangeiro:
Que he vivo o meu Esposo, me segura;
O mais, querido Eumé, de mim esconde:
Não se atreve a dizer-mo, receando
De accrescentar, talvez, os meus tormentos.

Eumé.

Vosso Esposo he fiel. Poucos instantes,
Senhora, passarão, que esse Estrangeiro
Não ponha termo a vossos vãos temores.

Penelope.

Quanto mais o escondeis da minha vista,
O desejo de vello mais se accende.

Sim;

Sim, eu quero fallar-lhe: Já ſuperfluas
São as voſſas eſcuſas: Se elle tarda,
Hum inſtante ſequer, não torna a ver-me:
A huma Rainha, que morrendo implora,
Já he muito eſperar: Venha o Eſtrangeiro.

Eumé.

Oh que extremo cruel! Será preciſo
Aviſallo da voſſa impaciencia:
Elle ha de obedecer, eu vou buſcallo;
Mas evitai que público ſe faça.
Preveni-vos, Senhora, de conſtancia,
Para eſconder os naturaes tranſportes
Que turbarão voſſa alma: Moderai-vos....

Penelope.

Fazei que os meus deſejos ſatisfaça:
Ide, apreſſai-vos: Venha, eu vou buſcallo.

Eumé.

Vós o quereis aſſim... virá fallar-vos. (1)

SCENA II.

Penelope, e Ericlea.

Penelope.

INſenſivel Oliſſes! Algum dia,
Condoido talvez do meu tormento,
Tu te arrependerás. Dentro em Corſire,
Bem longe do que eu paſſo, não ſe atreve
A deixar as delicias, que o encantão.
Lembra-ſe de que eu morro? Tem cuidado
Ao menos de informar-me, que ainda vive?

(1) *Vai-ſe.*

Que tem amor? E que esperar o devo?
Ah! Que este ingrato, se de mim me lembra,
Será para abusar da fé devida
A' minha exemplarissima constancia!
De huma Esposa fiel zomba, e se esquece
Entre novos cuidados: O meu pranto,
Os meus suspiros, e os meus ais augmentão
O seu doce prazer: Em mim os dias
São seculos de pena, e nelle os annos
São momentos de gosto: Ao mesmo tempo
Tão contrarios affectos nos desunem,
Tão pequena distancia nos separa.

Ericlea.

Porque accusais, Senhora, o vosso Esposo,
Quando torna fiel aos vossos braços?

Penelope.

Ai, Ericlea, que me enganão todos!
Já nelles estaria, se outros laços
De amor o não prendessem. Sim, Olisses!
Teu Pai quasi que espira de tristeza,
Mais que do pezo da cruel velhice:
Tua Mãi desgraçada, ouvindo apenas
Tua perda fatal, entre os meus braços
Quasi desfalecidos, encostando
Sobre este peito a languida cabeça,
Perdeo a triste vida. A tua ausencia
Arruinou Itaca; mas teu filho,
O teu unico filho! O virtuoso,
O amavel Telemaco, que hoje perde
O throno, e a vida, este filho ao menos
Obrigar te pudera: Tu devias

Vol-

Voltar a foccorrello; a conduzillo
Pelos caminhos afperos da gloria,
Que os Reis heroicamente fegnir devem.
Injufto Pai! São eftas as virtudes,
As acções de hum Heroe, que tu lhe infpiras?
A mim fe me defprezas, porque julgas
Que me tem feito a idade menos bella
Do que tu me deixafte? Ah charo Efpofo!
Lembre-te que as faudades ajudaráõ
A confumir meus dias: Não te efqueção
Aquelle pranto, aquelles juramentos, ...
Em fim, aquellas ultimas palavras,
Que mal pude dizer ... quando a Fortuna
Te arrancou de meus braços: Reconhece ...
Porém effe Eftrangeiro! ...

Ericlea.

Elle já chega.

Penelope.

Deixai-me fó por fó fallar com elle,
E cuidai em que alguem nos não perturbe. (1)

SCENA III.

Oliffes, e Penelope.

Oliffes.

ONde me conduzis, Deofes fupremos?
De fufto immovel a minha alma finto!
Nefte eftado em que eftou, á fua vifta
Como apparecerei?

Pe-

(1) *Vai-fe Ericlea.*

Penelope.

Vinde, chegai-vos,
Dizei-me: Vive Olisses? Na memoria
Ainda me conserva? Tem fallado
De mim alguma vez? Quando vem elle?
Sería seu desejo, que escondendo
De mim, que inda vivia, em tantas penas
Submergida acabasse? Como d'antes
Já me não ama?

Olisses.

Oh Ceos! O vosso Esposo
A ninguem ama, nem amar podia
Mais do que a vós sómente. Socegai-vos:
De hum amor tão fiel, tão verdadeiro
Vereis a duração, vereis a prova.

Penelope.

Deoses! Que sinto em mim? Oh que suave,
Que penetrante voz! O meu Olisses
Assim he que algum dia me fallava!
Que doce encanto a minha dor suspende!
Quanto mais vejo ... quanto mais reparo ...
Mais ... Ah Senhor! Sois vós o meu amado?
Sois vós o meu Olisses? Sois vós mesmo?

Olisses.

Eu sou, Senhora, o mesmo: Este he o Esposo
Feliz, que vos adora: He este o mesmo
Que tantas afflicções vos tem custado.

Penelope.

Tanta ventura comprender não posso.
Isto será verdade? Inda receio
Que os meus olhos me enganem. Sim: Duvido...

Mas

Mas não: Vós sois o mesmo. Aquelle estranho
Presentimento occulto da minha alma
Não podia enganar-me: O meu espirito
Do erro acautelado, em fim cubertos
Meus tristes olhos da pezada nuvem
De tão continuas lagrimas, perdêrão
O seu perfeito uso. Amado Olisses!...

Olisses.

Doce Esposa! Penelope querida!...

Penelope.

Ditoso dia!

Olisses.

Instante venturoso!

Penelope.

Mas porque retardastes a meus desejos
Tão suspirada vinda? Conhecendo
O meu temor, a minha impaciencia;
Espirando eu por vós? Como pudestes
Em tão pouca distancia nestes sitios,
Neste mesmo Palacio tantas hóras
A meus saudosos olhos esconder-vos?
Vós, Senhor, suspirais? Ah quanto temo
Que esses suspiros triste annúncio sejão!
Vós só!... Lançado ao impeto das ondas
Nas vossas mesmas praias... Esta vinda
Inopinada os Deoses não quizerão
Mais que para entregar-vos neste dia
A's mãos infames de inimigo vossos.
Ah, fujamos, Senhor, destes tyrannos:
São menos feros os Leões, e os Tigres,
Os inconstantes mares, mais seguros:

Vin-

Vinda imprudente! Temerario arrojo!
Ah! Para que viestes? Melhor fora
Perder a gloria de tornar a ver-vos.

Olisses.

Tornai a vós, Senhora. A minha vista
Em vez de moderar, não accrescente
As vossas afflicções: Entre esses duros,
Tão diversos trabalhos, que hei soffrido,
Unicamente foi a vossa ausencia
Quem me fez suspirar: Se me não virão
Ceder aos golpes da cruel Fortuna,
Dos elementos, dos oppostos Deoses;
Se os mares contrastei, que separavão
Os meus dos vossos olhos, foi sómente
Para tornar a vellos, e entregar-vos
De novo a hum coração, que só he vosso.
Adoravel Esposa, o vosso pranto
Quando deve cessar, não se renove.

Penelope.

E eu como vos vejo! Eu não descubro
Mais do que as sombras da terrivel morte,
Que nos rodeão.

Olisses.

Neste grande dia
Eu venho terminar as vossas penas:
Vereis ficar os inimigos vossos
Todos vencidos, quando vós vingada.
Da nossa Sorte, os Deoses querem hoje
O termo decidir. Eu mesmo espero
Que da vossa alma heroica, respeitando
As sublimes virtudes, quantos raios

Con-

Contra nós até agora arremeçárão,
Da mão lhes caião, e se voltem todos
Contra os nossos crueis perseguidores.
Nos Celestes soccorros confiemos.
Porém, Senhora, muito me internece
O vosso pranto, quando devo armar-me
De hum novo ardor, de hum animo invencivel:
Deixai que eu corra...

Penelope.

A ir buscar a morte?

Olisses.

Vou defender-vos....

Penelope.

E eu acompanhar-vos.

Olisses.

Bem queria esconder-me aos vossos olhos.
Elles são os contrarios, que eu mais temo:
As vossas afflicções, o vosso pranto
Me farão conhecer. Esses tyrannos
Pelos vossos clamores avisados
Podem-se prevenir. A Deos, eu parto....
Mas que posso eu dizer-vos? Penetrado
Desses afflictos ais, tremo, e suspiro;
Nem ficar devo, nem partir-me posso ...
Mas não he tempo: Eu corro a defender-vos.

Penepole.

Sejão, ou não os Deoses compassivos,
Havemos ser já agora iguaes na Sorte:
Será talvez comigo menos dura,
Levando a gloria de morrer comvosco:
Eu não vos deixo.

Olis-

Oliſſes.

Que fazeis, Senhora!
Attendei, eſperai, que eu já vos buſco. (1)

Penelope.

Ah! que ſe vai perder. Vamos com elle.

SCENA IV.

Eurimaco, Penelope, e Ericlea.

Ericlea.

DAs voſſas anſias reprimi, Senhora,
Tão extrema violencia: Olhai que chega
O tyranno Eurimaco.

Eurimaco.

O impoſtor foge,
Sómente por não ver-me: Em vão procura
Moderar a colerica vingança,
Que me ferve no peito: Eu deſejava
Diante de vós meſmo convencello.
Inda eſte lance eu eſperar podia!
Julgais talvez por certa eſſa noticia,
Que eſpalhou entre nós eſſe Eſtrangeiro?
Vós o credes?

Penelope.

Senhor, creio a verdade:
O meu Oliſſes vive.

Eurimaco.

Eu o deſejo:
Os Deoſes o permittão: Mais ſenſivel
Lhe ſerá o meu odio, ſe inda vive;

A

(1) *Vai-ſe.*

A ſua confusão, a ſua affronta,
Tudo ſerá materia glorioſa
Para a minha Fortuna: Sim deſejo
Que elle me veja dominando Itaca,
Pacifico Senhor dos ſeus direitos.
Com vergonhoſos, com pezados ferros
Em perpétua prizão verá ſeu filho:
Verá ſeu povo ás minhas Leis ſujeito:
Triunfarei á viſta dos ſeus olhos;
E quando ſubmergido nos abyſmos
Dos fundos mares, eſcapar não poſſa,
Do meu triunfo lá no meſmo Inferno
O roſto eſconderá de envergonhado.
Fazei, ſe podeis tanto, que hoje venha
Augmentar os motivos no meu goſto:
Reflecti, que das minhas Leis não póde
Defender-vos ninguem: O voſſo filho
Fórma em vão hum projecto temerario:
Já tenho prevenido quantos meios
Elle póde tentar: As minhas ordens
Para ſer prezo já paſſadas forão:
Eſſe impoſtor, que Ulíſſes reſuſcita,
Em preſença do povo ao cadafalſo
Conduzido ſerá. A Deos, Rainha,
Vou de Antinois accreſcentar a furia:
Dei a ſentença, e perdoar não poſſo. (1)

SCE-

(1) *Vai-ſe.*

SCENA V.

Penelope, e Ericlea.

Penelope.

HE eſte o doce, o promettido fruto
Das minhas eſperanças? ... Grandes Deoſes!
Era aſſim, que hum Eſpoſo vos pedia
Nos meus conſtantes votos, ſuſpirando
Por elle ha tanto tempo? O meu Eſpoſo,
Depois de rebater por tantas vezes
Os encontros da Sorte, ter ſahido
No Mundo vencedor de mil combates,
De mil crueis naufragios, virá hoje
Dentro do ſeu Palacio, em fim no meio
De ſeus charos Penates, e parentes
Morrer, morrer á viſta dos meus olhos,
Entre máos inficis? Mas ah traidores!
Contra quem? Contra Oliſſes! Furioſos
O braço armais? E não vos treme o braço
Só de olhar para elle? Sim, tyrannos!
Vou morrer a ſeu lado heroicamente:
Ambos de hum golpe a vida acabaremos.

Ericlea.

Senhora . . .

Penelope.

Ah Ericlea, que os meus gritos
Darão a conhecer o meu Eſpoſo:
Sim, póde ſer que ainda vacillantes
Não deſcarreguem nelle eſſes tyrannos
De todo o ſeu furor, e que ſuſpendão

Por

Por algum tempo derramar ſeu ſangue;
Mas ſe deſcobrem que he o grande Oliſſes,
Indiſpenſavelmente o matão logo.
Que reſolvo?... Que faço?... Oh Ceos! Que pena!
Detem-me o ſuſto, quando amor me arraſta:
Corramos, procuremos detendello ...
Sim, buſquemos Iſiſe.

Ericlea.

O Ceo parece
Que vo-la quiz trazer. Iſiſe chega.

SCENA VI.

Penelope, Iſiſe, e Ericlea.

Iſiſe.

QUe fazeis vós, Senhora? Eu vinha agora
De entrepôr com meu Pai as mais ardentes
Súpplicas de huma filha; porém elle
Sem me eſcutar, ſem me attender, com céga
Deſenfreada colera procurá
A voſſa perdição: Os ſeus ſoldados
Aníma com palavras de ouſadia:
Arcás, e Antinois, deſſe Eſtrangeiro
O ſangue todo, não lhe farta a ſede
Do ſeu rancor antigo: Em Telemaco
Tambem vingar-ſe querem. Vós, Senhora,
Não acudis, podendo, ás voſſas penas?
O povo ſe alvorota: Em toda a parte
Agudas lanças contra vós reluzem.

Penelope.

Ah! Que vós mal ſabeis a quantos golpes

Ex-

Exponho o peito, o animo preparo!
Minhas desgraças já crescer não podem:
He morrer o meu unico remedio.

Ifise.

Que impaciencia indigna da vossa alma!
Só de fracos espiritos triunfa
A desesperação. Ah! Não, Rainha.
Vós podeis só c'uma palavra vossa
Pacificar os animos de todos,
Salvar o vosso filho, e arrancallo
Quasi das mãos da Morte. O amor ardente
De meu Pai este premio vos mereça,
Que elle mesmo de novo sujeitando
A's vossas Leis os rebelados póvos,
Das aleivosas mãos fará cahir-lhes
As lanças, e as espadas: Apressai-vos:
Vede que morre o Principe. Ah Senhora!
Se he tempo ainda, quero soccorrello. (1)

SCENA VII.

Penelope, Ericlea, e Eurinome.

Penelope.

MInha Ericlea, não tardemos, vamos
Mostrar por huma vez o mar de horrores,
Em que fluctua, em que se affoga esta alma.
De nós a duvidosa gente aprenda
A morrer por seu Rei. O meu exemplo ...
Mas, Eurinome, que temor te assusta?
Até onde os tyrannos levar querem

A

(1) *Vai-se.*

A cruel injuſtiça? Eſſe Eſtrangeiro ...

Eurinome.

Dizem que já Oliſſes ſe conhece
Que o ſacrificão, que hoje meſmo o matão.
Que furioſo combate! Que medonho
Eſpectaculo! Oh Ceos! De horror enchêrão
Eſtes meus olhos triſtes! Eu não pude
Diſtinguir quem triunfava, ou quem morria:
Era tudo huma trágica miſtura
De gritos, ſangue, e mortes. He Oliſſes ...
Entre confuſas vozes ſe eſcutava;
E junto c' o ſeu nome repetião
O nome de Antinois. *O Rei* diſſerão,
Ao número já cede, que o ataca;
Eſte execravel monſtro a vida perca:
Cheio de furia, o Principe, forçando
A entrada de Palacio, grita, e corre
Com a eſpada na mão. Para buſcar-vos
Com ella abre caminho, derramando
A' cuſta de mil mortes, outras tantas
Fontes de ſangue perfido. Tremia
Debaixo de ſeus pés. Mas elle chega.

SCENA VIII.

Telemaco, Penelope, Ericlea, e Eurinome.

Penelope.

MEu filho, onde correis? Vinde comigo,
Acabaremos ambos.

Telemaco.

Ah Senhora!

O

O Ceo eſtá por nós, meu Pai triunfa,
O ſeu braço invencivel ... Mas que digo!
Não póde ſer. Alguma Divindade
Debaixo da mortal viſivel fórma
De Oliſſes nos defende. Eſte milagre,
Eſte prodigio, ah! Senhora, eu meſmo
Inda depois de vello o não alcanço!

Penelope.

Juſtos Deoſes!

Telemaco.

Em fim, eſſes tyrannos
Com implacavel colera o tratavão
Mil vezes de impoſtor. Elles querião
Infamemente á viſta deſte povo
Salpicar com ſeu ſangue os vís Altares
Do abominavel Odio: Os inimigos
Soldados o rodeão, procurando
Impedir-lhe a ſahida de Palacio.
Ah, Senhora, ſe o viſſes!... Quando a cheia,
Que engroſſa de repente, e os deſcuidados
Paſtores accommette, e que os boiantes
Troncos, e gados ante ſi lhes leva,
Deſtruindo-lhes os campos, tanto medo
Não põe nos corações, como animoſo
Por entre as armas da inimiga gente,
Dando golpes mortaes, ganhando campo,
Faz tremer tudo á viſta dos ſeus olhos,
Sóbe os degrãos do Templo, e de hum aſpecto,
Qual Jove tem, quando no Ceo ſe irrita;
Ah traidores! exclama, *cujo braço*
Na minha auſencia vergonhoſamente

De-

Desolou atrevido os meus Estados;
E que sem resistencia maltratando
O tenro filho, a delicada Esposa
Pensastes ver, talvez por minha morte,
Sem exemplar castigo as vossas culpas:
Inda vivo, inda reino, inda conservo
A impreterivel Regia authoridade,
De fazer sobre vós summa justiça.
Aos golpes desta (e levantou a espada)
Por terra cahireis, reconhecendo
A gloria do meu nome. Eumé, segui-me:
Mentor, e *Filiticio*, *acompanhai-me*:
Então co' fulminante ferro erguido
O infame peito de Antinois traspassa:
Este he o Rei: Em altas vozes grito:
Este he meu Pai. Seguindo o seu exemplo,
Contra a guarda estrangeira me arremeço:
Arcás, e os outros Chefes todos ficão
Ou já sem vida, ou esperando a morte.
Nossos fieis amigos inflammados
De hum zelo heroico todo o povo animão:
O seu furor as armas lhe ministra:
Cresce o tumulto, todos se perturbão;
Nenhum resistir ousa. Alguns, que fogem,
O medo sobre o mar os precipita:
Por livrar Eurimaco, a seus navios
O faço conduzir. Oh quanto póde
A presença dos Reis! Basta escutar-se
O nome de meu Pai para entregar-lhe
Sem mais contradicção os seus direitos:
O seu Augusto aspecto, a sua força

Desarmou, e punio quantos tyrannos
Se oppunhão contra elle. Os mais rebeldes,
Os mais froxos vassallos já de todo
O seu dever, e as Leis Reaes conhecem.
Em quanto de meu Pai inda a victoria
Pede a sua assistencia, elle me ordena,
Que venha procurar-vos. Eu já tenho
Affugentado as guardas atrevidas,
Que as portas de Palacio defendião:
Por essas Praças seu indigno sangue
Inda quente fumega. A ver Olisses
Vinde pois: Apressai-vos: Vinde vello:
No meio das victorias, que o coroão,
Quer-vos a par de si, pois não pertende
Outro premio maior dos seus triunfos.
Eu vou buscar Isise, e em seus desgostos
Mostrar-me agradecido ao que lhe devo...
Que quer Eumé?

SCENA IX.

Eumé, Telemaco, Penelope, Ericlea, e Eurinome.

Eumé.

EM fim tudo em Itaca
Respira huma pacifica bonança;
Porém livrar não póde o vosso empenho
A vida de Eurimaco; pois chegando
Já mui perto das náos, foi soçobrado
Das ondas o escaler, que o conduzia.

Telemaco.

E onde eſtá Iſiſe?

Eumé.

Ella inda ignora
A perda de ſeu Pai. Por vós eſpera
O grande Oliſſes para ver Laertes.
Senhora.

Telemaco.

Perdoai-me, que eu náo poſſo . . .
Ah cara Iſiſe!

Penelope.

He juſto o ſentimento.
Vós me ouviſtes em fim, ſupremos Deoſes!
Meus trabalhos crueis recompenſaſtes;
Mas eſte bem, meu filho, que conferem
A meus ardentes votos, imperfeito
Será, ſe náo permitte o Ceo benigno
Ver-vos reinar em paz, viver ditoſo.

VIRIACIA.

TRAGEDIA ORIGINAL TIRADA DA HISTORIA LUSITANA

POR

JOÃO XAVIER DE MATOS.

ARGUMENTO.

DEpois de aſſaſſinado pelos Romanos Viriato, bem conhecido na Hiſtoria da Luſitania, Viriacia ſua filha foi eleita pelos póvos Rainha deſta: e ſendo atacada, em Lacobriga ſua Capital, por Pompeo, então General das tropas Romanas, ſe defendeo deſte valeroſamente. Entretanto chegou a ſoccorrella Corrobo, Principe de Galeces ſeu alliado, e amante. Pompeo, temendo o novo ſoccorro, pede huma conferencia, a que aſſiſte Sertorio, deſertado Capitão de Roma, recebido dos Luſitanos, eleito ſeu Gene-

ral,

ral, favorecido, e amado da Rainha. Commette Pompeo a paz; Viriacia a recusa; e Corrobo desprezado della, e cioso de Sertorio, busca a Pompeo; e com elle, e com Aristia, sua repudiada mulher, refugiada na Lusitania, tratão de atraiçoar a mesma Rainha. Descobre-se opportunamente a traição; são prezos, e convencidos nella Aristia, e Corrobo. Perdoa Viriacia a ambos. A primeira volta com Pompeo para Roma: o segundo se mata com a sua mesma espada, que se lhe entrega; e Viriacia dando pacificamente a mão de Esposa a Sertorio, o constitue Rei dos Lusitanos. O mais se verá do contexto da Obra.

ACTO-

A C T O R E S.

VIRIACIA,	Rainha da Lusitania, Filha de Viriato.
SERTORIO,	Romano, General das tropas Lusitanas.
ARISTA,	Mulher de Pompeo, repudiada, achando-se com os Lusitanos.
CORROBO,	Principe de Galéces, alliado de Viriacia.
ESPANO,	Confidente de Corrobo.
ARCÁS,	Confidente de Sertorio.
ELMIRA,	Confidente da Rainha.
POMPEO,	General das tropas Romanas.
AUFIDO,	Tenente de Sertorio.
CURIO,	Capitão das guardas da Rainha.
	Guardas.

A Scena se representa no Palacio da Rainha na Cidade de Lacobriga.

ACTO

ACTORES.

VIRIACIA, Rainha da Lusitania, Filha de Viriato.

SERTORIO, Romano, General das tropas Lusitanas.

ARISTIA, Mulher de Pompeo, repudiada, e alliada com os Lusitanos.

CORROBO, Principe de Galecos, alliado de Viriacia.

FRAZANO, Confidente de Corrobo.

ARGAS, Confidente de Sertorio.

ELMIRA, Confidente da Rainha.

POMPEO, General das tropas Romanas.

AUFIDO, Tenente de Sertorio.

CURIO, Capitão das guardas da Rainha.

Guardas.

A Scena se representa no Palacio da Rainha na Cidade de Lacobriga.

ACTO PRIMEIRO

SCENA I.

Viriacia, e Elmira.

Viriacia.

NÃo, Elmira: Não temas, não te assuste
Guerreiro estrondo de inimigas armas:
A multidão dos perfidos Romanos
Não he sempre quem vence nas batalhas:
O engano, e a traição, que n'outros tempos
Lhe tem dado triunfos vergonhosos,
Não lhe hão de valer hoje: Os bons soldados,
E os Capitães, que em meu favor pelejão,
O enfiado rosto nunca virão
Do susto, e do temor, que te perturba:
Quanto mais os perigos crescer vejo,
Maior valor para vencellos sinto:
Em vão cérca Pompeo estas muralhas:
Em vão levar esta Cidade intenta:
A grande resistencia, que acha nella,

E

E a vinda inopinada de Sertorio
Huma breve, mas prompta conferencia
Lhe tem feito pedir.

Elmira.

Mas ah, Senhora,
Vede o grande poder dos inimigos,
Que já tendes á vista, que vos cercáo
Dentro destas muralhas! Vede as armas,
Vede os preparos!

Viriacia.

Tudo tenho visto.
Quando este povo me elegeo Rainha
Da guerreira, da antiga Lusitania,
A quem por minhas direcções, e industria
Fiz sacudir do jugo dos Romanos
O maltratado, misero pescoço,
Pelo sangue jurei, por esse sangue
De Viriato meu Pai, o Grão Viriato,
Vingar-lhe a morte, conservar-lhe o nome.
Sim, Elmira, esse sangue grita, e clama
Vingança contra as mãos do ímpio Aulaces,
Do falso Distalião, do vil Minuro,
Que nelle se mancharão.

Elmira.

Mas os tempos
Tudo mudão, Senhora: Os Lusitanos,
Que nesse tempo vosso Pai mandava,
Não são os mesmos, que mandais agora:
A mole paz por vezes recebida,
Pela ausencia de hum Chefe exprimentado,
Costuma pouco a pouco ir affroxando

O

O valor militar : Deſſes guerreiros,
Por terra os murriões jazem cahidos;
As ferrugentas lanças encoſtadas;
E que ſoccorros eſperais agora
De hum braço, que não vive ás armas feito?
Dos ſucceſſos, o Tempo, a face muda:
Temei os tempos muito mais que os homens,
Que hum zelo igual não fortalece a todos.

Viriacia.

Não he a multidão, ó almas fracas,
Quem ſó faz o Deſtino das coroas,
Quem decide da Sorte das batalhas:
O valor, e a prudencia dos que mandão,
He o Aſtro, que influe; e ſe ſe juntão
A's forças naturaes altos myſterios,
Os Geriões, os Ciclopes, as Furias
Do meſmo Inferno, em negro campo armados,
Não podem reſiſtir. Elmira, ſabe
Que eſta paſſada noite hum ſonho tive,
Em que vira meu Pai: Elmira, tremo
Quando quero dizello! Os olhos turvos,
Nadando já nas afflicções da morte,
Como quem lhe cuſtava levantallos;
Os beiços roxos, o ſemblante afflicto ...
Tal o vi ſobre a terra inda veſtido
Das armas brancas, de que uſou na guerra:
Ergue o meio corpo, e mal podendo
No cotovelo eſquerdo ſuſtentar-ſe,
Lançando rios de eſpomoſo ſangue
Pelos golpes mortaes das rotas fauces,
De hum ſom doente, de huma voz truncada,

Po-

Pode apenas dizer-me : *Digna filha*
De hum Pai, qual Pai eu fui ; eſtes os premios,
Que recebi dos meus ? Eſtes os louros,
Que a veneravel fronte me cercárão ?
Eſte incanſavel defenſor da Patria,
Eſte braço, flagello dos Romanos,
Nem para ſuſtentar-me já tem forças :
Sim, eſta boca, Oraculo da guerra,
Que paſſou tantas ordens, já não póde
Mais que recommendar-vos, e pedir-vos
Vingança, e mais vingança contra aquelle
Infame Conſul, Scipião infame,
Que aos authores crueis da minha morte
Suggerio com promeſſas corruptoras
Em nome do Senado, em voz do povo :
E ſaiba Luſitania, ſaiba Roma,
E ſe he poſſivel, todo o Mundo ſaiba,
Que no meu ſangue, o meu valor herdaſte.
Mas quiz dizer, e dizer mais não pôde,
Tremo de vello, aſſuſto-me de ouvillo :
Não me cabia o coração no peito :
Nelle a reſpiração me apreſſava :
Fóra de mim no mais cruel tranſporte,
Que póde imaginar-ſe, de ternura
De amor, de compaixão, entre gemidos,
Para o defunto corpo, abrindo os braços,
Como douda corri ; mas neſte esforço
Do impulſo, que tomei, acórdo, e vejo,
Que em vez do corpo, que abraçar queria,
As ſombras vans do meu paſſado engano
He ſómente que abraço : Eu não demoro

Hum

Hum só momento á intima vingança,
Em que abrazada toda a minha alma sinto:
Quem me alenta, não póde ser só ella:
Sim, de meu Pai o espirito parece,
Que se me transmittio, se faltou nelle:
Meu Pai he só quem falla, quem medita,
Quem dirige os meus passos, quem governa
Todas minhas acções; em fim quem manda,
Que vingue a sua morte.

Elmira.

Ah, não, Rainha,
Não vos perturbeis tanto, socegai-vos:
Póde a nossa estragada fantasia,
Pela impressão contínua da memoria,
Pintar-nos entre sonhos pavorosos
Especttros muito mais extravagantes,
Sem que involvão mysterios: Eu não digo
Que vos deixeis vencer sem resistencia;
Que sem satisfação deixeis a morte
De vosso amavel Pai; que deis ouvidos
A's infieis propostas dos Romanos;
Mas que temais as forças supriores
Dos vossos inimigos.

Viriacia.

Que inimigos,
Contra a razão, contra a justiça, podem
O braço levantar, que se não vejão
Castigados dos Deoses? Por ventura
Elles já não tem raios? Não são elles
Que os Celestes avisos communicão
Aos miseros humanos, por caminhos

A's

A's vezes naturaes, de que se servem?
Sim, Elmira, este sonho ser não póde
Mais, que hum aviso dos Supremos Deoses:
Elles amão a gloria, que resulta
Igualmente do premio, e do castigo;
E se huma acção culpavel os irrita,
Huma justa vingança os lisongea.
Alma benigna, sombra generosa
De meu Heroico Pai! Só tu es digna
De ir aos Elizios sem passar o Erebo:
Espera ver por mim, gostosa espera,
Desempenhada a gloria do teu nome
Nos maiores assaltos; tudo quanto
Póde caber no braço delicado
De huma fraca mulher, que mais estima
Morrer, dando sinaes de filha tua,
Que ser Rainha sem ficar vingada.
Mas Curio alvoroçado!

SCENA II.

Viriacia, Elmira, e Curio.

Curio.

JÁ, Senhora,
Chega Sertorio ás portas da Cidade,
E na frente do exercito marchando
Em ordem de batalha, se apresenta
Diante dos contrarios, que a cercavão;
Os nossos inimigos vão perdendo
O posto, que ganhárão. De huma parte

Já

Já temos para o campo Luſitano
Livres os paſſos, o caminho aberto,
Por onde entrando o Principe Corrobo,
A Palacio chegou: Sómente eſpera,
Que para vos fallar lhes deis licença.

Viriacia.

Dizei-lhe, que entrar póde. Mas dizei-me,
Os noſſos Capitães onde ficárão,
Que da ſua Rainha não procurão
As ordens, e a preſença?

Curio.

Elle o campo
Deſamparar não podem: Ficão todos
Já promptos ao combate: Impacientes,
C'o a prompta viſta no ſeu Chefe, eſperão
Sinal para enveſtir: Cada hum delles
Ser hum Leão Famelico parece:
N'um deſejo marcial arder ſe ſentem:
Em fim ſoffrer não podem, que hum inſtante
Se lhes dilate a gloria da peleja.

Viriacia.

Ide, dizei ao Principe, que póde
Entrar para fallar-me, que eu o eſpero.

SCENA III.

Viriacia, e Elmira.

Viriacia.

QUe mal reſiſto á repugnancia interna,
Que ſinto dentro n'alma, quando eſcuto
O nome deſte Principe.

El-

Elmira.

Senhora,
A voſſa alma ſómente com Sertorio
He que ſe ajuſta, communica, e entende.
Competidor o Principe o contempla:
Tem vaſſallos fieis, e tem debaixo
Do ſeu poder diſciplinadas tropas;
Do Luſitano, do guerreiro corpo
A principal, a maior parte fórmão;
Não deſgoſteis hum alliado amante,
Que vos póde ſervir: Vedé com ſuſto
Que he do deſprezo conſequencia o odio.

SCENA IV.

Corrobo, Eſpano, Viriacia, Elmira, e Curio.

Corrobo.

CHegou, Rainha, o opportuno inſtante
De expôr por vós goſtoſamente a vida,
Se he que devo arriſcalla, ſendo voſſa.

Viriacia.

Senhor, não vos entendo: Outros cuidados...

Corrobo.

Digo, Senhora, que melhor ſeria
Conſervar-vos em paz, viver ditoſa
No meio da pacifica alliança,
Que Roma vos propõe: Indecoroſos
Os partidos não são, quando são juſtos:
Vede bem, que do Mundo são Senhores
Noſſos feros contrarios; mas com tudo
Se vós o permittis, ſe he goſto voſſo

Que

Que hoje me vejão acabar no meio
Das inimigas, das agudas lanças,
Poderáõ, ſim, por vós tirar-me a vida,
Mas não tirar-me a gloria de perdella.

Viriacia.

Sei muito bem, Senhor, quanto vos devo:
Tudo quanto he valor, e gloria eſtimo:
Do voſſo braço o grão poder reſpeito,
E torno a reſpeitallo, porque he voſſo.
Mas eu não ſei, Senhor, ſe eſtes diſcurſos
São indignos de vós, e improprios delle.
Que procurão de nós eſtes Romanos?
Cidade he Roma, como as mais Cidades,
Mais direito não tem: Eſſa Fortuna,
Que lhe ergueo a cabeça ſobre as outras,
Não foi para as mandar: E que Deſtino
Fez ao Tibre Senhor, ao Téjo eſcravo?
As armas fazem ſó conquiſtadores;
Podem fazer, e desfazer Imperios;
Porém a Natureza, e a Juſtiça
He ſó quem dá legitimos poderes.
Eſtas Leis são a unica baliza,
Que demarcou, que repartio as terras:
Roma tem Leis iguaes; ſe abuſa dellas,
Nós faremos o meſmo? Não, Corrobo;
Crime ſerá não defender o proprio,
Como injuſtiça conquiſtar o alheio.
Se já não cabe em ſeus diſtrictos Roma,
Dentro da Luſitania nós cabemos.
Fomos queimar-lhe as terras, as Cidades?
Roubar-lhe as povoações? Pôr-lhe tributos?

Só para elles ſerá feito o Mundo?
Principe, ſomos livres, temos armas,
Valor, e Capitães: Se iſto não baſta,
Temos juſtiça, ſomos Luſitanos.

Corrobo.

Que iſſo baſte, ó Rainha, os Deoſes queirão;
Mas ſe elles forem taes, quaes forão d'antes
A favor dos Romanos, que faremos?
Vede, lembrai-vos, meditai hum pouco
No Deſtino de Antiocho: Lembrai-vos
Daquelle Rei, que dominando a Aſia,
De hum numeroſo exercito ſeguido,
Cuidando ſer conquiſtador do Mundo,
C'os ſoccorros de Anibal, derrotado,
Perdeo mil terras n'uma ſó batalha.
Quem teve mão no throno vacillante,
Que herdára de ſeus Pais? Quem? A alliança
Deſſes meſmos Romanos, que algum dia
Tantas vezes olhou de hum ar ſoberbo:
Vede em fim de Mitridates a Sorte,
Grande em fortunas, em deſgraças Grande:
E que fez eſte Rei em campo armado?
Outra couſa não foi vencer os Gregos,
Que preparar triunfos aos Romanos:
Vede qual fora a ſorte de Jugurta,
Outros exemplos.

Viriacia.

Principe, não podem
Eſſes, nem outros aſſuſtar-me agora:
Não temo Roma, nem imito a Aſia:
Aſia ſoberba, poderoſa, e rica,

En-

Encurvada co' pezo do ſeu ouro,
As armas manejar não ſaberia:
Nem reſiſte melhor aos duros golpes
O dourado broquel, que a ferrea malha.
Não conquiſto, defendo o que me toca:
As noſſas lanças como as outras ferem:
Freſcas memorias ante os olhos temos:
Os veneraveis muros de Palença,
Teſtemunhas authenticas, e eternas,
Ainda não cahírão, não cahírão
Ao impeto Romano: O ſitio forte,
Que Luculo lhe poz, ſoffreo conſtante,
Té que ſe retirou de envergonhado:
O intrigante, o inconfidente Galba
A' traição, (de outra ſorte o não faria)
A' traição intentou, matando os noſſos,
Lavar no noſſo ſangue a ſua affronta.

Curio.

Já para nós, com paſſos diligentes,
Hum eſtranho guerreiro ſe encaminha.

SCENA V.

Arcás, e os precedentes.

Arcás.

HOje Sertorio aos Deoſes ſoberanos,
Co' as mais ardentes ſúpplicas, pertende
Offrecer hum devoto Sacrificio,
Para os ter favoraveis na victória,
Que dos Romanos confiado eſpera.
Já em torno das Aras Sacroſanctas

As enfeitadas victimas ficárão:
Já o lume ſagrado reſplandece:
Já o cheiroſo fumo aos ares ſóbe.
Pende da mão do grande Sacerdote
A affiada bipene; e em altas vozes,
Cheio da Divindade, que o inſpira,
O mais feliz ſucceſſo nos agoura:
Tudo eſtá prompto: Só por vós ſe eſpera.

Viriacia.

Vamos, vamos honrar os grandes Deoſes;
Pedir-lhe protecção, render-lhe culto:
Principe, confiai, que hoje ſeremos
De louros coroados; porque os louros
Não ſe creárão ſó para as cabeças
Dos ſoberbos, dos perfidos Romanos.

SCENA VI.

Corrobo, e Eſpano.

Corrobo.

EQue Deſtino encaminhou meus paſſos
Para vir á preſença perigoſa
Deſta altiva mulher, deſta Rainha?
Quem vio alma tão grande, alma tão cheia
De hum furor militar! Quem nunca a víra!
Quem nunca lhe fallára! Quem tivera
Para lhe reſiſtir huma pequena
Parte do ſeu valor! Mais que os Romanos,
Os meus deſejos temo! Mas que braços
Podem quebrar cadeias, que ſe forjão
Pelas mãos da belleza, e da virtude.

Di-

Diante della, eu já não ſou Corrobo:
De tanta ſujeição, eu me confundo!
Comigo meſmo em huma guerra vivo:
Nas mãos de Amor, o meu maior contrario,
Ponho ás armas, e fujo; elle me ſegue,
Elle me alcança, elle de mim triunfa:
Fraco lhe chamo, quando eu fui o fraco:
As palavras eſcolho, o modo eſtudo,
Com que lhe hei de pintar, ſem que a offenda,
O ardor interno deſte amor, que ſinto:
Para dizer-lho, algumas vezes ſolto
Humas primeiras, timidas palavras,
Que coſtuma forjar o amor, e o ſuſto;
Mas eu não ſei que géſto lhe deſcubro,
Que não poſſo firmar a confiança
De dizer-lhe o que ſinto: Ella me córta
Co' a mais alta politica os diſcurſos:
Arde-me o peito, gella-ſe-me a boca:
Impacientes ciumes me devorão:
Que he meu competidor Sertorio, julgo:
Mas quem ſabe ſe são eſtes juizos
Imagens vans de frivolas ſuſpeitas!
He preciſo mais prova.

Eſpano.

Que mais prova?
Senhor, dai-me licença de dizer-vos,
Que ardeis em vão, que ſuſpirais de balde.

Corrobo.

Fiel Eſpano, dize-me o que ſentes:
Eſclarece-me, inſpira-me ſe pódes;
Se he tal a minha Sorte .... Grandes Deoſes!

Mas

Mas com tudo, talvez.... Acaba, Eſpano,
Náo nos precipitemos.

Eſpano.

Permitte-me
Que vos falle, Senhor, com liberdade
De vaſſallo fiel, e de hum vaſſallo,
Que vos trouxe nos braços tantas vezes:
Eſta mulher ſoberba, que amais tanto,
Ou ſe finge, ou tem alma impenetravel
A tudo o que he ternura: Ella ſe ſerve
De nomes eſtrondoſos: Os triunfos,
As coroas, a honra, a fama, a gloria,
Só ſe lhe ouve na boca a cada inſtante:
Sertorio ſó, que o Heroiſmo affecta,
Que he o mais falſo hypocrita da Fama,
Digno dos ſeus affectos lhe parece:
O voſſo coração náo ſe conforma
Com o ſeu coração: Nelle ſó reina
O amor de Sertorio: Senhor, crede,
Crede o fiel, o verdadeiro Eſpano.
Quem vos diz, que náo quer eſta Rainha,
Dando a eſte guerreiro a máo de Eſpoſa,
Reinar ſobre nós todos? Os Romanos
Sáo bons para aliados, Viriacia
Fraca para inimiga; e melhor fora
Viver por vós, do que morrer por ella.
As noſſas armas....

Corrobo.

Náo, Eſpano, a honra
He dos Heroes o principal objecto:
A traiçáo a deſtroe; eu a aborreço:

Ao

Ao desbocado monſtro do ciume
He preciſo lançar por ora hum freio:
Veremos.... ſim, veremos.... Mas que digo!
Eu não ſou igualmente que a Rainha
Abſoluto Senhor dos meus Eſtados?
Não tenho forças? Armas? Braço? Gente?
Não devo ſer o Pai dos meus vaſſallos?
Conſervallos em paz, vellos felices?
Mas, Deoſes immortaes! Que ha de ſer della?
Poderei vella ſuſpirar no meio
Dos Romanos furores? Conduzida
Indecoroſamente, feita eſcrava,
Prezas talvez as mãos, os olhos baixos,
Servindo de deſpojo, e de ornamento
A carroça dos barbaros triunfos?
Ou ſolitaria, fugitiva, errante
Pelos montes da Patria? Pelos montes,
Que ella já vio coroados de bandeiras,
Inſignias de victoria? Não, Corrobo
Não he tão vil: Quem ama não ſe vinga;
E ſe ſe vinga, mente, que não ama.
Mas aonde, oh ſuſpeitas inquietas,
Me levais o diſcurſo? Eſſa Eſtrangeira,
Que em noſſas tropas ſegurança buſca,
A quem tanto Sertorio favorece,
Póde ſer....

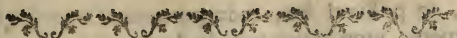
Eſpano.

Ah, Senhor, abri os olhos:
Formais torres no ar? Primeiro ouvi-me;
Depois reſolvereis como quizerdes:
Eu ſei que eſta mulher he da familia

De

De huns póvos alliados dos Romanos;
E que ao odio dos ſeus fugindo, buſca
Segurança entre nós.

Corrobo.

Com tudo eu quero
Saber qual he de todo o meu Deſtino:
Tentarei novamente reſoluto
A empreza de explicar-me co' a Rainha
Em termos mais preciſos: Se a reſpoſta
For á minha eſperança favoravel,
Então por outro modo penſaremos;
Mas ſe for deſabrida, neſte caſo
Buſco Pompeo, componho-me com elle,
Vingo-me de Viriacia, e de Sertorio:
O banido Sertorio, neſtes braços
A vida acabará; e ſem piedade,
Hum tyranno ſerei, em vez de amante;
Em vez de hum alliado, hum inimigo:
Sim: Pelos Manes, pelos Deoſes todos,
Se neceſſario for, prometto, e juro
De não tornar atrás: Poſtas em campo
Do negro Averno as vingativas Furias.
Contra os fracos mortaes, tão dura guerra,
Tão lamentavel, tão furioſo eſtrago
Não farão, como eu ſó contra eſta gente,
Movendo o eſcudo, arremeçando a lança.

ACTO

ACTO SEGUNDO

SCENA I.

Sertorio, Areás, Auſido, e Capitães.

Sertorio.

EM fim, os grandes Deoſes ſe declaráo
Já em favor das armas Luſitanas:
Eu obſervei nos auſpicantes voos
Das agoureiras aves, por tres vezes,
Certos ſinaes da protecção Celeſte:
As palpitantes, trepidas entranhas
Das victimas ſagradas, nos ſegurão
Inda mais a eſperança, que ter devo.
Nós não temos, leães compatriotas,
Mil favores do Ceo experimentado?
Quando fugimos da confuſa Roma
A' injuſta proſcripção do infame Silla,
Sem Patria, errantes, ſem abrigo expoſtos
A's mãos dos mais crueis perſeguidores,
Eſta grande mulher, eſta Rainha,
Eſta Deoſa benigna nos recolhe;
Dá-nos ſoldados, armas nos offerece,
Com que me faço Chefe do partido,
Que vós hoje ſeguis: A voſſa Patria
Já não he Roma, a voſſa Patria he eſta:
A obrigação de defendella he voſſa:
Não receeis; ſeremos vencedores;

E, ſe poſſivel for, inda poremos
Perpétuo jugo na cervis de Italia.

Aufido.

Sertorio, como vós reſpeito os Deoſes;
Sou grato aos beneficios; reconheço
Que devo dar-lhe graças; mas não poſſo
Ver ſem rancor, ouvir ſem repugnancia
Huma Rainha cheia de ſoberba;
Huma audaz, temeraria Luſitana;
Huma filha .... (não poſſo repetillo
Sem ſuſpirar! Oh Deoſes!) Huma filha
De Viriato, Capitão, que a Roma
Será ſempre odioſo.

Sertorio.

Mas que importa,
Se aos Deoſes agradavel ſerá ſempre.
Por mais que diſcorramos, não podemos
(Tal he Aufido, a noſſa curta esfera)
Exceder os limites ſinalados,
Que poz á Natureza o Author della:
Co' a noſſa viſta, a noſſa intelligencia
Tem grande ſemelhança: Diſtinguimos
Os objectos ſómente em certo ponto;
Além do qual, não percebemos nada
Senão confuſamente: E ſe os myſterios
Communs aos homens, como aos Deoſes, foſſem,
Que ficava de grande a Divindade?
Ella ſó os revela como, quando,
E a quem quer, como o fez a eſte indigno
Miſeravel humano: Foi ſervida
A caſta Deoſa, a minha protectora,

Cla-

Clariſſima Diana, apparecer-me
N'um doce ſonho, quando deſcançava
Huma vez ſobre as fervidas areias
Das praias Africanas: *Vai* (me diſſe)
Buſcar ſoccorros entre as gentes Luſas:
Viriacia acharás, a mais prezada,
A mais querida filha do meu Coro;
Com ella farás guerra aos teus contrarios:
Darás batalha; ſahirás triunfante.
A' voz do Ceo obedecer he juſto:
Ao aceno dos Deoſes nós devemos
Abaixar a cabeça.

Aufido.

Eu a inclino
A tão altos Decretos.

Sertorio.

Sim, Aufido,
Mais remedio não ha que obedecer-lhe.
Saberás, que Pompeo pede á Rainha
Hoje huma conferencia; e devo ouvilla
Sobre a reſolução deſte incidente:
Em tanto não convem, que o campo eſteja
Sem a voſſa peſſoa, de quem fio,
Que a qualquer movimento dos contrarios
Sejais attento; e que animeis de novo
Para qualquer ſucceſſo as noſſas tropas.

SCENA II.

Sertorio, e Arcás.

Sertorio.

TU bem ſabes, Arcás, que ſempre foſte
Depoſito fiel, guarda ſegura
Dos mais particulares ſentimentos,
Que ha no meu coração: Os inimigos,
Que eu mais devo temer, não são aquelles,
Que tu vês contra nós póſtos em campo:
Eſtes meſmos Romanos fugitivos,
Que nos tratão com roſto de amizade,
São os maiores. . . .

Arcás.

Eſſes proſcriptos, que, fugindo á morte,
Achárão ſó em vós a ſegurança?
Será poſſivel?

Sertorio.

Sim: Eſſe deſpojo,
Miſero reſto das vencidas tropas
Do noſſo infeliz Mario: Eſſes ingratos,
Que da grandeza vã dos ſeus maiores
Se jactão, como Silla: Eu ſei, que todos
Do meu eſcuro naſcimento fallão;
Mas o meu braço temem; ſim: Murmurão
Deſta meſma Rainha generoſa,
Quem em ſuas terras os recolhe, e ampara;
E querem dar-lhe Leis.

Arcás.

Esta Rainha,
Por vós, e não por elle dissimula:
Eu não sei que ternura em vós observo;
Por mais que disfarceis, assim que a vedes:
Sobresaltai-vos só de ouvir-lhe o nome:
Vós, que no meio de crueis fadigas,
Apenas escapando ás mãos dos vossos,
Perseguido da Patria, inda tão longe,
Que nem aqui vos deixa estar seguro;
Vós, que em todos os lances da Fortuna
Hum sinal de fraqueza nunca déstes,
Ou no rosto, ou no peito, como agora
Suspirais, e tremeis? Muito vos deve,
Senhor, esta Rainha.

Sertorio.

Sim; eu amo,
Eu amo a Viriacia; pois conheço
Não ser mais, que huma Deosa bemfeitora,
Que o Ceo nos deparou: Eu amo nella
Igualmente a belleza, e a virtude:
Já de meu coração a fiz Senhora:
Por ella he que suspiro: Não presumas,
Que os homens são de pedra: Quando a vejo,
Não cuides que he Sertorio quem suspira,
Quem suspira he sómente a Natureza.

Arcás.

Mas dizei-me, Senhor, como he possivel,
Como he possivel, que quem ama engane?
Que a façais crer nos Deoses, que vos fallão?
Que a façais adorar falsos mysterios?

Ser-

Sertorio.

Tu, meu ſincero Arcás, inda não ſabes
Conduzir os mortaes: Quem os dirige
Pelo ſimples caminho da verdade,
Difficultoſamente os traz ſujeitos:
As Leis da natureza, e os dictames
Da ſuprema razão, lhes baſtaria
Para os trazer conformes; porém julgão,
Que as acções mais heroicas não são grandes,
Se não são reveladas; e os ſucceſſos
Ainda mais communs, mas ordinarios,
Só acções grandes são, ſe são myſterios:
Imaginão que os homens, recebendo
O eſpirito dos Deoſes, por quem fallão,
Nelles os meſmos Deoſes ſe transformão;
Convem muito entreter eſta Rainha,
Co' as apparencias vans de altos prodigios,
Por não ir cegamente expôr-ſe á furia
Das lanças inimigas: Deſte modo
He que das almas credulas triunfa
A vã ſuperſtição: Os Sacerdotes,
Que de hum ar mageſtoſo reveſtidos
Vês eſtender as mãos ſobre os Altares
Contra innocentes victimas, não cuides
Que são mais, que huns hypocritas Miniſtros
Da leve ſuggeſtão, que o povo adora:
Não vês hum deſtes co' cabello hirſul o,
Torcendo a boca, revirando os olhos,
Entre deſconcertados movimentos
Deſatar ſonhos, agourar futuros?
Pois não he mais que hum meio extravagante,
Com

Com que affecta no Mundo a industria humana,
O rapto excelso de hum furor Divino,
Que falla nos Profetas. Mas que vejo,
Que já chega a Rainha: O seu aspecto. ...

SCENA III.

Viriacia, Sertorio, Arcás, Curio, e Guardas.

Viriacia.

JÁ, Senhor, vossa vinda inesperada,
Para mim principia a ser gostosa,
Para Pompeo a ser fatal começa:
Pela parte mais forte da Cidade,
Desamparando o campo, se retira:
Marchou a unir as tropas, e fez alto:
Não sabemos qual seja o seu designio.

Sertorio.

Não, Rainha, a mim não; a vós se deve
Todo esse favoravel movimento,
Que fez o inimigo: O vosso esforço,
As vossas providencias, a vossa alma,
São os soccorros, que Pompeo mais teme:
Attribui, Senhora, esse receio
Mais aos vossos dictames, que ao meu braço,
De não poder vencer-vos, os Romanos
A affronta dissimulão, com pedir-vos
Talvez, em vergonhosa conferencia,
A paz, e não a guerra: Sois Rainha,
Sois Senhora absoluta; e neste caso
Vossa vontade decidir só póde:
E estai certa, ó Rainha, que o meu peito,

O

O meu braço, o meu ſangue ....

Viriacia.

Pois, Sertorio,
O meu ſangue, o meu peito, e o meu braço
Arriſcarei tambem: Ver-me-heis na guerra
Sempre junto de vós: E que Fortuna
Não ſerá para mim ver-me triunfante,
Para mais generoſa, neſte dia,
Os meus triunfos repartir comvoſco!

Sertorio.

Magnanima Rainha, o voſſo esforço
Eu o conheço, o inimigo o teme,
A meſma Roma o ſabe; mas, Senhora,
A voſſa vida, a voſſa amavel vida,
Não deveis arriſcar: As noſſas baſtão
Só para honroſas victimas da guerra:
Val menos hum exercito no campo,
Do que vós na Cidade: Dentro della
Inimigos domeſticos não faltão,
Que da voſſa preſença neceſſitão:
Não são menos heroicos os triunfos,
Que ſe conſeguem da perfidia occulta,
Que ſobre as Cortes o veneno eſpalha:
Finalmente, Senhora, revelado
Me foi dos Deoſes, que ſó ſabem tudo,
Que ſahir não deveis deſta Cidade.

Viriacia.

Oh Deoſes immortaes! Será poſſivel,
Que nos peitos fieis dos Luſitanos
A feia nódoa da traição cahiſſe!
Aquella meſma gente, aquelle povo,

Que

Que jurou neſtas mãos fidelidade!
E que á ſua Rainha devem tanto,
Que ainda não tem as lagrimas enxutas
Na morte de ſeu Pai! O ſeu abrigo;
O ſeu unico abrigo, o ſeu remedio,
O ſeu eſcudo, o defenſor da Patria?
Se he tal a minha Sorte, eu já não quero,
Já não quero viver: Vinde, Romanos,
Em mim primeiro exprimentai as lanças:
Tirai d'entre os humanos a maia triſte,
A mais infauſta vida.

Sertorio.

Socegai-vos;
Outra gente, ſem ſer a Luſitana,
He quem deveis temer: Importa muito
Cuidar na guarnição deſtas muralhas;
E muito mais, que toda ſe componha
Dos voſſos nacionaes: Podeis, Senhora,
Confiando-vos delles, dar ſem ſuſto
As Ordens, que quizerdes; que depende
Da voſſa duração, da voſſa vida
Toda a felicidade Luſitana.

Viriacia.

Que preſagas ſuſpeitas me inquietão
O triſte coração! Neſta Cidade
O Principe ſiozo, e deſcontente,
Sendo quaſi hum garante, hum medianeiro
Entre mim, e Pompeo! Eu dependente
Das ſuas tropas! Ah, crueis ſuſpeitas!
Valei-me, oh Ceos, em taes deſconfianças.

Curio.

Senhora, eu vi o Principe Corrobo,
Não ha muitos inſtantes, neſte Paço
Confuſo, abſorto, penſativo, incerto,
Ora fazendo acções, ora ſoltando
Mal compoſtas palavras, como aquelle,
Que revolver coſtuma na memoria
Succeſſos grandes, temeroſas couſas.

Sertorio.

Não temamos; nos Deoſes confiemos:
E em quanto eu vou examinar a fórma,
Que Aufido terá dado ao noſſo campo,
E a inſpirar nos ſoldados novo alento,
Sem mais perda de tempo, vós, Senhora,
Ide incenſar os Idolos da guerra;
Marte nos cubrirá c'o ſeu eſcudo:
Contra elle vai, quem contra nós peleja:
Valor, preſteza, acordo, he ſó quem fazem
O bom, ou máo ſucceſſo das campanhas:
Compra-ſe a Fama á cuſta dos trabalhos:
São os grandes perigos Pais da gloria.

Viriacia.

Fiai, Senhor, da minha vigilancia
Os mais poſſiveis, os mais promptos meios
De atalhar os enganos, e os aſſaltos
Das inteſtinas ſedições, que poſsão
Ameaçar levemente eſta Cidade.
Como hum forte ſoldado, eu meſmo armada
Irei rondar da Patria Lacobriga
As invictas muralhas, as ameias,
Té os medonhos foços, tudo, tudo

Vi-

Visitarei eu mesmo: A máo, que póde
Com o pezo do Sceptro, tambem possa
Mover a espada, sopezar a lança. (1)

SCENA IV.

Sertorio, e *Arcás*.

Arcás.

HE possivel, Senhor, que hajáo traidores
Dentro desta Cidade! E que derramem
Occultamente o tragico veneno
Das sedições Romanas!

Sertorio.

O receio
He da prudencia amigo inseparavel:
He meu rival o Principe Corrobo:
Náo sei que má vontade lhe descubro
Contra o nosso partido: Arcás, eu temo,
(Os Ceos o náo permittáo) que os Romanos
Ainda tenháo nelle hum alliado;
E assim que esta Rainha o desengana,
Tu o verás traidor. Mas Aristia!
Tu retira-te, Arcás, que eu já te busco.

(1) *Vai-se.*

SCENA V.

Sertorio , e Ariſtia.

Ariſtia.

HUma noticia, que de ouvir acabo,
De hum frio ſuſto , o coração me gelln:
Dizem, Senhor, que de Pompeo mandado
Hum heralto , do campo aqui chegára;
E que á Rainha huma audiencia pede
Para tratar, e conferir as pazes,
Que propõe receoſo aos Luſitanos.
Ah! Se ſabe, Senhor, o meu Eſpoſo,
Que ainda dura Ariſtia, e que reſpira
Dentro deſtes lugares!

Sertorio.

Nada poſſo
Dizer-vos, Ariſtia: Sei que os Deoſes
Dos humanos reſpeitão a innocencia:
Sois fiel ao Eſpoſo, e elles devem
Premear a virtude: As noſſas armas,
E o ſeu favor tereis.

Ariſtia.

De vós, e delles
Todo o favor confio: Tudo eſpero.

Sertorio.

Eu vos deixo, Senhora, porque entendo
Que aſſim as voſſas mágoas liſongeo:
Não vos quero tirar o triſte allivio
De poder ſuſpirar a voſſo goſto. (1)

SCE-

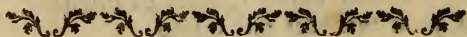
(1) *Vai-ſe.*

SCENA VI.

Ariſtia ſó.

HE poſſivel, oh Deoſes! que nem tenha
Tempo para ſer triſte! Que não poſſa
Fart. r huma alma triſte de triſteza!
Quem me diria, oh Fortuna inſtavel!
Oh tempo enganador! Quem me diria,
Quando ouvindo os applauſos, e os louvores,
Que tu dourar coſtumas, conduzida
Entre os affagos da ſubtil liſonja
A ver, e authorizar, por tantas vezes,
Os grandes eſpectaculos de Roma!
(Ingrata Roma!) Sim, quando eſcutava
As acções grandes, os heroicos feitos
Dos Capitães, dos Conſules famoſos,
Que formavão a ſerie eſclarecida
De meus altos Avós! Quando os triunfos,
Que pelas tuas ruas mal cabião
Em dourados paineis, hia notando
Cheia de goſto, cheia de vaidade:
Quem diria, oh Fortuna! Oh Roma! Oh Templo!
Que toda eſſa grandeza era hum enſaio
Do meu abatimento! Quem diria,
Que depois de pizar, como Senhora,
A Capital do Mundo, como eſcrava
Peregrinar havia os apartados,
Deſconhecidos montes Luſitanos!
Quem diria, que a Eſpoſa, a fiel Eſpoſa
Do tyranno Pompeo, foſſe obrigada

A

A buſcar nos eſtranhos a piedade,
Que náo achou nos ſeus, nem nelle meſmo!
Barbaras Leis, dictames ſem juſtiça,
Que permittiſtes o cruel repudio
Das miſeras mulheres! Só dictados
Pelas bocas infames de imprudentes,
Impios Legisladores. Náo ſei como
Táo cuberta de affrontas appareço
Na face do Univerſo! Eu corro, eu fujo
A buſcar outro Mundo, onde náo haja
Quem do meu mal ſe ria: Mas primeiro,
Tu, injuſto Pompeo, que me abandonas,
Dos Deoſes te verás deſamparado,
Dos homens perſeguido, feito eſcravo,
Morto, ſem ſepultura, e vagabundo,
A tua negra ſombra ſem repouſo,
Sem eſperança, ſem allivio, nunca
Da preſença dos Deoſes será digna.

ACTO TERCEIRO

SCENA I.

Corrobo ſó.

QUe ſe veja a grandeza de Corrobo
Quaſi publicamente atropelada
Dos inſolentes pés de hum vil deſprezo
Deſprezado náo ſó, mas preterido!

E por quem? Por Sertorio! Hum revoltoso,
Hum rebelde, hum escandalo da Patria,
De nós malquisto, e entre os seus sem nome!
Que tolere o final desabrimento
De huma altiva mulher, de huma Rainha,
Que inda fora vassalla, se eu não fora!
Que podia a Coroa disputar-lhe,
Negar-lhe os meus soccorros! Ah! Tyranna!
Se eu não fora, talvez que nem pudesses
Firmar a planta no degráo primeiro
Do mal seguro Throno, que hoje occupas.
Tu verás contra ti o mesmo braço,
Que ha pouco tempo em teu favor se erguia:
Hoje será hum raio fulminante;
Hum raio da vingança, que respiro.

SCENA II.

Corrobo, e Espano.

Espano.

SEnhor, quem vos offende, e vos obriga
A tão ardente, a tão fatal transporte?
Bem sabeis que o meu zelo....

Corrobo.

Ah charo Espano!
Sabe que Viriacia.... Mas não saibas
Tambem a minha affronta. Não sei como
Incendio tal me não reduz a cinzas!
As implacaveis Furias me devorão
As ciosas entranhas: Huma braza
Tenho por coração: Huma faisca

Sól-

Sólto em cada palavra, que articúlo:
Só relampagos vejo: A meus ouvidos
Só troveja a vingança. A ímpia, a ingrata,
A cruel Viriacia. ...

Espano.

Desprezou-vos?
Eu o finto, Senhor, por voffa honra.

Corrobo.

A Corrobo, a hum Principe, não deve
Refponder-fe tão mal. Quiz por mil vezes
Dizer-lhe o meu amor: Principiava. ...
E ella, fem me ouvir, interrompia
A prática amorofa: Até que expofto
Ao que fempre temi, já não podendo
Soffrer tanto artificio, tudo quanto
Subminiftra a paixão, Amor fecunda,
Balbuciante lhe diffe: Então a ingrata,
Sem querer pôr-me os olhos, me refponde....
(Não poffo repetillo!) Em fim de todo
As minhas efperanças fe acabárão:
Porém o meu amor (ah charo Efpano!
Olha, tenho vergonha de dizer-to)
Não fe acabou com ellas: Inda finto....
Eu me confundo, eu não me entendo, eu morro.
Amar, e aborrecer como he poffivel!
Como he poffivel, fim, que ao mefmo tempo
Me fação guerra, o peito me traſpaffem
De Amor as fettas, e o punhal do Odio!

Efpano.

Inda vós vacillais irrefoluto?
Quereis que a Lufitania de vós zombe!

Que-

Quereis ser, ah Senhor! o assumpto, o objecto
Da irrisão de Roma? Quereis hoje
Ajudar a Fortuna de Sertorio?
Essas finezas, que de vós consegue
Esta altiva mulher, não são, Corrobo,
Mais que triunfos, que de vós alcança
Vosso mesmo rival: Abandonai-a:
Se ella vos quer perder, que perdeis nella?
Não a façais ingrata; se vos foge,
Fugi-lhe vós tambem, que nesta guerra
As retiradas tambem são victoria.
Desamparai, Senhor, estes ingratos;
Não vos sacrifiqueis: Que esperais delles?
Não he melhor juntar-vos aos Romanos;
Unir ás de Pompeo as vossas tropas;
O número augmentar dos descontentes,
E talvez dos vassallos? Sim; quem sabe....
Bem póde ser que então esta Rainha....

Corrobo.

Sim; estou resoluto: O teu conselho
Será hoje o Senhor do meu Destino:
A's tuas sabias direcções me entrego:
Busca Pompeo; propõe-lhe os meus designios:
De ti confio tudo

Espano.

A confiança,
Que vós fazeis de mim, e a que ter devem
Na vossa approvação os meus antigos,
Fiéis procedimentos, liberdade
Para tudo me dá: Já instruido
Estou das injustiças, que comvosco

Pra-

Praticou a Rainha; e não ſoffrendo,
Que foſſeis por mais tempo de huma ingrata
O público ludibrio, por peſſoa,
Capaz de manejar qualquer deſtreza,
Fiz propôr a Pompeo da voſſa parte
Hum pacto de amizade: Elle goſtoſo,
Eſte partido vantajoſo acceita,
Com que eſpera trazer ao noſſo jugo,
Em pouco tempo, as forças Luſitanas:
E porque ſabe, que anda em noſſas tropas
Acaſo eſta mulher deſeonhecida,
Que ſe diz ſer Romana: generoſo,
Com mil promeſſas de avultados premios,
O animo diſpoz de menſageiro,
Para poder facilitar-lhe o modo
De encontrar-ſe com ella, ao meſmo paſſo
Que a fallar-vos chegaſſe.

Corrobo.

Ah charo Eſpano!
Que fiéis, que politicas idéas!
Que providencias, dignas de memoria,
N'um Principe offendido! Mas que vejo!
Viriacia!... E com ella... oh Ceos: Fujamos. (1)

SCE-

(1) *Vai-ſe.*

SCENA III.

Viriacia, Sertorio, Curio, e Guardas.

Sertorio.

ASſuſtado Corrobo, de mim foge:
O meu receio, ó Rainha, he certo:
Mas, Viriacia, não temais, que a falta
De hum froxo defenſor não enfraquece
As noſſas forças; temos as que baſtão.

Viriacia.

Não ha ſitio, Senhor, neſta Cidade,
Nem lugar importante, que eu não viſſe,
Que eu não examinaſſe: Os que a defendem
São ſoldados fiéis, são Luſitanos:
Não he o inimigo o que eu mais temo;
De outro ſuſto maior me bate o peito:
Pompeo eſtá chegando: A recebello
Já enviei as eſcolhidas Guardas,
Com que á minha preſença neſte inſtante
Será ſolemnemente conduzido.
Mas elle chega já. O Ceo me inſpire.

SCENA IV.

Pompeo, Sertorio, Viriacia, Curio, e Guardas.

Pompeo.

REſpeitando, Senhora, o voſſo esforço,
E as amaveis Virtudes, que vos cercão;
Huma perpétua paz, huma alliança,
Que os Deoſes amão, que as Nações invejão,
Ho-

Hoje, em nome de Roma, vos offreço:
Eu já por vós me intereſſei com ella,
Pintando-lhe a grandeza da voſſa alma:
Aquelle povo generoſo, e forte,
Naſcido ſó para dar Leis ao Mundo,
Quer a voſſa amizade, e ſó pertende
Que lhe reſtituais alguns....

Viriacia.

Ouvi-me:
O povo meu, que me erigio Rainha,
Foi para o conſervar independente,
Foi para o defender; e hei de entregallo?
Hei de prender-lhe as mãos, para lhe pôrem
Novos grilhões de ſujeição Romana?
Fazer eſcravo, a quem naſceo tão livre?
A noſſa Luſitania he tão Senhora,
Como he a voſſa Roma: Se orgulhoſa
Affecta dictar Leis ao Mundo todo;
Do alto Capitolio, do meu Throno,
Das minhas proprias terras, daqui meſmo,
Poſſo pollir, poſſo dar Leis aos Póvos,
Que me vivem ſujeitos: Não pertendo
Dirigir os alheios: A Juſtiça,
A Verdade, a Razão, a Temperança,
Que fugírão de Roma, aqui ſe adorão.
Em fim Pompeo...

Pompeo.

Ah, eu não ſei, Rainha,
Não ſei, Senhora, ſe affiais a eſpada,
Que vos ha de ferir! Penſais muito alto,
E temo a voſſa proxima ruina:

Os

Os vossos poucos annos, e os conselhos,
Talvez pouco prudentes, dos que vivem
Dentro da vossa Corte, alguns Romanos,
Que escapados da morte, vagabundos,
E vencidos. ...

Sertorio.

Quem são esses vencidos?
Este rosto, Pompeo, sim se tem visto
Na frente dos exercitos contrarios,
De sangue, e pó cuberto muitas vezes;
Porém nunca medroso, nem voltado:
Essas mesmas campinas, que já forão
De agonizantes, e de armados corpos
Semeadas mil vezes, perguntai-lhe.
Que mãos, que ferros as tingio de sangue;
Perguntai-lhe quem foi, que dos Romanos
Tantas almas mandou ao Reino escuro;
Os Pretores, os Consules serião,
A quem eu vi as costas? Com Sertorio
Cuido que não fallais: Os meus soldados,
Sim, os meus Lusitanos, brevemente. ...

Pompeo.

Basta, Sertorio: Sei o vosso esforço:
De todos esses miseros Romanos,
Sei qual fora o Destino; mas, Sertorio,
Vede bem, que he Pompeo, com quem fallastes.
E a vós, Rainha, quero dar-vos tempo
Para pensar melhor: De vans quiméras
Não vos alimenteis: Senhora, vede,
Vede, que o tempo corre. ...

Vi-

Viriacia.

A Viriacia,
He todo o tempo o mesmo: Eu não procuro
Fazer guerra a ninguem; a paz desejo;
Mas huma paz segura, honrada, e livre
Das vergonhosas condições, que Roma
Põe a seus alliados: Renuncío
Privilegios, e titulos pomposos,
Com que a gente insensata engana, e tenta:
Essa doce amizade dos Romanos
Não he mais do que hum ferro, com q̃ imprimem
Na vergonhosa face dos viventes
A marca vil da escravidão infame
Dos pobres alliados: Essa féra,
Esse monstro de Roma, cuja boca
Sempre faminta, sempre ensanguentada,
Quer tragar as Cidades, e os Imperios,
Quando he que ha de fartar-se? Por ventura
Quererá engolir o Mundo inteiro?
Sim; dizei-me, Pompeo, se os Lusitanos
Fossem cercar a vossa illustre Roma;
Matar-lhe as gentes; destruir-lhe os campos;
Pôr-lhe de duras Leís pezado jugo;
Com intestinas barbaras discordias
Envenenar-lhe o Tibre; que dirião?
Que dirião os vossos Senadores,
Padres conscriptos, póvos illustrados,
Que querem ser os sabios do Universo?
Pompeo, reflecti bem, pensai hum pouco:
Lisonjeiros partidos não me tentão:
Protesto conservar livre o meu Reino,

Em

Em quanto tiver vida ; ou ſepultar-me
Com elle juntamente : Em fim , comvoſco
Nem quero a paz , nem me intimida a guerra. (1)

SCENA V.

Pompeo , e Sertorio.

Pompeo.

NAõ ſei, Sertorio , como vós , ſabendo
O vantajoſo , o deſigual partido ,
Que temos contra vós , vedes , ſem mágoa ,
Correr precipitada eſta Rainha
A' ſua perdição ! Contra nós , vede ,
Que já não valem do paſſado engano
As traições , e as induſtrias : Eſſas armas
Já valer vos não podem.

Sertorio.

Nem eu devo
Aproveitar-me dellas : Eſte braço ,
Eſte peito , eſſa gente , aquelle campo ,
A ſimples força , a natural defeza ,
A juſtiça da cauſa , em fim , aquelles
Juſtos Deoſes , ſagrados Protectores ,
Que ſe alimentão da verdade eterna ,
Que vós deſconheceis , ſerão as armas ,
Com que vencer eſpero : Tal foi ſempre
O caracter dos nobres Luſitanos :
Tal he agora o meu : E vós , bem cedo ,
Vós , bem cedo , vereis neſſe theatro
Das tragedias Romanas , ſe he preciſo

Pa-

(1) *Vai-ſe.*

Para Sertorio, o vil eſtratagema
Daquella falſa fé, que n'outro tempo
Já deo (ſe deo) algum triunfo a Roma.
Do voſſo braço, e do meu braço, o Mundo,
(Que o Mundo algumas vezes faz juſtiça)
O poder, e o valor julgará hoje:
Julgará qual de nós merece o nome....
A Deos, Pompeo: No campo nos veremos.

SCENA VI.

Pompeo ſó.

QUe ſoberbo caracter deſtas gentes!
Terriveis, perigoſos inimigos.
Que faça o nome ſó de Roma, ouvido,
Eſtremecer o Mundo, e que não faça
Todo o poder das armas Conſulares
Medo a hum canto da terra, tão pequeno,
Como he a Luſitania! Que os Romanos,
Devaſtando os limites do Univerſo,
Venhão, cheios de barbaros triunfos,
Perder aqui a gloria, que ganhárão
De Africanas, Aſiaticas conquiſtas!
Os mais famoſos Capitães de Roma
Todos aqui perdêrão, (que vergonha!)
Ou a vida, ou o nome. Ainda o Téjo
Corre turvo c'o ſangue derramado
De immenſas vidas, de milhões de corpos.
Porém hoje vereis, ó Luſitanos,
Geração atrevida, que ſó ſabe
Pompeo vingar a Patria: O pouco tempo,

Que pedi á Rainha, foi sómente
Para esperar aqui esta Estrangeira,
Que dizem ser Romana: E de Corrobo,
Principe de Galeces, acceitando
A precisa alliança, espero, espero
Com sua gente forte, dar principio
A' vingança de Roma. Já, Sertorio,
Já, soberbo Sertorio, estás vencido,
Sem que Pompeo desembainhasse a espada.
Sim; para que he manchalla no teu sangue?
Não esperarás tanto: Neste dia
Porás nas minhas mãos, sem resistencia,
Os vencidos troféos: Dos teus soldados,
Inda hoje mesmo, os preparados ferros
Servirão só para cortar os louros,
De que espero coroar esta cabeça.
Basta escutar-se do meu nome o éco,
Basta a minha presença temerosa
Para attrahir, para vencer as armas
Dos teus mesmos amigos. Com que affronta,
Descuberta a cabeça, o pé descalço,
Com os olhos no chão, com vís cadeias,
Entrarás entre os miseros escravos
Pelas portas de Roma! E com que gosto
Olharão para ti esses guerreiros,
De quem triunfaste já! Mas com que mágoa
Os parentes, e amigos! Será esta
A mulher, por que espero? Assim parece.

SCENA VII.

Ariſtia, e Pompeo.

Ariſtia.

A Onde vou? Que empenho ſerá eſte
De me fallar... não ſei, não ſei que ſuſto,
Que goſto, e que temor, ao meſmo tempo
O inquieto eſpirito me agita!
Mas que vejo!

Pompeo.

Ariſtia! Como! Oh Deoſes!

Ariſtia.

Pompeo! Cruel Pompeo, inda tão longe
Me perſegues .... fujamos.

Pompeo.

Chara Eſpoſa,
Socegai-vos, detende-vos hum pouco:
Vós neſte ſitio! Quem vos trouxe a elle?
Peregrina, ſem fauſto, em terra eſtranha,
Eclipſado o explendor d'alta grandeza
Do voſſo naſcimento! Que imprudencia!
A voſſa condição, o voſſo ſexo,
O nome, a Fama, o credito da Patria
Devieis reſpeitar: Que dirá Roma,
Que dirá Luſitania, vendo a Eſpoſa
De Pompeo neſte eſtado!

Ariſtia.

E neſte eſtado,
Que dirá Roma, Luſitania, o Mundo,
Vendo os procedimentos inhumanos,

As

As ſem-razões, a pública injuſtiça,
Que praticou com frivolos pretextos
O Eſpoſo de Ariſtia! Eſſe guerreiro,
Que ſe jacta de Heroe, mais lhe convinha
A Fama de cruel, de Tigre o nome;
Deixai, que de vós fuja...

Pompeo.

Amada Eſpoſa,
Não me fujais: amada Eſpoſa, baſta
A minha confusão para caſtigo;
Para deſculpa a minha mocidade,
Então inadvertida: Eſte conſorcio
A meus loucos deſejos ſe propunha,
Qual ſoberba montanha, que ſe erguêra
Entre mim, e à Fortuna: Mas já agora
Dos meus erros paſſados...

Ariſtia.

Deſſes erros
Offendidos os Ceos, por ſua conta
Corre a juſta vingança: Eu ſou quem tenho
Menos que perdoar-vos: Os Romanos,
Cujas barbaras Leis o permittírão,
Baſta que vos deſculpem: Sim, deixai-me,
Deixai-me ir acabar, onde não haja
Quem ſeja teſtemunha das affrontas,
De que vós me cubriſtes: Vede, vede,
Que inda ſou Ariſtia, e que eſſe tempo,
Que tantas vezes me chamaſtes voſſa,.
Ja ſe acabou: Ah! Não queirais, tyranno,
Segunda vez fazer-me deſgraçada:
Da minha deſventura ſatisfeito

Ficai, que eu vou ſentilla. . . .

Pompeo.

Que tranſporte
Vos perturba, Senhora? Reconheço
Que ſou réo ante vós; mas réo de hum crime,
De que os Patrios coſtumes me livrárão,
Antes de o commetter.

Ariſtia.

E das promeſſas
Daquelle eterno amor, que me juraſtes,
Tambem as Leis vos ſalvárão?

Pompeo.

Senhora;
Não mallogreis o inſtante favoravel,
Que a Sorte nos offrece. Ah! Crede, Eſpoſa,
Se fordes minha, que ſerei ſó voſſo:
Triunfaſtes de mim: fazei agora
Que triunfe comvoſco.

Ariſtia.

E he poſſivel
Que eu me eſqueça, Pompeo, de que me foſtes . . .

Pompeo.

A ſer victorioſo neſte dia,
Vós podeis ajudar-me: Neſte inſtante
Dei a mão a Corrobo, e nos ligámos
Para eſta grande empreza, em que ſeremos
Senhores da Cidade em poucas horas;
E podeis entregar-vos, ſem receio,
A's direcções do Principe Corrobo,
Que vos ha de fallar.

Ariſ-

Ariſtia.

Que novos ſuſtos!

Pompeo.

Senhora, não temais, que o Ceo nos guia!
Oh inſtante feliz! Elle parece
Que deſte dia me duplica as glorias:
A Fortuna com ellas, para ſempre,
Ha de dourar do noſſo amor os laços;
Amavel Ariſtia, a Deos: He força
Que vos perca de viſta eſtes momentos. (1)

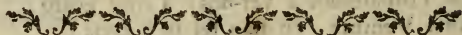
SCENA VIII.

Ariſtia ſó.

A Deos, Pompeo: Sabe a Fortuna, quando
Tornaremos a ver-nos: Tanto goſto,
Tanta Ventura, eu não ſei ſe a creia!
Hum coração ferino, hum Tigre humano,
Inda, inda em Pompeo ſe me figura:
Eſte meſmo Pompeo compadecido,
Não he outro Pompeo; he eſſe meſmo,
Que já me fora ingrato: Sim, quem ſabe
Se ſerão eſtes meus contentamentos
Letras c'o dedo ſobre a agua eſcritas,
Que inda antes de formadas ſe confundem!
Depois de ſer a fabula de Roma,
Inda ſerei da Luſitania o riſco?
Triſte imaginação, não me perturbes
Huma eſperança fragil, que começa
Inda agora a naſcer. Por hum inſtante

Deſ-

(1) *Vai-ſe.*

Deixa-me crer no gosto, que me finge
O meu Pompeo, o meu amado Esposo:
Deixa-me com tão pouco estar contente;
Mas a minha alegria he misturada
Não sei com que tristeza, com que susto!
Meu coração, (qual vaso, que tivera
Amargoso licor por muito tempo,
E que difficilmente se lhe tira
A força ingrata do sabor primeiro)
Perder, perder de todo inda não póde
Dos passados desgostos, que o cercárão,
Que o enchêrão de sustos, as angustias,
As nódoas, e os sinaes: Porém sigamos,
Sigamos a Fortuna: A ti, Fortuna,
A ti, Amor, a ti, Pompeo, me entrego.

ACTO QUARTO

SCENA I.

Sertorio, e *Arcás*.

Sertorio.

NÃo sei, Arcás, que novos sobresaltos
Trago no coração. Esta Rainha
Perturbada, parece que não póde
Acabar de dizer tudo o que sente:
Não sei que temo, Arcás!

Arcás.

Anciosamente
Vigiei este instante, em que pudesse
Comvosco achar-me só, para dizer-vos,
Que hoje Aristia com Pompeo foi vista
Largamente fallar, como em segredo.

Sertorio.

Que dizeis! Aristia, que affectava
Temer a sua vinda ha poucas horas!
Que novos ameaços crescer vejo!
Que triste aspecto as cousas vão tomando!
Que negra tempestade vejo armar-se
Sobre nossas cabeças! Descontentes
O Principe, e Pompeo! Ah tudo excita
Os meus justos receios! Mas ás vezes
Desfazem-se em chuveiros de bonanças
As pezadas carrancas da tormenta.
Confiemos nos Deoses. Mas, Aufido,
Para nós apressado! Que successo
Póde obrigallo a tanto!

SCENA II.

Sertorio, Aufido, e Arcás.

Aufido.

HUma noticia,
Que espalhando se vai de boca em boca
Entre os nossos soldados, me parece
Digna de reflexão: Publicamente
Dizem, que hoje a Rainha rejeitára

A paz em Roma, que Pompeo lhe offrece:
Deveis aconſelhalla, e influir-lhe
Favoraveis tenções a vós, e a ella:
Não chameis a deſgraça, que inda vemos
Tão diſtante de nós: As allianças
Forão ſempre as eſcoras dos Imperios:
Sem ellas, Roma, a meſma grande Roma,
Não chegára a ſer grande. Ah! Não vos cegue
O goſto de mandar!

Sertorio.

Aufido, a gloria,
O valor, a razão, a experiencia,
Por outro modo a diſcorrer me enſinão:
Quem diminue, quem enfraquece os Reinos,
São talvez eſſas meſmas allianças,
Que ou temor, ou a illusão vos pinta:
Se Roma já he grande, nós faremos
Que ella ſeja maior? Eſſa amizade,
Com que ſe ajudão mutuamente os póvos,
Que os contém moderados nos limites
De huma juſta grandeza, he quem ſuſtenta
Huma certa igualdade, que ſe chama
Entre nós equilibrio: Em fim, no Mundo
Todos devem ter parte; e Roma nunca
Diſtingue a vaſſallagem da alliança:
Sempre são ſeus partidos affrontoſos;
Quando já ſente a mão enfraquecida
Com o pezo da eſpada, então co' a outra
Semea ſedições, maneja induſtrias,
Quaes as que vemos hoje: Eſſe ſuſſurro
Hum meio he ſó de enfraquecer as forças

Das

Das tropas Lufitanas : Sim, Aufido,
Para eftas fracas gentes fempre forão
As traições fiadoras das victorias.

Aufido.

Ah eu temo, Sertorio; nefte dia
O Principe Corrobo! Elle convoca
Todos feus Capitães a huma affemblea:
Temo a fua refulta: Os feus foldados,
Separados dos noffos, fórmão corpo,
N'um fitio vantajofo ao noffo campo;
De donde, c'uma vifta ameaçadora,
Medindo eftão qualquer dos movimentos
Que faz a noffa gente: Em fim receio
Que as noffas forças não pofsão
Fazer huma pequena refiftencia,
Quanto mais confeguir huma victoria.

Sertorio.

He Aufido quem falla? Oh Ceos! Que efcuto!
O companheiro, o amigo de Sertorio!
Eu fou, eu fou o Capitão, e o Chefe
Eleito por vós mefmo, por vós mefmo,
Que mandado por mim n'outras emprezas,
Fizeftes já, com defigual partido,
Eftremecer Pompeo, fugir Metelo.
Que vos não bafte, Aufido, as manifeftas
Próvas do meu valor para animar-vos!
E que fobeje fó para temerdes
Hum General de Silla, hum moço incauto,
Qual he Pompeo, qual póde fer Corrobo!
Homens não temem homens; fim: Os Deofes
Só nos são fupriores: Confiemos,

Con-

Confiemos nos Deoses: Se até agora
Nos forão favoraveis, ah! Que insultos,
Que grandes erros, que delictos novos
Podem fazer-nos neste dia indignos
Da protecção Celeste? Vós se acaso
Sentis o vosso espirito gravado
De accusadores, de fiscaes remorsos,
(Sempre do nosso crime indicios certos)
Recorrei logo ás súpplicas ardentes,
A's gratas expiações, que eu vos protesto,
Por estes mesmos Deoses, que este dia
Ha de fazer a Epoca brilhante
Dos tempos de Sertorio: Ha de escrever-se,
(Vós o vereis, ó Seculos futuros)
Para gloria nos Faustos Lusitanos,
Para deshonra nos Annaes de Roma.
Aufido, ter valor: Voltai ao campo:
Ide, esperai, sede huma vez Sertorio;
E em quanto eu busco as Ordens da Rainha,
Fico que executeis as que já tendes.

Aufido.

Estai certo, Senhor, que a obedecer-vos
Parto, em vós, e nos Deoses confiado.

SCENA III.

Sertorio, e Arcás.

Sertorio.

TAõ tristes circumstancias são bastantes
Para abalar o animo mais firme;
A Rainha, sem dúvida, informada

Es-

Eſtá de alguma dellas: Ariſtia .....
Pompeo .... Corrobo .. .. que reſolver póde
Toda a prudencia humana? Não ſuppunha
Que tão perto de nós ſe preparava
O golpe ameaçador; por Viriacia
He que temo ſómente. Ah! Que ella chega!
Deoſes, affugentai deſta Rainha
As deſgraças, que a cércão! Mas finjamos
Mais valor do que temos: A eſperança
He a ultima couſa, que em nós morre.

SCENA IV.

Viriacia, Sertorio, e Arcás.

Sertorio.

CHegou em fim, magnanima Rainha,
O venturoſo inſtante, em que ſeremos
De huma gloria immortal ambos croados:
Eſpera-nos Pompeo, e os noſſos ficão
Promptos para enveſtir; ſó me faltava
Vir á voſſa preſença: Os voſſos olhos,
Os voſſos bellos olhos, são as luzes,
Onde o meu coração ardendo buſca
Purificar-ſe das terrenas manchas
De fraco, e de mortal: Elles me influem
Parte do ſeu eſpirito: Não temo,
Por vós o juro, ſe de tal ſou digno)
Não temo a guerra, não me aſſuſta a morte:
Para vencello ſó baſta lembrar-me,
Que contendo por vós: Em voſſo nome,
Que invocarei mil vezes nos aſſaltos,

To-

Tomarei novo esforço: Em fim, Senhora,
Neste momento, de que pende a gloria
De toda a Lusitania, á vossa graça
He o unico auxilio, que procuro;
He o unico Templo, que visito.

Viriacia.

Virtuoso Sertorio, o vosso esforço,
As vossas expressões, o vosso zelo,
As cousas grandes, que a vossa alma enserra,
Em fim, hum não sei que, que em vós descubro,
Que vos põe muito além da esfera humana,
Digno vos faz da doce recompensa,
Que hum Heroe, como vós, que ama a virtude,
Póde esperar de huma mulher Rainha.

Sertorio.

Sertorio nada espera; e se esperára,
Só fora amar-vos mais, se mais pudesse:
Não amo a guerra pelas consequencias
De importantes despojos, amo a guerra
Sómente, porque he guerra, porque he justa,
Porque vós a fazeis, e mais que tudo,
Pelos altos estimulos da gloria
De offrecer hoje aos vossos pés triunfantes
Rotas bandeiras, destroçadas lanças:
Aquelle mesmo reverente affecto,
Que tantas vezes me obrigára a ver-vos,
He neste instante, (que custoso instante!)
Que a deixar-vos me obriga: A Deos, Senhora....
Em fim, a Deos, Rainha.... a Deos.

Viriacia.

Sertorio?

Ser-

Sertorio.

Senhora!

Viriacia.

Oh juſtos Ceos! Como he poſſivel
Que vos veja partir, e que não poſſa
Tambem acompanhar-vos! Permitti-me
Que morra junto a vós, que ao voſſo lado
Vos ſuſtente o broquel, miniſtre as lanças:
Outras vezes, ſe acaſo no combate
Ameaçado vos vir de mão traidora,
Ou correrei a receber-lhe o golpe,
Ou vos darei ſinal, ſoltando hum grito:
Não he deſconfiar do voſſo esforço,
He dar-vos huma prova do meu zelo;
Eu quero acompanhar-vos reſoluta.

Sertorio.

Socegai-vos, Senhora, a minha vida
Não vale tanto, que nos cuſte a voſſa:
Por mim, por vós, por ella aos Deoſes juro,
De vos deixar vingada; mas, Senhora,
O tempo corre, permitti que parta:
Crede, ó Rainha, que vos levo n'alma,
Onde reinareis ſempre: Não ſe eſtendem
A tanto os vís Imperios da Fortuna,
Que lá vos fação guerra: Mas a guerra
Torna a chamar-me: He tempo. A Deos, Senhora.

Viriacia.

Mas, Senhor, eſperai... Em fim, Sertorio,
Eu fico, e vós partis? Deoſes, que pena!
Que extremo de impaciencia! Ah! Que eu não poſſo
Viver ſem vós, nem acabar comvoſco!

Ser-

Sertorio.

Já me falta o eſpirito. Senhora,
Olhai que nos perdemos: Permitti-me ....
A Deos, Senhora: Crede que vos amo.

Viriacia.

Poſſo morrer no voſſo amor ſegura?
Amais quanto dizeis?

Sertorio.

Vós me abonaſtes
Ha bem poucos inſtantes: Como poſſo
Deixar de vos amar, ſe amo a virtude!

SCENA V.

Curio com os precedentes.

Curio.

APreſſai-vos, Senhor, que os inimigos
Já para eſta Cidade ſe encaminhão:
Vede, vede, que he tempo ....

Sertorio.

Sim: He tempo:
E aonde ficão de Corrobo as tropas?

Curio.

Marchão com paſſo vivo as de Pompeo;
Mas ainda em diſtancia conſideravel,
Não ſe diſtingue bem ſe as de Corrobo
Virão incorporadas: Entre nuvens
Do cego pó, que os eſquadrões levantão,
Entre o tropel de Numidas cavallos,
Gemendo vem as gravidas carretas
C'os petrechos de guerra: Mais ao longe

Va-

Vagarofo, pezados Elefantes,
Formidaveis á vifta, me parecem
Montanhas, que fe movem: Treme a terra
Com tanto pezo: As inquietas lanças
Dos errantes foldados, reprefentáo
Qual da ondofa grandiffima feára
As fluctuantes, aridas efpigas,
Açoutadas do vento: Os noffos ficáo
Medrofos, náo de todo, mas turbados:
Importa muito que volteis ao campo
A animar noffa gente.

Sertorio.

Sim: Eu parto,
Eu corro a foccorrellos, e a vingar-vos:
Invencivel Rainha, de Corrobo
Náo temais as traições: Vivei fegura;
O coração náo mente: Os grandes Deofes
Náo enganáo os homens: Tudo, tudo
A mais certa victoria nos promette:
A voz do Ceo efcuto; elle me falla:
O meu rival, o perfido Corrobo,
Hoje mefmo, hoje mefmo, atado ao carro,
Servirá de troféo á voffa gloria:
He precifo partir.

Viriacia.

Partis, Sertorio?

Sertorio.

Fico comvofco, levo-vos comigo. (1)

SCE-

(1) *Vai-fe.*

SCENA VI.

Viriacia, e Curio.

Viriacia.

AH querido Sertorio! Quanto temo
Teu incerto Deſtino! Eſta Eſtrangeira,
Tu me diſſeſte, Curio, que fallára
Com Pompeo em ſegredo ha poucas horas.

Curio.

Nada diſtintamente eſcutar pude;
Mas nos alegres roſtos ſe lhes lia
Hum interno alvoroço, huma eſperança
De exito venturoſo no ſucceſſo,
Que acautelados entre ſi tratárão:
Ficou depois hum pouco penſativa;
E fazendo obſervar-lhe os movimentos,
Sei, que, antes de ſahir deſta Cidade,
Fallára com o Principe Corrobo;
E que vão para o quarto de Ariſtia
Gentes deſconhecidas concorrendo:
Da facção de Corrobo ſe preſumem.

Viriacia.

Com Pompeo Ariſtia! E vacillante
O Principe Corrobo! De Sertorio,
O zelo que fará? O que o esforço?
O que huma Rainha, rodeada
De traições infieis, de vís enganos
Urdidos pelas mãos diſſimuladas
De inimigos domeſticos? Injuſto,
Orgulhoſo Pompeo, mulher infame,

Cor-

Corruptos Capitães, armas indignas,
Armas só feitas para as mãos daquelles
Inimigos da honra, e da verdade,
A quem o justo Ceo fecha os ouvidos,
A quem não vale a protecção dos Deoses.

SCENA VII.

Elmira, e os preeedentes.

Elmira.

AH Senhora! Perdidos somos todos!
Huma tropa infiel de homens armados
Sahio com Aristia do seu quarto:
Tumultuariamente correm todos:
He tudo confusão, desordem tudo:
Impossivel parece a resistencia,
Quanto mais a victoria: Oh Ceos! Fujamos,
Procuremos salvar-nos! De Corrobo
Outro corpo de tropas ás muralhas
Dizem que se avizinha.

Viriacia.

Ide, apressai-vos, (1)
Convocai, em meu nome, toda a gente
Capaz de tomar armas; toda, toda
De ambos os sexos, de ambas as idades:
Se houver algum tão vil, que vacillante
No sacrosancto amor, que á Patria deve,
Duvide froxo, irresoluto fique,
Fazei o que eu fizera: A vossa espada
Com elle augmente o número dos mortos:

(1) *Para Curio.*

Ide, em quanto eu não vou, c'o meu exemplo,
Com a minha vida, c' o meu ſangue todo,
Encher de inveja a Fama, a Patria de honra,
Roma de confusão, de gloria o Mundo.

Curio.

A executar as voſſas Ordens parto.
Encommendai aos Deoſes o ſucceſſo.

SCENA VIII.

Viriacia, e Elmira.

Viriaeia.

PAra iſto, Fortuna mentiroſa,
Para iſto he que fui... oh Patria! Oh Deoſes!
Oh Lacobriga! Oh ſombra generoſa
Do grande Viriato! Vedes, vedes
A voſſa ſoberana, a voſſa filha
Cercada deſſes meſmos deshumanos,
Que o jugo vos puzerão, que tirárão
A vida ao defenſor, que peleijára
Só pela voſſa honra, e não vos move
O eſtado, em que eſtou? Pois vinde, vinde
O' aſſaſſinos de meu Pai, tirai-me
C'o a meſma eſpada a vergonhoſa vida,
Ainda mais cruel, que a meſma morte:
Mas primeiro eſtas torres, eſtes muros,
Eſtes ſagrados Templos, eſtas meſmas
Paredes de Palacio, reduzidas
A cinzas ſe verão; e as meſmas cinzas,
Que reſtarem do eſtrago, aos Deoſes juro
Defender, até dar o ultimo alento:

Que

Que ás vezes o temor faz valerosos:
Faz a consternação desesperados.

ACTO QUINTO

SCENA I.

Aristia preza conduzida por Guardas.

Aristia.

ONde estou! Que fiz eu! Injustos Deoses!
Que horror! Que susto o coração me agita!
Sonhadas alegrias, vans promessas,
Crédulas esperanças, já de todo
D'ante meus tristes olhos me fugistes:
Para elles não ha mais do que as sombras
Dos infames delictos, que me accusão:
Indignos são de ver os resplandores
Do luminoso dia; nem me atrevo
A ergue'llos para o Ceo de envergonhada.
Que facil fui! Que deshumano has sido,
Imprudente Pompeo! Estas cadeias
São os dourados, venturosos laços,
Com que havia de unir-nos para sempre
A Fortuna, e Amor? Tu me lançaste
Nesse profundo abysmo de miserias:
Tu as cruentas Aras erigiste:
Tu me trouxeste ao sacrificio infame
De huma perpétua injúria: Sim: Tu mesmo,

Tu me fizeste Authora de huma culpa,
Que, ainda perdoada, não se extingue
Na memoria das gentes.

SCENA II.

Aristia, Viriacia, e Elmira.

Viriacia.

DIzei-me, que motivo....

Aristia.

Amargo lance!
Senhora, a negra mão de antigos Fados,
Que sempre como sombra me acompanhão,
Os olhos me fechou, guiou meus passos
Ao fatal precipicio, em que me vedes
De todo despenhada: Eu sou a triste
Esposa de Pompeo, (que nunca o fora!)
Entrei na vossa Corte perseguida;
Porém não aleivosa: Mas, Rainha,
Pompeo.... o amor....

Viriacia.

Já sei: Fez-vos traidora:
Ereis Romana, havieis ser ingrata:
Que Leis sagradas, que civis costumes,
Que honrados sentimentos influírão
Na vossa educação! He deste modo,
He deste modo, que a polida Roma
Nutre a sua grandeza! He este o premio
Do brando acolhimento, que encontrastes
Nas minhas terras? Do benigno hospicio,
Que Sertorio vos deo, o premio he este?

Lê-

Levai-a; e preza fique, até que ordene
Qual seja o seu castigo.

Aristia.

Basta, basta
Para castigo a minha desventura,
A minha confusão, a minha affronta:
Eu quero ser, grande Rainha, eu quero
Ser a mais empenhada medianeira
Entre vós, e Pompeo: Vede, Senhora;
Que ainda póde ser ....

Viriacia.

Bem vos entendo:
Tomai bem as medidas aos projectos,
Que vos propõe a vossa temeraria,
Orgulhosa esperança: Por ventura
Esperais ver Pompeo victorioso
De mim, e de Sertorio? E que imploremos
A vossa protecção? Se a minha Sorte ....
Mas inda não he tempo: Retirai-vos.

Aristia.

Que confusão! Oh Deoses! Acabai-me! (1)

SCENA III.

Viriacia, e Elmira.

Viriacia.

JÁ os Deoses piedosos principião
A ouvir nossos rogos: Já começo
A ver alguns principios de triunfo:
Bastou minha presença na Cidade,

Pa-

(1) *Vai-se.*

Para pôr em focego aos habitantes:
Defamparando as cafas, perturbados
Fugião, fem faber onde fugião?
As temerofas Mãis, os tenros filhos
Apertando nos braços, levantavão
Por toda a parte inconfolavel pranto:
A tropa, que as muralhas guarnecia,
Pofto que forte, e bem difciplinada;
Não efperando a fubita violencia
Do inteftino affalto, peleijava
Contente de morrer; pois da victoria
Defconfiavão todos: Chego; e á vifta
Da confternada gente, fopezando
A lança, que levava, me convido
Para fer a primeira, que atacaffe
Os infolentes, perfidos authores
Da infame fedição: Todos recobrão
O perdido valor: Sem confentirem
Que eu os acompanhaffe, arremettêrão
A' gente de Corrobo, que forçava
A porta principal: Em fim ganhámos
O pofto, que perdemos: Ariftia,
Effa indigna mulher, no meio delles
Os animava com razões forjadas
Nas barbaras politicas de Roma:
Mas eu eftou contente! Juftos Deofes!
Qual ferá o Deftino de Sertorio?
Ah que fe elle não entra em Lacobriga,
Hoje mefmo triunfante, de que fervem
Todas eftas victorias!

El-

Elmira.

Da Fortuna
Porque desconfiais, quando vos mostra
Táo risonho semblante?

Viriacia.

Ah minha Elmira!
Quem crê nos falsos risos da Fortuna,
Não a conhec bem. Mas Curio chega.

SCENA III.

Viriacia, Curio, e Elmira.

Viriacia.

QUe noticia nos dais do nosso campo?
Pudestes das muralhas observallo?
Distribuistes, Curio, as minhas ordens
Como eu vo-las passei? Como encontrastes
O animo dos nossos? Ficáo todos
Promptos, e firmes para a nova empreza!

Curio.

Senhora, a inexpugnavel Lacobriga
Gozando fica de huma paz serena:
Os seus alvoroçados habitantes
Subidos nas muralhas, não se fartáo
De dar graças aos Deoses; repetindo,
De quando em quando, entre festivos écos,
O vosso grande, e respeitavel nome:
Juráo todos por elle, ao vosso lado,
Perder antes a vida, do que a gloria
De acabarem comvosco: Mas do campo
Nada póde saber-se: Só se observa

Ao

Ao longe o vulto de hum guerreiro armado,
Que tão rapidamente se encaminha
Para esta Cidade, que parece
Que o chão não trilha, que não rompe os ares.

Viriacia.

Não posso? He tempo de quebrar de todo
A rédea ao soffrimento: De Sertorio
Eu mesmo irei saber, qual o Destino,
Qual a Sorte tem sido: Hum só instante
Sobreviver não quero á sua perda:
Vou perder-me com elle: Sim; no meio
Das inimigas lanças, juro aos Deoses ....
Porém Arcás cheio de sangue, e pó cuberto!
Esperemos: Primeiro quero ouvillo.

Arcás.

Venturosa, e magnanima Rainha,
Somos felices, somos vencedores,
Fugio, fugio Pompeo; triunfou Sertorio:
Elle por mim vos manda esta noticia,
Em quanto a vossos pés não vem trazer-vos
Os vencidos despojos da batalha.

Viriacia.

Que gosto! Que interior contentamento!
Ah meu Arcás! Tanta ventura he certa?
Ah! Dize-me, e Sertorio, o meu Sertorio,
Inda tardará muito? Vem ferido?

Arcás.

O sangue todo, que lhe tinge as armas,
He dos seus inimigos: Tão illeso
Volta, como partíra: Chega ao campo;
E c'os olhos correndo as nossas tropas,

As

As obſervou tão froxas, que parece
Que já hião vencidas: De Corrobo
As aleivoſas gentes ſe puzerão
A favor de Pompeo, e parte dellas
Para eſta Cidade ſe apreſsárão:
Sertorio ſe perturba; e não podendo
Voltar a ſoccorrer-vos, porque eſtava
Em acção de inveſtir contra os Romanos,
Que vinhão procurallo, vendo quaſi
Deſanimados já os ſeus, e os noſſos,
Os Capitães do exercito convoca
Para a frente das tropas; e ſubido
N'um lugar alto, a todos dominante
De huma voz, que as entranhas penetrára
Do ſurdo abyſmo, em que Plutão ſe encerra,
Soltou eſtas palavras temeroſas,
Que a ira lhe enſinou mais que a eloquencia:
Amados Luſitanos, companheiros,
Mais do que ſubalternos de Sertorio,
Que ira dos Ceos, que vil deſconfiança
Vos ata as mãos? As mãos, que n'outro tempo
Tão famoſos triunfos recolhérão,
Tantos, tantos Romanos maneatárão;
Tanto ſangue eſparzírão; tantas vezes
Se erguérão para os Idolos devotos
A dar-lhes graças nos piedoſos Templos,
Cujas paredes inda eſtão cubertas
De pendentes deſpojos! Neſtes valles
Inda ao longe parece que ſe eſcutão
Os laſtimoſos, ultimos gemidos
Das miſeras donzellas, que eſpirárão

Abra-

Abraçada co' a terra ás mãos infames
Dos ſoldados de Galba: O' gente forte,
Que eſperais? Qué temeis? Hum alliado,
Que havia ſer traidor, já era indigno
De ſer noſſo alliado: Que perdemos?
Que nos levou? Tirou-nos a juſtiça?
Das mãos a eſpada? Os corações do peito?
A protecção dos Deoſes? A Fortuna?
Tudo temos ainda: ainda ſomos
Os meſmos que até agora: Eu reconheço
O perigo, em que eſtamos; mas ſe he grande,
Maior ſerá a gloria, que reſulta
De morrer pelejando, que fugindo,
Haveis de abandonar, (ſuſpirando
Diſſe:) *A voſſa Rainha, a noſſa amavel,*
Antiga protectora? Ao meſmo tempo,
Com o braço eſtendido, nos amoſtra
As tropas dos Romanos, que já vinhão
Muito perto de nós; e continúa;
Eſperais que eſtes barbaros Romanos
Nos venhão deſarmar? Tirar as vidas,
Como a manſos cordeiros? Que vergonha!
Vamos, vamos morrer. Para inveſtillos
Deo ſinal a trombeta Luſitana:
Avanção todos; cada hum dos noſſos
Hum Sertorio parece: Ferem, matão,
Vencem, triunfão; finalmente, cantão
A victoria maior, de que tem ſido
De Lacobriga os montes teſtemunhas:
Por elles vai fugindo envergonhado
Pompeo, e alguns dos ſeus, que mal pudérão
Eſ-

Eſcapar a Sertorio : Elle não póde
Tardar muitos inſtantes; pois voltava
Para eſta Cidade, receando
Os inſultos das armas de Corrobo,
Que virá para ella encaminhar-ſe.

Viriacia.

Ah meu Arcás! Que juſtos são os Deoſes!
O' Razão, ó Juſtiça, ó Innocencia,
Filhas do Ceo, authoras da victoria,
As mais ſeguras, invenciveis armas,
Com que os Reinos pelejão; alliados,
Que nunca ſe corrompem; alicerces,
Que nunca dão de ſi: Em vós ſe fundão
Todas as minhas forças: Já de todo
As traições, e os enganos ſe acabárão!
Já para o negro Tartaro deſcêrão
As vingativas Furias! Vamos, vamos
O Templo viſitar. Mas vem Sertorio!

SCENA V.

Sertorio, Viriacia, e os precedentes.

Viriacia.

PErmitte o Ceo em fim, que torne a ver-vos,
E a ver-vos vencedor! Eſtimo em menos
Todos os intereſſes da victoria,
Do que a reputação do voſſo nome,
E a voſſa amavel vida; pois ſem ella
Hum ſó inſtante a minha não durará.

Sertorio.

Pela voſſa, ó Rainha, he que o meu zelo
Trá-

Trabalhou, e venceo tantos perigos:
Elles foráo os creditos, os louros,
A gloria, a Fama, a honra, que podia
Efperar quem náo tinha outra efperança,
Do que ver-vos vingada, e do que ver-vos.
Os Deofes me livrárão.

Viriacia.

Mas dizei-me,
Quem são os prizioneiros? De Corrobo
Como foi o Deftino?

Sertorio.

Foi, Senhora,
Qual efperar-fe de hum traidor podia:
Igualou na balança a Sorte, e a culpa.
Já fabeis por Areás, que efte tyranno
Se feparou dos mais, vindo atacar-vos
C'uma parte dos feus, fem que eu pudeffe
Embaraçar-lhe o paffo; mas vencidos
Os perfidos Romanos, tendo a gloria
De ver fugir Pompeo desbaratado,
Voltando a foccorrer-vos, no caminho
Encontro o vil Corrobo, que fugia
Tambem defta Cidade: Em fim de medo
Elle, e os feus perturbados não pudérão
Fugir de todo ao impeto dos noffos,
Que entre colera, e gofto, com que vinhão
Da paffada victoria, os atacárão
Quafi fem refiftencia: Huns arrojárão
As armas fobre a terra, outros as armas
Deixão cahir das mãos, pedindo a vida;
Todos em fim fe rendem, fó Corrobo,

Não

Não querendo viver, desesperado
Intenta antes matar-se, que render-se:
Os nossos lho embaração, e eu lhe mando
Logo prender as mãos, tirar a espada:
Prizioneiro o conduzo, e prezo fica
C'os infelices socios, que tiverão
A mesma Sorte: Finalmente, delles
O vosso arbitrio decidir só póde;
E na vossa presença, neste instante
Serão julgados todos: Só esperão
Que mandeis, que appareção.

Viriacia.

Sim, que venhão;
E tambem Aristia. (1)

SCENA VI.

Corrobo com ferros, varios Capitães, com os precedentes.

Corrobo.

AH! Que até foge
De mim a mesma morte! Amigas Parcas,
Que tantas almas a Plutão levastes
Dos companheiros meus, tanto vos péza,
Tanto vos péza a minha? E tu, Sertorio,
Tanto nella te vai? As mãos me solta;
Com ellas mesmas eu verei se posso
Quebrar o negro fio, que sustenta
Huma vida tão triste: Acaba, acaba

De

(1) *Senta-se.*

De triunfar de mim, como triunfaste
Do duro coração dessa Rainha,
Que eu não pude abrandar; que não pudérão
Meus suspiros, e lagrimas movello:
Faze-lhe o gosto, tira-me do Mundo,
Em cuja face apparecer não deve
Hum monstro aos mesmos monstros odioso,
Que infecta com seu halito maligno
O ar da Lusitania, a terra toda,
O mar, e o Ceo; até ao mesmo Inferno
Será minha presença pavorosa
Hum tormento de mais aos condemnados;
Mas he Corrobo tal, que não mereee
Ainda a mesma cólera dos Deoscs:
Não tem Jupiter raios; não tem penas
O inexoravel Minos, que se possão
Medir co' minhas culpas: Oh se houvesse!
Oh se houvesse hum lugar fóra do Mundo,
Aonde respirasse, onde não visse
Mais do que! ... O espirito me falta,
Acaba-me, Sertorio.

Sertorio.

Não, Corrobo;
Desgraçado Corrobo, a minha espada
Não se fez para barbaro cutélo
De victimas humanas, que não podem
Empunhar outra espada.

SCE-

SCENA VII.

Ariſtia, e os preeedcntes.

Ariſtia.

A Cada inſtante
Bebendo eſtou mil mortes! Oh que lento,
Vergonhoſo ſupplicio! Sem deſculpa,
Sem amigos, ſem Patria, ſem Eſpoſo,
Na terrivel preſença da Rainha,
Que novamenre me encherá de injurias!
Companheira do crime de Corrobo!
Ah Fortuna! Ah Pompeo!

Sertorio.

Como he poſſivel
Que Ariſtia tambem contra nós foſſe!

Viriacia.

Tu, Ariſtia, obſerva quão differentes
São noſſos corações: O teu reſpira
Huma injuſta vingança; e o meu perdoa
Huma infame traição.

Ariſtia.

Do meu Deſtino
Tu es hoje a Senhora: Faze agora
De mim o que quizeres; pois he tua
A brilhante Fortuna deſte dia.

Viriacia.

Não he o meu triunfo o que o faz grande,
Sim a minha piedade unicamente:
Para vos perdoar he que o eſtimo:

Não

Não me quero vingar: Para vingança
Basta poder tomalla: Eu vos perdoo.

Sertorio.

Oh esforço! Oh virtude do Heroismo!

Aristia.

Oh famosa Rainha, digno sangue
Do grande Viriato! Serás sempre,
Onde quer que a Fortuna me acompanhe,
Dos meus louvores o mais alto assumpto;
Nascida para exemplo dos que mandão
Sobre a caduca terra: Rodeado
De tão nobres virtudes, o teu Throno
Dure, em quanto no Mundo houver vassallos;
Pois só tu, tu só es entre os humanos
Alma Real, digníssima de Imperios.

Corrobo.

Que horror! Que pejo dentro d'alma encerro!
N'um mar de indignação fluctua, e bate
O afflicto coração! Em vez de sangue,
Mortal veneno as veias me circúla.
Já deste corpo o espirito raivoso
Quer sahir, e não póde: Já me falta
A luz, a força, o soffrimento; tudo
Me vai desamparando: Já não ....
Sobrevier não posso á minha affronta.
Sim, até Aristia testemunha ....
Quando espero morrer, se hoje não morro!

Viriacia.

Vivei, vivei, Corrobo, que o castigo
Tereis na propria infamia: Dai-lhe as armas;
Soltai, soltai-lhe as mãos: abri-lhe as portas:
Ide

Ide bater ás da ſoberba Roma,
A recolher em ſi acoſtumada
A traição, e a perfidia: Sim; dizei-lhe,
Que nós os Luſitanos não ſabemos
Abuſar da deſgraça dos vencidos:
Que aprendão deſte exemplo a ſer com elles
Mais fieis, mais polidos, mais humanos.

Corrobo tomando a eſpada.

Sim; he tempo. Rainha deshumana,
Venturoſo Sertorio, vede, vede
Da ſolta liberdade, que me déſtes,
O uſo, que hoje faço: Acaba, morre,
Morre, infeliz Corrobo. Viriacia;
Já que não pude.... a Deos, n'alma te levo. (1)

Viriacia.

Oh Ceos! Oh Ceos! Que barbara vingança!
Que impiedade! Tirai d'ante meus olhos
Tão triſte objecto.

Sertorio.

Vil procedimento.

Viriacia.

Vamos, Sertorio, argadecer aos Deoſes
Tão grandes, favoraveis beneficios;
Ante cujos Altares coroados
De ſacroſanctos louros, ficaremos
Por Hymineo ligados para ſempre.

(1) *Mata-ſe.*

MISCELLANEAS
DE
JOÃO XAVIER DE MATOS.

MOTE.

Quanto importa, e quanto val
Para o mal, e para o bem,
Quem de ſeu hum caſal tem,
Que viva no ſeu caſal.

GLOZA DO A.

FAbio, que foi Cortezão,
Remediado, e valído,
Quanto dera de haver ſido
Antes hum pobre Aldeão!
Sim teve da ſua mão
Pendente o arbitrio Real:
Foi groſſo o ſeu cabedal:
Pôde o que quiz ſem demora;
Mas pergunte-ſe-lhe agora
Quanto importa, e quanto val.

Que importa o ter governado
Com ordens viſtas, e occultas?
Se hoje as que propõe conſultas
São de tão miſero eſtado:
Antes que o Sceptro, o Cajado,
Servíra como convem:
Nas Cortes não vive alguem
Seguro a bem, nem a mal:
Nõ campo ſerve hum caſal
Para o mal, e para o bem.

Não he melhor ter o amanho
Da lavoura, inda que pobre,
Que vir a parar hum Nobre
N'um deſamparo tamanho?
Ter de ovelhas hum rebanho,
Que as pelles, e o leite dem?
Não ha mais ſeguro bem:
Pois quanto ao diſcurſo meu,
Não ſabe o que tem de ſeu,
Quem de ſeu hum caſal tem.

Eſtas couſas são tamanhas,
Medidas pela razão,
Que a ſua ponderação
Tem povoado as montanhas:
Mas ſe acaſo são eſtranhas
A'quelle, que em caſo tal
Se não vio, fugindo ao mal,
Eu lhe recommendo aqui,
(Porque viva para ſi)
Que viva no ſeu caſal.

MO-

MOTE

Tão coſtumado a deſgraças
Eſtou vivendo em meus males;
Que mais me aſſuſtão os goſtos,
Que me atormentão pezares.

GLOZA DO A:

CRuel Fortuna, ergue a mão,
Fere, mata-me a teu goſto,
Que não ſe me enfia o roſto,
Nem me bate o coração:
Vejo o raio, ouço o trovão,
Sem que eſtremecer me faças:
Em vão, em vão novas traças
De aſſuſtar buſcando vens
A hum triſte, que tu já tens
Tão coſtumado a deſgraças.

Póde hum goſto acabar
A quem feliz ſe preſume;
Mas a hum triſte por coſtume;
Só póde hum goſto matar:
Podes, por me atormentar,
Empenhar tudo que vales;
Que não he crivel que abales
A conſtancia deſte peito,
Com que já tão ſatisfeito
Eſtou vivendo em meus males.

Já com animo sereno
Vejo o teu gesto medonho:
Sem termer-me a mão, já ponho
A' boca o cruel veneno:
Peno, sem saber que peno,
No meio dos meus desgostos;
Mas se assim os tens dispostos,
Porque algum delles me acabe
De susto; enganas-te, e sabe,
Que mais me assustão os gostos.

Quando nelles imagino,
Que só assim posso tellos,
Só em cuidar que hei de vellos,
Falta-me a luz, perco o tino:
Muda, muda o teu Destino,
Que para me atormentares,
São estes mais singulares,
E fica desenganada,
Fortuna, do pouco, ou nada,
Que me atormentão pezares.

MO-

MOTE

No Templo do Deos Cupido,
Com inceſſante porfia,
Em ſeus profanos Altares
Todo o mortal ſacrifica.

GLOZA DO A.

MArcia, eſſes factos, que eſtão
Pintados de Amor no Templo,
Se eu pudera, para exemplo
Riſcára co' a propria mão:
Em lugar delles então,
Para mais honra de Gnido,
Tenho huma eſtatua erigido
A' tua belleza rara,
Só fora a que collocára
No Templo do Deos Cupido.

Alli de nenhuma ſorte
A louca Venus pintára;
Nem a hiſtoria recordára
Deſſe adultero Mavorte;
De Dido a barbara morte,
De Eneas a tyrannia,
E o mais que o pincel fingia,
Sem naſcer de amor ſizudo,
Por iſſo reprovo tudo
Com inceſſante porfia.

Sem recorrer a ficções,
Menos a historias incertas,
Pintára puras offertas
De mais limpos corações:
O meu livre dàs paixões
De efpiritos populáres,
Do Templo em Santos Lugares
Ardêra, que fora horror
Queimar tão cafto penhor
Em feus profanos Altares.

Aos pés da tua figura
Fora o meu Altar mais certo,
Por ir ahi de mais perto
Contemplar-te a formofura:
Altar de nova eftructura,
Que a mais déftra mão fabríca,
E de materia tão rica,
Qual ao culto correfponde;
Que eu não facrifico, aonde
Todo o mortal facrifica.

MOTE

Da eſcravidão do Deos cégo
Já livre os grilhões penduro:
Oh quem mais cedo pudera
Deſatar o laço duro!

GLOZA DO A.

EM fim já de Amor iſenta
Tenho a doce liberdade;
E quero em tranquillidade
Ouvir de longe a tormenta;
Já agora de balde intenta
Captivar-me de outro emprego;
Pois não arriſca o ſocego,
Que tantos ais lhe cuſtou,
Quem huma vez eſcapou
Da eſcravidão do Deos cégo.

Eſſes ferros, que arraſtei
Já hoje ſem prejuizo,
Tantas vezes quebro, e pizo,
Quantas por goſto os beijei:
Deſpedaçados irei
Levallos ao mais ſeguro
Lugar, porque o ſanto, e puro
Deſengano para exemplo
Conheça, que no ſeu Templo
Já livre os grilhões penduro.

Alli

Allí deixo ao Passageiro
Pendente o fátal despojo,
Porque enfreie o cégo arrojo
De ser como eu prizioneiro:
E este aviso derradeiro
Dar-lhe mais cedo quizera,
Porque ha mais tempo vivêra
Livre do amoroso enredo;
Porém não pude mais cedo:
Oh quem mais cedo pudera!

O jugo de Amor tyranno
Já sacudi, já lá vai,
Sempre assim me conservai
Santo felíz desengano:
Em fim saiba esse inhumano,
Que escarneço, que murmuro
De seu poder mal seguro;
E que póde huma alma forte
De Amor, a pezar da Sorte,
Desatar o lazo duro.

MO-

MOTE

Amor anda pelo tino,
Que he cégo, não traz bordão:
Quem tiver bom coração,
Accommode este menino.

GLOZA DO A.

AMor ao Mundo sahio
Vendo bem, e assim viveo,
Até que lhe aconteceo
Cegar depois que te vio:
Desesperado partio,
E fez-se então mais malino;
Em fim todo o seu destino
He tomar de ti vingança:
E só por ver se te alcança,
Amor anda pelo tino.

Mil settas do arco sacode,
Lá vão mil almas render;
E tudo só para ver
Se comtigo acertar póde:
Suspira; e se alguem lhe acode,
Se acaso te deo, então
Pergunta, e ouvindo que não,
Pede que onde estás o leve;
Que ir sózinho não se atreve,
Que he cégo, não traz bordão.

Aſſim vai matando a gente:
Olha que encargos, tyranna,
Es a culpada, e inda uſana
Vês morrer tanto innocente?
Ah! Que huma alma delinquente
Náo eſtá ſegura, náo;
E elle tem tanta razáo,
Que do mal, que te fizer,
Até ſentirá prazer
Quem tiver bom coraçáo.

Porque o cegaſte, náo creas
Que já náo póde forjar
Settas para te atirar,
Para te prender cadêas.
Póde com outras idéas
Vingar o teu deſatino;
E póde haver táo malino,
Táo forte, e deſtro ſujeito,
Que á força, dentro em teu peito,
Accommode eſte menino.

MO-

MOTE

Bem póde o Tempo tirar
O tempo de te não ver,
Que o tempo de te querer
Não póde o Tempo tirar.

GLOZA DO A.

Tire o Tempo, ſempre oppoſto
A's humanas pertenções,
A gloria a mil corações,
Martyres do ſeu proprio goſto:
Da Ventura, em que os tem poſto,
Faça o gyro deſandar;
Mude-os do eſtado, e lugar,
Uſando as acções mais cruas;
Que eſtas couſas, pois são ſuas,
Bem póde o Tempo tirar.

Mas neſta alma, que te adora,
Onde meu Bem ſempre eſtás,
Nenhuma ruina faz
Do Tempo a mão gaſtadora:
Se não poſſo a toda a hora
Preſente eſſes olhos ter,
Nem por iſſo has de temer
Que poſſa o Tempo triunfar;
Pois levo em te contemplar
O tempo de te não ver.

To-

Todo eſte tempo aproveito,
Por mais que o Tempo reſiſta;
Pois ſe te perco de viſta,
Logo te encontro no peito:
Nelle, a pezar de hum effeito,
Que ſinto, e não ſei dizer,
Sempre dominio has de ter,
Que não acha o meu cuidado,
Tempo mais bem empregado,
Que o tempo de te querer.

O Tempo, a Fortuna, a Morte,
Tyrannos contrarios são;
Porém não os teme, não,
Amor, que Amor he mais forte:
Contra Amor, o Tempo, e a Sorte
Póde o braço levantar;
Mas nunca d' alma arrancar
Paixão, que della naſceo;
Que o que Fortuna não deo,
Não pode o Tempo tirar.

MOTE

Todo este monte não tem,
Como Anfrizo, outro Pastor;
Nem que tenha tanto amor,
Nem que saiba amar tão bem.

GLOZA DO A.

Ah Michalia, que desprezes
O pobre Pastor Anfrizo!
Por não ter, como tem Nizo,
Largas terras, gordas rezes!
He desgraça, que mil vezes
Todos lamentar-me vem:
Desgraçado Anfrizo, a quem
Tão pouco o Ceo concedeo;
Que só para o dar, de seu
Todo este monte não tem.

Mas troca, Michalia ingrata,
De Amor os bens verdadeiros
Por lavouras, e carneiros,
Bens, que o Tempo disbarata:
Embora a Anfrizo maltrata:
Trata a Nizo com favor:
Como Nizo outro Senhor
De gados podes achar;
Mas nunca para te amar,
Como Anfrizo, outro Pastor.

Fa-

Faze, faze o que quizeres,
Que ou ames a Nizo, ou não,
Vale eſte meu coração
Muito mais que os ſeus haveres:
Amor firme não o eſperes,
Salvo ſe em meu peito for;
Que não ha outro Paſtor,
Quando em querer bem ſe empenha,
Nem que mais deſgraça tenha,
Nem que tenha tanto amor.

Já por gabar-me, não digo
Que na luta, e baile eſpanto,
E que Nizo, quando canto,
Não tem que fazer comigo;
Mas ſó vaidoſo me obrigo
Ir á poſta em querer bem,
Pois neſte monte ninguem
Acharás, poſto que pobre,
Nem de coração mais nobre,
Nem que ſaiba amar tão bem.

MOTE

Quando te não conhecia,
Nada de ti ſe me dava;
Sem penſamentos dormia,
Sem cuidados acordava.

GLOZA DO A.

N'Algum tempo, ah tempo amado!
De enganos me não mantinha,
Não tinha amor; e ſe o tinha,
Era ſómente ao meu gado:
Neſte monte ſem cuidado
O meu rebanho trazia:
Eu me deitava, eu m'erguia
De toda Aldéa bem quiſto;
Mas ſabes quando foi iſto?
Quando te não conhecia.

Quantas vezes, na floreſta,
Lambendo-me o meu rafeiro,
Paſſei quaſi hum dia inteiro
Sem me lembrar de outra ſeſta:
No baile depois da féſta
Mui poucas vezes entrava:
O peito não ſe alterava,
Não ſe entriſtecia o roſto:
Só iſto me dava goſto,
Nada de ti ſe me dava.

Não he hoje aſſim, tyranna,
Que por ti deixando o gado,
Troquei pelo meu cuidado
O ſocego da cabana:
A hora, o dia, a ſemana,
Sem que huma ſó vez me ria,
Paſſo a noite, paſſo o dia,
Olha como eſtou differente
Do tempo, em que docemente
Sem penſamentos dormia.

Dormia ao ſuave canto
Do paſſarinho innocente,
Hoje ſe durmo, he ſómente
Ao triſte ſom do meu pranto:
Acordo, o roſto levanto
Deſſe amor, de quem zombava;
Temo as ſettas, temo a aljava;
Não era aſſim algum dia;
Pois quantas vezes dormia
Sem cuidados acordava.

MOTE

Tomára quem me dissera,
Com toda a sinceridade,
Se prevalece a mentira
Contra a força da verdade.

GLOZA DO A.

E Ste crê que a falsidade
Póde subsistir mil annos,
Sem que a sombra dos enganos
Se atreva á luz da verdade;
Aquelle se persuade
De que á verdade sincera
Nunca a máo prevalecêra
Da abominavel Mentira:
Qual dos dous he que delira,
Tomára quem me dissera.

Mas se eu sei que facilmente
O que he réo, por justo passa,
E o justo soffrer a desgraça,
Que he só propria ao delinquente;
Que arbitro mais competente
Póde haver em toda a idade,
Que esta constante verdade:
Ella decide a questão,
E nos falla ao coração
Com toda a sinceridade.

Aſſim como ſuccedendo
Vai á noite o claro dia,
Aſſim a noite ſombria
Vai o dia interrompendo:
Huma vez reſplandecendo
Naſce a verdade, outra eſpira,
Succede-lhe o engano, e gyra
A denſa nuvem do engano,
Agora contempla humano,
Se prevalece a mentira.

Ditoſo aquelle Paiz,
Onde a mentira não tem
Lugar, porque alli ninguem
A verdade contradiz:
Deteſtavel, e infeliz
O terreno, onde a maldade
Com tão céga authoridade
Deo tanta força á mentira,
Que ſe atreve, que conſpira
Contra a força da verdade.

O mesmo Mote por outro modo.

GLOZA DO A.

NÃo sei que ha tempos diviso
No semblante de Filena!
Náo sei que gésto, que pena!
Que mysterioso surriso!
Hum juizo, outro juizo
Torno a formar, se eu pudera,
Mil perguntas lhe fizera,
Mas temo a irada resposta:
Se já de mim se desgosta,
Tomára quem me dissera?

Mas em fim determinado;
Ou ella se enfade, ou náo,
Vou perguntar-lhe a razáo
Do seu novo desagrado.
Filena, meu Bem, que enfado
Perturba a serenidade
Desse teu rosto? A verdade
Náo me occultes mais instantes,
Se inda fallas como d'antes
Com toda a sinceridade.

Se comtigo malquiſtar-me
Quer alguem, vê que te engana;
Porque .... mas ah que a tyranna
Fugio, não quiz eſcútar-me:
Mil vezes irá culpar-me
Como céga, e cheia de ira:
Não fora aſſim, ſe me ouvíra
Com ſemblante mais humano;
Porque ſó dura o engano,
Se prevalece a mentira.

Virá tempo, em que Filena,
Dentro do ſeu coração,
Conheça a induſtria da mão,
Que a verdade lhe invenena:
Como ficará de pena,
De confusão, de piedade!
Quando vir que a falſidade,
Que mil vezes a cegou,
Em vão de enganos ſe armou
Contra a força da verdade.

MO-

MOTE

Se te aborrece o querer-te,
He forçoſo o deſprezar-te;
Enſina-me a aborrecer-te,
Que eu não ſei ſenão amar-te.

GLOZA DO A.

EU já quiz ver ſe podia
Trocar em odio eſte amor;
E armei-me do teu rigor
Contra a minha ſympathia:
Muitas vezes conhecia
Que perco pouco em perder-te:
Quiz deixar-te, quiz não ver-te;
Porque não ver-te, ou deixar-te,
Talvez pudeſſe agradar-te,
Se te aborreee o querer-te.

Sei que me aborreces tanto,
Que o meu mal he o teu ſuſtento:
Sei que o teu divertimento
He ver correr o meu pranto:
Eu me confundo, eu me eſpanto
De inda não poder deixar-te;
E que o meu amor em parte
O teu rigor adoçando,
Te queira mais inda, quando
He forçoſo o deſprezar-te.

Deſ-

Desprezar-te, razão era,
Mas amor não he razão,
Nem tem mais Lei, que a paixão,
Que domina o home, e a féra:
Não posso, que se pudera,
Deixaria de querer-te;
Mas se ácaso de offender-te
Podes, tyranna, obrigar-te,
Tu para tudo tens arte,
Ensina-me a aborrecer-te.

Mas nem teu genio inimigo
Teria tanto poder;
Sim, que eu não posso aprender
A ser ingrato comtigo:
Das regras, de Amor, que sigo,
Não haverá quem me aparte;
E as de offender-te, ou deixar-te,
Nunca já mais seguirei,
Nem taes lições tomarei,
Que eu não sei senão amar-te.

MOTE

Já ſei, ingrato, já ſei,
Que eſſas lagrimas fingidas
Erão de appetite cheas,
Porem não de amor naſcidas.

GLOZA DO A.

ENganada a fantaſia
Me trouxe a minha innocencia,
Em quanto em ti a apparencia
Verdade me parecia;
Porém já chegou o dia,
Em que me deſenganei;
E os deſenganos comprei
Bem á cuſta dos meus damnos;
Pois todos os teus enganos
Já ſei, ingrato, já ſei.

N'outro tempo ſó de ver
Arrazar teus olhos de agoa,
Sentindo não ſei que mágoa,
Toda me deixei render:
Hoje bem podem correr
Delles aguas repetidas,
Nunca de mim ſerão cridas;
Que fora muita innocencia
Poder menos a experiencia,
Que eſſas lagrimas fingidas.

Con-

Corrêrão affortunadas,
Porque em fim pudérão tanto,
Que alcançárão com ſeu pranto
Couſas bem mal empregadas:
Sahírão acompanhadas
De palavras de ſereas;
Já com ellas não me enleas:
Que as lagrimas, e as razões
Vinhão cheas de traições,
Erão de appetite cheas.

Deſculpa-te c'os deſdens,
Que viſte da minha parte,
Que para tudo tens arte,
E niſto inda mais a tens:
Deſengana-te, ſe vens
Com mais lagrimas fingidas,
Que ellas por mais repetidas
Que appareção; ſim ſerão
Naſcidas de outra paixão,
Porém não de amor naſcidas.

MO-

MOTE

Vai, afflicto coração,
Conta bem o que padeces,
Para ver se assim mereces
Tenhão de ti compaixão.

GLOZA DO A.

Coração, se ainda aquella,
Que te maltratou, duvída
De que he mortal a ferida,
Que te fez, por ser tão bella;
Voa; vai diante della,
E bem que o farás em vão
Cheio de dor, e afflicção,
Para essa chaga malina,
Vai pedir-lhe a medicina,
Vai, afflicto coração.

De queixas enchendo os ares,
Coração, por onde fores,
Com suspiros sécca as flores,
Com pranto accrescenta os mares:
Quando á presença chegares
Dessa gloria, que appeteces,
De te queixares não cesses,
Solta a voz, accende a fragoa,
Repete-lhe a tua mágoa,
Conta bem o que padeces.

Moſtra á formoſa homicida
Co' as roxas azas cruzadas,
Que inda as levas ſalpicadas
Do ſangue d' atroz ferida:
Moſtra a chamma, que accendida
Nas Aras do peito offreces;
E pois ſó lhe deſmereces,
Faze, faze, coração,
Eſta ultima oblação,
Para ver ſe aſſim mereces.

Se inda aſſim for tão tyrana,
Que de ti nenhum dó tenha,
Vai-te queixar a huma penha,
Será talvez mais humana:
Fóge deſſa tigre Hircana,
Vai contar tua afflicção
A ourras féras, que são
Naſcidas nas toſcas grutas,
Póde ſer, ſendo tão brutas,
Tenhão de ti compaixão.

MOTE

Amor perfeito não dura.

GLOZA DO A.

TUdo em chegando a tocar
A linha da perfeição,
Por natural condição
Entra logo a declinar:
No amor inda este desar
Cada dia mais se apura:
A experiencia o segura
A' custa de tantos ais;
Que em fim, como tudo mais,
Amor perfeito não dura.

Por outro modo.

PÓde alguma vez amor
No Mundo achar-se perfeito,
Quando se encontra em sogeito,
Que seja do meu humor;
Mas buscallo sem temor
Em feminil creatura,
Mais do que engano, he loucura;
Que principalmente nella,
Por mais que seja a cautela,
Amor perfeito não dura.

MOTE

Do Téjo as arêas de ouro.

GLOZA DO A.

O Mais rico original
Em ti, Marcia, o Ceo defcreve:
No rofto efpalhou-te a neve,
Nos dentes poz-te o criftal:
Para os beiços de coral
Foi defcubrir hum thefouro;
E para o cabello louro,
Com que prende os alvedrios,
Formou em delgados fios
Do Téjo as arêas de ouro.

Por outro modo.

SE puzeres, Ninfa impia,
Termo aos antigos pezares
De hum pefcador, que em teus mares
Paffa a noite, paffa o dia,
Dar-te-hei toda a pefcaria,
Que apanhar no Lima, e Douro:
Dar-te-hei de mais hum thefouro,
Que de mergulho profundo
Ver-me-hás ir bufcar ao fundo
Do Téjo as arêas de ouro.

MOTE

De Anarda os olhos formoſos.

GLOZA DO A.

VErdes, gracioſos outeiros,
Que em deſigual compoſtura
Retratais voſſa figura
Nas aguas deſtes ribeiros:
Voſſos redonhos pinheiros,
Voſſos pampanos viçoſos,
Voſſos frutos ſaboroſos,
E o mais, por que a viſta eſtendo,
Nada me alegra, não vendo
De Anarda os olhos formoſos.

MOTE

Nos dotes, que o Ceo te deo.

GLOZA DO A.

NÃo te dou, Ninfa excellente,
Finas pedras Orientaes,
Nem eſſes ricos metaes,
Por quem tanto ſua a gente:
Pedras, que naturalmente
Pouco a pouco o mar lambeo,
São as que Amor eſcolheo
Para ti; que a Natureza
Te deo toda a mais riqueza
Nos dotes, que o Ceo te deo.

MO-

MOTE

Em ſinal da eſcravidão.

GLOZA DO A.

REndi-me com tanto acerto,
Hum Divino roſto vendo,
Que mil vezes me arrependo
Do tempo, que fui liberto:
Por mais cultos, que lhe offerto,
Poucos acha o coração;
E com tanta ſujeição
A liberdade me enlea,
Que eu meſmo beijo a cadea
Em ſinal da eſcravidão.

MOTE

Morrendo eſtou de ſaudades.

GLOZA DO A.

AH! Que contra o meu deſejo
Fugindo o meu Bem me vai!
Detem-te, eſpera .... mas ai,
Já ſe foi, já o não vejo:
Que faço, que não forcejo,
Por ir com elle? Deidades,
Deſſas mudas ſoledades
Ide buſcar-me o meu Bem:
Ide, que elle he ſó, por quem
Morrendo eſtou de ſaudades.

MO-

MOTE

Nada do que vejo quero.

GLOZA DO A.

MOſtrou-me a Fortuna abertas
As portas dos ſeus theſouros:
Moſtrou-me as palmas, os louros,
Fez-me mil milhões de offertas:
Fortuna, tu não acertas,
Lhe diſſe de hum tom ſevero,
Porque os altos dons, que eſpero,
Cruel, não mos podes dar:
Torna o theſouro a fechar:
Nada do que vejo quero.

MOTE

Fez da côr da minha ſorte.

GLOZA DO A.

QUando os olhos vou erguer
Para os pôr nos teus Divinos,
Lembrão-me mil deſatinos,
Que ſinto, e não ſei dizer:
Tu, que ſabes comprehender
Eſte genero de morte,
Perdoa-me algum tranſporte,
Que vires nos olhos meus;
Culpa os Ceos, porque eſſes teus
Fez da côr da minha ſorte.

MOTE

Paixão de amor o que be.

GLOZA DO A.

MIl vezes de amor zombava,
Quando te não conhecia,
Porque inda então não ſabía
O que eſtà paixão cuſtava:
Alegre o tempo paſſava,
Sem ſaber o que era fé;
Mas depois, tyranna, que
Em teus olhos me empreguei,
Inda mal que tanto ſei,
Paixão de amor o que be.

Por outro modo.

GLOZA DO A.

ARraſtar duros grilhões,
Dar mil gemidos, mil brados;
Sentir, como os condemnados,
Infernaes tribulações,
Fazer mil conſiderações,
Do que ouve, e do que vê,
Negar o meſmo que crê,
Morrer todos os inſtantes,
Eis-aqui, triſtes amantes,
Paixão de amor o que be.

MO-

MOTE

No meio de tanto fogo.

GLOZA DO A.

POr toda a parte espalhando
Os meus suspiros ardentes
Vou, não só ás vivas gentes;
Mas verdes troncos queimando:
Com elle o ferro abrando,
Derrete-se a pedra logo,
Só a meu ardente rogo
Aquella tyranna, aquella...;
Endurece, esfria, gella
No meio de tanto fogo.

COLXEA

A's doces prizões de Amor
Entreguei a liberdade.

GLOZA DO A.

DIze, seja como for,
Se das mais te queres rir,
Faze muito por fugir
A's doces prizões de Amor:
Guarda esse rico penhor
Da preciosa vontade,
Para que correndo a idade,
Não digas, como eu já disse,
Em negra hora infelice
Entreguei a liberdade.

COLXEA

Amor, para me prender,
Os teus olhos me moſtrou.

GLOZA DO A.

POr vingar-ſe Amor, quiz ver
Se perder-me ſaberia:
Que induſtrias não buſcaria,
Amor, para me prender!
Principiou a bater
Mil ferros, que encadeou;
Chaves algumas forjou;
Porque tudo mallogrando,
Não me prendeo ſenão quando
Os teus olhos me moſtrou.

COLXEA

Inda que a fonte tem limos,
Quem tem ſede ſempre bebe.

GLOZA DO A.

GRaças a Deos: Conſeguimos
Deſcubrir neſte alto monte
Para beber huma fonte,
Inda que a fonte tem limos:
Com ſede, e com calma vimos,
No roſto ſe nos percebe,
Vai, no tarro a agua recebe,
Que a neceſſidade enſina,
Que da fonte mais mofina,
Quem tem ſede ſempre bebe.

ENDEIXAS

I

ALbano ; que amava
Dinamene bella,
Andava por ella
Sempre a ſuſpirar.

Fugindo da gente,
Porque não queria
Outra companhia
Mais que o ſeu pezar.

Nas margens deſertas
Do Téjo ſaudoſo,
Se vai deſgoſtoſo
Sózinho encoſtar.

Contando ás hervinhas
Da freſca eſpeſſura
A pouca Ventura;
Que teve em amar.

Do peito deſata,
Em ſeu deſalento,
Suſpiros ao vento,
Lagrimas ao mar.

E como que eſtava
Já perto da morte,
Em vão deſta ſorte
Se entrou a queixar.

Gentil Dinamene,
Honra deſta Aldêa,
Do boſque, e da arêa
Ninfa Tutelar.

Por ti ha mil dias
Que morro, vivendo,
Porque vá morrendo
Sem nunca acabar.

Depois que os meus olhos
Nos teus empreguei,
Ver outros não ſei,
Que os poſſa alegrar.

Se os meus te aborrecem;
Porque andão choroſos,
Põe-lhe os teus piedoſos,
Faze-os enxugar.

Se he que então meu pranto,
Que hoje he ſó deſgoſto,
Não correr de goſto,
Vendo-te abrandar.

Se ſabes que eu morro,
Porque não me acodes;
Pois bem ſei que podes
Dar vida, e matar.

Amor nem com todos
Se empenha de véras;
Que amor tem as féras,
Sem ſaber amar?

Bem ſei que hum Paſtor,
A quem tudo falta,
A Ninfa tão alta
Não deve aſpirar.

Mas não ama o corpo,
Ama a alma forte,
E Amor, como a morte,
Nos ſabe igualar.

Se não tenho gado,
Que offrecer te poſſa,
Se não tenho choça
Para te abrigar,

De puros affectos,
Candido rebanho,
Formarei tamanho
Como terra, e mar.

E

E eſtas innocentes
Entranhas mil vezes,
Em lugar de rezes,
Sobre o teu Altar,

Irei, Ninfa, eu meſmo,
C' o peito já roto,
Alegre, e devoto
A ſacrificar.

E ſe for poſſivel,
Depois deſta vida,
A' minha alma unida
A tua ha-de andar.

Mais dizer queria
De ſeu mal tyranno;
Mas não pode Albano
Adiante paſſar.

Das tremulas mãos
Cahio-lhe o encoſto;
Sem o triſte roſto
Poder levantar.

Porém Dinamene,
Que ouvindo eſtivera
Quanto elle diſſera
Cheio de pezar,

Fez

Fez tão pouco caſo
De ſeu mal ouvir,
Que em vez de o ſentir,
Se poz a cantar.

II

PAſtora, a mais bella,
Que neſſa eſpeſſura
Permittio Ventura
Foſſes minha Eſtrella;

Não são as que eu vejo
No Ceo tão brilhantes,
Nem eſtão tão diſtantes
Para o meu deſejo.

Mas ſe tão formoſa
Lá do Ceo cahiſte,
Porque não ſahiſte
Como elle piedoſa.

Se teu roſto a palma
De Angelico tem;
Moſtra que es tambem
Angelica n'alma.

E ſe prezo vivo
Deſſa formoſura,
Trata mais brandura
Com quem eſtá cativo.

A tua inclemencia
Ociosa não seja,
Que aonde amor sobeja,
Sobeja a violencia.

A minha saudade
Capaz he de tudo;
Que he mal mais agudo,
Que a tua crueldade.

E neste excessivo
Mal, em que discorro,
De não ver-te morro,
De adorar-te vivo.

Ah se tu estiveras
Dentro neste peito,
Do mal, que lhe has feito,
Tu te arrependêras!

Mas ai que eu me engano!
Dentro nelle estás:
Apalpa, e verás,
Que he o teu Albano.

Dá-lhe este conforto,
Acode a seus ais:
Vé se tarda mais,
Que o achas já morto.

Se este amor não queres,
E o bem me demoras,
Direi que as Pastoras
Tambem são mulheres.

III

ANdais enganados;
Corações humanos;
Que Amor não tem culpa
Dos vossos enganos.

Quem delle se queixa,
No mal, que padece,
Quanto mais o culpa,
Menos o conhece.

Eu, que recebi
Feridas tamanhas,
Que inda verto sangue
Das rotas entranhas,

Nem por isso volto
Contra elle os tiros;
Antes dou por elle
Grossos suspiros.

Não ha maior erro,
Que o filho innocente
Pagar os delictos
Da mãi delinquente.

El-

Ella lhe accommoda
Nas mãos delicadas
O arco ſonoro,
As ſettas douradas.

As ſettas lhe aponta,
O corpo lhe ampara;
O braço lhe curva,
O tiro diſpara.

Porém como ás cégas
O ſimples rapaz
Faz quanto a Mãi quer,
Não ſabe o que faz.

Comigo mil vezes
Baldou eſtes meios;
Porque andava armado
De antigos receios.

Té que hum certo dia,
Que eu tenho em memoria;
Diſpoz-me batalha,
Conſeguio victoria.

Das armas do filho
Não ſe quiz valer;
Que tem outras armas
Para me vencer.

Hum formoſo roſto,
Hum riſo modeſto,
Hum volver de olhos,
Hum mudar de géſto,

As armas ſó forão
Da ſua conquiſta;
Porque pode menos
O ferro, que a viſta.

Se a bella figura
De Venus então
Gemer não fizera
O meu coração,

Não cuides, ſe as pontas
Do arco ajuntáras,
Que nelle hum ſó tiro,
Cupido, acertáras.

Eſte anda moſtrando
As chagas do peito,
Dizendo, que es tu
Cauſa deſte effeito.

Aquelle praguеja
Os grilhões dourados,
A todos contando,
Que lhe são pezados.

Hum

Hum diz que padece
Frenetico mal,
Nascido de hum fogo,
Ciume infernal.

Outro, na balança
De huma dor immensa,
Vai pezando as faltas
Da má recompensa.

Que culpa tens tu,
Menino innocente,
Do mal que discorre
Esta louca gente?

Não serás Virtude
Praticada assim,
Para quem abusa
Do teu justo fim;

Mas para quem sabe
Dirigir seus passos,
São tuas cadeias
Os mais doces laços.

Vive Amor, e reina
Só nos corações
Daquelles, que sabem
Conter as paixões.

Será o teu nome
Todos os inſtantes
Por mim defendido
Dos loucos amantes.

Tecer-te-hei grinaldas
Com mãos cuidadoſas
De candidos lirios,
De purpureas roſas.

De innocentes rolas
Cem fórmoſos pares;
Banharão de ſangue
Teus puros Altares.

Eſte ſacrificio,
Doce Amor, acceita
A quem por ſeu goſto
Tanto ſe ſujeita.

Ajudem-me todos
A dar-te louvores;
E formem-ſe as queixas
Da Mãi dos amores.

De Amot não culpeis
Os farpões tyrannos,
Que amor não tem culpa
Dos voſſos enganos.

MOTE

A ti só, e a mais ninguem.

GLOZA DO A.

MArcia, os máos versos, que estáo
Escritos neste volume,
Mais digno de arder no lume,
Que de vir á tua máo:
Foi gastar o tempo em váo,
De que me arrependo bem:
A culpa o meu Fado a tem;
Pois inda entáo náo sabia,
Que fazer versos devia
A ti só, e a mais ninguem.

SONETO

A' Estatua Equestre.

SE queres ver huma Memoria estranha,
(Remoto povo) arma veloz Navio;
Demanda as praias do famoso Rio,
Cujo nome tomou de hum Rei de Hespanha:

Não são despójos miseros que apanha
Barbara mão de vencedor Gentio,
São os triunfos de hum Monarca Pio,
Representados n'uma só façanha:

São de hum Conquistador, sem ser Guerreiro;
Pacificas acções, Obras felices,
Sobre as ruinas de hum Imperio inteiro;

He finalmente (ah! se agora o visses!)
Modêlo Augusto de hum José Primeiro,
Fiel Retrato de hum segundo Olisses.

SONETO

Ao mesmo.

A' Sombra de altos Cedros levantados,
Entre as quatro Estações, e os doze Mezes;
Sobre hum montão de Tógas, e de Arnezes,
Descançar vejo os Seculos passados:

Huns empunhando estão os Sceptros dourados,
Outros abrindo os Fastos Portuguezes:
Os nomes lem desses Heroes, mil vezes;
Santos nas leis, nas Guerras esforçados:

Mais antigas acções de Heroes admirão,
Com que se honrára o Seculo de Augusto,
Por quem os nossos tempos não suspirão:

Porém, naquella Estatua, e neste Busto,
Esses ditosos Seculos não virão
Hum Ministro tão sabio, hum Rei tão justo.

SONETO

Ao mesmo.

NÃo he do Estatuario a mão perita,
Que admiro, ó Rei, na tua Cópia Augusta;
Fecunda idéa, proporções ajusta;
Braço Real, emprezas facilita:

Não he a massa enorme, a que acredita
O respeito da máquina robusta:
O que ella representa, he que me assusta,
Que a ver me móve, que a fallar me incita.

Estatuas de alguns Reis tem visto a Historia,
E haver já não devia entre os humanos
De taes Estatuas, de taes Reis memoria:

O que faz immortaes os Soberanos,
He saber, como tu, encher de gloria
A carreira incançavel dos seus annos.

MOTE

Eu nunca largarei laços amantes.

SONETO

OS ares enchão de mortaes gemidos,
Os que, de Amor, no Mundo maltratados,
Por não poderem co's grilhões pezados,
Eſtão já de ſeu jugo arrependidos:

Voltem-ſe contra Amor, de mal ſoffridos
Nas ſuas afflicções, nos ſeus cuidados,
E já dos laços ſeus deſeſperados,
Quebrem, podendo, os ferros deſabridos:

Quebrem, fujão de Amor, e abſortos vejão,
Que elle forças me deo tão relevantes,
Que para ſuportallos, me ſobejão:

Embora ſejão todos inconſtantes,
Que por mais duros que eſtes laços ſejão,
Eu nunca largarei laços amantes.

MOTE

Em chammas de Amor arde o meu peito.

SONETO

Esse fogo de Amor, em que alguma hora
Ardeo, por lenha, o coração magoado,
A cinzas reduzido, a pó tornado,
Por huma vez de todo lancei fóra:

Que Medéa, que Circe encantadora
(Dizia eu no meu tranquillo estado)
Por mais laços que tenhão preparado,
Podem prender-me o coração já agora?

Mas, que valeo a solta liberdade?
Se só dos olhos teus hum breve geito
Vence o mais alto imperio da vontade!

Só tu fazer podias tanto effeito,
Que a pezar da soberba, e da vaidade,
Em chammas de Amor arde o meu peito.

MOTE

Em ti a mão da naturèza encerra.

SONETO

QUiz Amor refumir n'hum fó fogeito
Quanto tem pelos outros repartido:
Nos olhos, poz-lhe as fettas de Cupido,
E a voz de Cifne lhe infundio no peito:

Por ti abforto o timido refpeito,
'Anda em todas as gentes dividido:
Em fim, não ha em nós hum fó fentido,
Que fe não veja a teu poder fujeito:

Honra pois do teu fexo, honra a memoria,
Triunfa, que fe alguma te faz guerra,
Terás, por campo, o Mundo, na victoria:

Enche de pafmo o Ceo, de affombro a terra:
Que quanto ha em epilogo na gloria,
Em ti a mão da naturèza encerra.

SONETO

CHorando Venus por ſeu filho andava,
Não ha muitos inſtantes, e dizia,
Que humas grandes alviçaras daria
A quem lhe deſcubriſſe, onde elle eſtava:

Para ſe conhecer, os ſinaes dava;
A todos affirmando, que trazia,
Fogo nos olhos, em que o Mundo ardia,
No hombro tenro, e nú, pendente a aljava:

Eu, ſabendo qual era o ſeu deſtino,
Da mãi deſconſolada enxugo o pranto;
Comigo a levo, onde elle eſtá, lhe enſino:

Venus olhou, e cheia de alto eſpanto,
Vio eſtar o Deos de amor, o ſeu menino,
Elevado nas glorias do teu canto.

SONETO

Humas vezes, não sei porque motivo,
Me sinto andar, assim como pasmado,
Outras vezes de todo sepultado
No desacordo, não pareço vivo:

Lá torno em mim, e fico pensativo
No destino infeliz do meu cuidado:
De hum triste sono, funebre, e pezado,
De novo, outra vez torno a ser cativo.

Os olhos fecho, a languida cabeça
Para a parte humas vezes se reclina,
Outras vezes para os hombros se atravessa:

Ser triste, e desgraçado, em mim foi sina;
Pois quem tão mal do berço assim começa,
Só tem na sepultura a medicina.

SONETO

ERguei-vos, Ninfas, madrugai, Paſtores,
E lá de cima do mais alto outeiro
Vede raiar os novos reſplendores
Do melhor dia, deſde que ha Janeiro:

Vede queimar-lhe, em fervido brazeiro,
Cupido as ſettas, em lugar de flores;
Porque completa mais hum anno inteiro,
A que naſceo, para matar de amores:

Semeai em ſeu nome, ſe quizeres
Ver do anno a colheita mais diſtincta,
Com auxilio de Pan, favor de Ceres,

Em quanto eu peço a Amor, que me conſinta,
Que em fé dos voſſos, e dos meus prazeres,
O nome eſcreva da immortal Jacinta.

SONETO

MUſa, que voa ha tanto tempo errante
Nas azas da mortal melancolia,
Dizer não póde, quanto pede hum dia,
Que aſſinalou voſſo natal brilhante:

Por mais que ſobre as nuvens ſe levante,
Como vê, ſoffocada na agonia,
Poucas vezes o roſto da alegria,
Treme ſó de lhe ver o bom ſemblante:

Ella ſim tinha o animo diſpoſto,
Para tecer á tua vida hum canto,
Digno de apparecer neſte meu roſto;

Mas o coſtume de chorar he tanto,
Que ſe tenho algum goſto, ſahe o goſto
Disfarçado nas lagrimas do pranto.

SONETO

Fileno, essa paixão modera, e esfria,
Que já he contumacia a persistencia;
E de amor, nos triunfos, a violencia,
Passa de ser victoria á ser porfia:

Ah! Deixa essa cruel, deixa essa impia,
Que assim lhe lisonjeas a inclemencia;
Pois talvez seja culto a desistencia,
Onde foi sacrilegio a idolatria:

Não dóbres, não, a hum pedernal o joelho,
Que faz a adoração barbaridade,
Melhor o sentes tu, que eu o aconselho:

Nega-lhe o culto, volta-o á amizade;
E vendo o seu rigor, e o meu conselho,
Mais que esse engano, adora esta verdade.

SONETO

FIleno, acorda tu, e durma a fria,
A crua Dinamene muito embora:
O seu amor confunde, o teu melhora,
Que nem o preza, nem o merecia:

Deixa ficar no sono em que jazia;
Não a desperte o teu amor já agora;
Porque hum igual descuido em quem adora,
Não he sono sómente, he lethargía:

Insensivel ao teu merecimento,
E entorpecida de hum quebranto enorme,
Não dá de amor mais leve movimento:

Recebe pois este importante informe;
E então darás ao Mundo o documento,
Que sabes despertar, quando ella dorme.

SONETO

DEixa, Eneas, a Dido, e da ſaudade,
Conſeguindo triunfos a memoria,
Troca, pela de amor, mais alta hiſtoria
Nos caminhos, que abrio á Herocidade:

Porém quando lhe déſſe a qualidade
De Heroe completo, a ſucceſſiva gloria,
Baſtaria a ſeu nome eſta victoria,
Para o ir collocar na eternidade:

Do antigo Lacio, na Região procura
Ir buſcar mais victorias, noutra empreza;
Que a de Carthago aſſim, já tem ſegura:

Profiga a viagem, próve a fortaleza;
Que não teme os poderes da ventura,
Quem domina os imperios da belleza.

SONETO

SEmpre me pareceo que neste dia,
De Dinamene visse o bello rosto;
Mas sempre hum infeliz acha desgosto,
Onde imagina achar doce alegria!

Não sei que amavel, terna sympatia
A bem querer-lhe, já me tem disposto!
Mas a tão bello natural composto,
He divida a mais firme idolatria:

Minha alma he dos seus olhos prizioneira,
E deste cativeiro lhe redunda
Escravidão gostosa, e lisonjeira:

No suave prazer, toda se funda
De tella visto já a vez primeira;
Mas quando a tornarei a ver segunda?

SONETO

NA razão ſuprior que em vós ſe alcança,
Não ſe queixa a juſtiça da ventura,
Pois ſó no voſſo merito ſegura,
Sem os perigos do favor, deſcança:

Da voſſa feliciſſima bonança,
Por mais que a Inveja ſordida murmura,
O legal ſimulacro então procura
Suſtentar o equilibrio da balança:

De litigar-ſe a cauſa, não ſe entenda
Menos juſtiça em vós; ſe aſſim não fora,
Não ſe apurára no cryſol do pleito:

Foi preciſo durar eſta contenda;
Porque o dar-ſe-vos logo o bem da poſſe,
Parecêra equidade, o que he direito.

SONETO

SE eu pudera, meu bem, neſte retiro
Explicar da minha alma o deſalento,
Baſtáráõ para vozes do tormento
As eloquentes frazes de hum ſuſpiro:

Mas a violenta dor he tal, que infiro
Do meu peito ſerá punhal cruento;
Pois ſe hum ai quero dar, no ſentimento
Soffocada a meſma alma, nem reſpiro:

Eu me ſinto mortal; mas deſta ſorte
Melhor exprimo a dor, ſem outro enſaio,
Que diga a pena, que encareça o córte:

Mas, ſe he a ruina quem abona o raio,
Que melhores imagens para a morte,
Que os afflictos ſilencios de hum deſmaio.

F I M.

TA-

TABELLA

De todos os Sonetos, que contém este segundo Tomo, assinalados alfabeticamente com as paginas aonde vão lançados cada hum per si, e juntamente as mais Obras grandes, e pequenas.

Vai,

V

ODES.

CANÇÕES.

IDILIOS.

EPICEDIO.

TRAGEDIAS.

MISCELLANEAS.

Motes alheios glozados pelo A.

COLXEAS.

ENDEIXAS.

TABELLA

Dos Sonetos novamente accrefcentados.

PROTESTAÇÃO.

AS palavras Numen, Fado, Deſtino, Divindade, &c. empregadas ſómente para melhor exprimir a ficção Poetica, não tem alguma couſa de commum com os internos ſentimentos do Author, que como obediente filho da Igreja em tudo ſe ſubmette ás determinações della.